



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Faculdade de Formação de Professores.  
Programa de Pós-graduação em Educação.

**Geovani Lever de Mendonça**

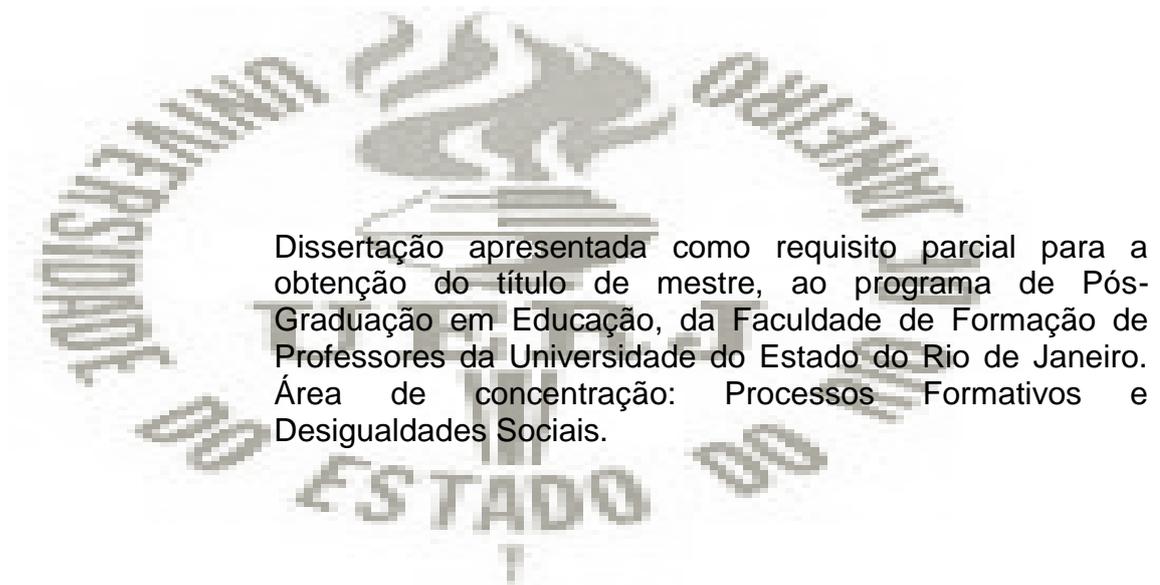
***Um gauche nos trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública de 1934 a 1945.***

São Gonçalo

2014

**Geovani Lever de Mendonça**

**Um *gauche* nos trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública de 1934 a 1945.**



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Camara.

São Gonçalo

2014

Geovani Lever de Mendonça

**Um *gauche* nos trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública de 1934 a 1945.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre, ao programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Processos Formativos e Desigualdades Sociais.

Aprovada em \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Camara (orientadora).  
Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

---

Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Jorge Antônio Rangel  
Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

---

Ana Waleska Póllo de Mendonça  
Pontifícia Universidade Católica – PUC/RIO

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Ferreira  
Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

São Gonçalo  
2014

## DEDICATÓRIA

À Deus pela possibilidade de trilhar os rumos da pesquisa, aos meus pais Maria José e Elifas pela fé que depositaram em mim, à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia Camara pela dedicação, pelo carinho e seriedade com a condução de nosso trabalho e ao Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Jorge Antônio Rangel (Fidel) por acreditar em meu potencial, pela confiança de sempre e pelo direcionamento de vida.

## AGRADECIMENTOS

Nossas vivências e os caminhos que percorremos na jornada da vida são alicerçadas por colaborações. Nada faríamos sem o cuidar, o zelo, o carinho e o direcionamento de pessoas que confiam em nossas ações e nos apoiam nos momentos de fraqueza. Uma das grandes dádivas da vida é o ato de agradecer. As pequenas situações e os grandes acontecimentos ganham legitimidade quando estamos dispostos a reconhecer aos que sempre estão por perto. Nada faríamos sem a condução da fé que carregamos. Deus é o motivo de nossas conquistas diárias e Jesus Cristo nosso protetor maior. As nossas realizações são regidas pela fé que exercemos na vida e no que acreditamos.

O professor Jorge Antônio Rangel (Fidel) cumpriu a função de ciceronear o mundo acadêmico a mim em tempos de graduação. Sua postura simples me incentivava e me apresentava à pesquisa como *conditio sine qua non* para o professor/educador. Seu amor pelo *gauche* transpôs os sentimentos que vibravam em seu peito e me contagiou, pois, tínhamos algo em comum: a admiração por Drummond e o amor pela boa escrita. À Fidel o meu muito obrigado.

*Um gauche nos trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública nos anos de 1934 a 1945* nasceu a partir de uma parceria. Foi uma grata satisfação passar esses dois últimos anos ao lado de minha orientadora Sônia Camara. Fomos, aos poucos, nos aproximando, nos entendendo e criando laços de respeito mútuo. Seus ensinamentos e suas ponderações foram preponderantes para a construção desse trabalho. Professora que leva suas ações com seriedade, rigor, mas é nítido, ama o que faz. Se hoje me constituo como pesquisador foi por intermédio de seus ensinamentos, mestre, orientadora e amiga. À minha querida Sônia Camara o meu muito obrigado.

Os contatos que temos na vida nos constituem. No segundo semestre de 2012 fiz uma disciplina eletiva na PUC/RIO. Lá, conheci a Professora Ana Waleska. Assistindo suas aulas, pude entender o quão importante é a humildade em nossa formação profissional e, assim, desmistificar

a ideia de frieza na academia. Lá existe, respeito, valorização e solidariedade. À Ana Waleska o meu muito obrigado por acreditar em meu trabalho e fazer parte de minha banca.

Os agradecimentos se estendem às pessoas que passam e nos marcam. Aos meus professores do mestrado que, nas disciplinas cursadas, nos apresentaram saberes importantes para a nossa formação. Aos meus amigos de turma de mestrado que foram essenciais em minha jornada. Nossas conversas nos intervalos de cada aula foram importantes e fizeram parte da construção de conhecimentos.

Agradeço também à Rogério pelo apoio e incentivo em todos os momentos. À minha diretora Marlene pela ajuda de sempre, ajeitando minhas turmas, meus horários para facilitar meus estudos. Quero também demonstrar minha gratidão à bibliotecária Rejane pela ajuda e consideração apresentadas. Aos funcionários da secretaria da pós-graduação da FFP, especialmente ao Marquinhos por facilitar os direcionamentos burocráticos do curso.

Também são dignas de minha gratidão as instituições de pesquisa com as quais mantive contato. Ao CPDOC pela receptividade. À Fundação Casa Rui Barbosa pelo apoio aos pesquisadores, aos seus funcionários sempre solícitos na disposição dos arquivos. E a todos que se lembraram de minha pesquisa, me oferecendo e indicando bibliografias para estudo.

E um agradecimento especial à minha família. Meus pais pelo apoio e confiança. À Kesley pelo reconhecimento e incentivo. Aos que, de uma forma indireta, torceram pela realização de um bom trabalho e estavam próximos. À Thiago pela acessibilidade e por acreditar na educação. À minha querida prima Késia, pelo carinho: corremos muito! Ao meu irmão e minha tia Eliane pelo carinho e apoio mesmo distantes. Enfim, a todos que colaboraram para a construção de minha formação.

A linguagem que eu falo *em mim mesmo* não é de meu tempo; está exposta, por natureza, à suspeita ideológica; é portanto com ela que é preciso que eu lute. Escrevo porque não quero as palavras que encontro: por subtração.

*Roland Barthes*

## ABSTRACT

MENDONÇA, Geovani Lever de. *A gauche in the Tropics: the political action of Carlos Drummond de Andrade in the Ministry of education and public health from 1934 to 1945*. 2014. 131 f. Dissertação ( Mestrado em Educação) Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

This master research investigates the political action of the intellectual Carlos Drummond de Andrade during the period in which he participated in the Ministry of Education and Public Health in the management of Gustavo Capanema in 1934 to 1945. The proposal is to analyze the 11 years in which Drummond headed the cabinet of the ministry, seeking to understand his actions, contributions and influences in the political, social and educacional panorama in Brazil. The Constitution and the influences of the intellectual elite in Minas Gerais will be revise, as well as the trajectory of Carlos Drummond during this period, in order to understand aspects related to the national education, as well as the group of individuals who, with him, cooperated in the desire to compose a modern political identity for the country. The sources which we prioritize are the correspondences between Drummond and Capanema, interviews, lectures, intellectual and imagetic production, among other materials. As theoretical reference, we have the works of Certeau (2011), Ginzburg (2011), and Bloch (2002). As references to the historical context and the studies about Capanema's ministry we have Bomeny (2000, 2001), Gomes (1996, 2000), Miceli (2001) and Ferreira (2010).

Keywords: Carlos Drummond de Andrade, Ministry of Education and Public Health and educational policy.

## RESUMO

MENDONÇA, Geovani Lever de. *Um gauche nos trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública de 1934 a 1945*. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

A presente dissertação investiga a atuação política do intelectual Carlos Drummond de Andrade durante o período em que participou do Ministério da Educação e Saúde Pública na gestão de Gustavo Capanema de 1934 a 1945. A proposta é analisar os onze anos em que Drummond chefiou o gabinete do ministério, buscando compreender as suas ações, contribuições e influências no panorama político e sócioeducacional brasileiro. A constituição e as influências da elite intelectual da geração mineira serão revisitadas, bem como a trajetória de Carlos Drummond neste período a fim de compreender os aspectos relacionados à educação nacional, bem como a rede de indivíduos que, com ele, colaboraram no desejo de compor uma identidade política modernizadora para o país. As fontes priorizadas pelo estudo são as correspondências entre Drummond e Capanema, as entrevistas, as palestras, a produção intelectual e imagética, entre outros materiais. Como referencial teórico, a pesquisa irá dialogar com os trabalhos de Certeau (2011), Bourdieu (1968), Ginzburg (2011), e Bloch (2002). Na imersão ao contexto histórico e nos estudos do ministério Capanema as aproximações serão construídas a partir de referenciais como Bomeny (2000, 2001), Gomes (1996, 2000), Miceli (2001) e Ferreira (2010).

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade, Ministério da Educação e Saúde Pública e Política Educacional.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Vista da cidade de Itabira do Mato Dentro	23
Imagem 2 – Vista da cidade de Itabira do Mato Dentro	23
Imagem 3 – A infância em Itabira	24
Imagem 4 – A juventude em Itabira	25
Imagem 5 – O perfil feminino do povo Itabirano	25
Imagem 6 – O perfil masculino do povo Itabirano	25
Imagem 7 – Fazenda do Portal	27
Imagem 8 – Carlos Drummond de Andrade aos dois anos de idade	27
Imagem 9 – A família Andrade em 1915	27
Imagem 10 – Inauguração do Grupo Escolar	28
Imagem 11 – Boletim escolar de Drummond	29
Imagem 12 – Boletim escolar de Drummond	29
Imagem 13 – Boletim escolar 1911	30
Imagem 14 – Centro Itabirano de Cultura	31
Imagem 15 – Título escolar	33
Imagem 16 – Título escolar	33
Imagem 17 – Edição do Aurora Collegial	34
Imagem 18 – Capa da Revista Antropofagia	76
Imagem 19 – Lançamento da Pedra Fundamental	83
Imagem 20 – Conferência “Os nossos grandes mortos”	84
Imagem 21 – VII Congresso Nacional de Educação	84
Imagem 22 – Escola Nacional de Belas Artes	85
Imagem 23 – Debate sobre a ortografia na ABL	85
Imagem 24 – Comemoração 2º ano de Ministério Capanema	86
Imagem 25 – Capa da 1ª edição de “Sentimento do Mundo”	110
Imagem 26 – Reunião Fundação Nacional dos Escritores	114
Imagem 27 – Lista de presença escrita por Drummond	114
Imagem 28 – Capa da 1ª edição “A Rosa do Povo”	115
Imagem 29 – Soldados Russos no campo de batalha	118
Imagem 30 – Bustos de Getúlio Vargas arrancados	119

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
<b>1 - MINEIRIDADE OU BRASILIDADE? CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E O LEGADO DA GERAÇÃO MINEIRA PARA O FORTALECIMENTO DA POLÍTICA NACIONAL.....</b>	<b>22</b>
1.1 – <i>Raízes de um Itabirano: a ação de Carlos Drummond de Andrade em tempos de Minas.....</i>	<b>22</b>
1.2 - Drummond e a construção identitária dos letrados: o elo entre as elites intelectuais e a política de modernização nacional.....	41
1.3 – A inserção dos intelectuais no governo Vargas: os aliados e a política Nacional.....	49
1.4- <i>Cartas a um velho amigo: Os enlaces entre Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema.....</i>	<b>64</b>
<b>2 – AS ALIANÇAS ENTRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, UM INTELLECTUAL NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA 1934-1945. ....</b>	<b>70</b>
2.1 – A arte e suas expressões: o poeta modernista e os alicerces da política brasileira. ....	70
2.2- <i>O poeta e a política de Estado: o ideário de Carlos Drummond de Andrade na construção de uma política educacional e o plano de Educação no Ministério Capanema. ....</i>	<b>78</b>
2.3- Drummond e as correspondências em <i>tempos de política</i> : os intentos da escrita.....	89
<b>3 - A AÇÃO GAUCHE NA POLÍTICA NACIONAL: A PRODUÇÃO INTELLECTUAL E POLÍTICA DE DRUMMOND EM TEMPOS DE MINISTÉRIO. ....</b>	<b>102</b>
3.1 – <i>O multifacetado Drummond: o poder da escrita e a noção de política.</i>	<b>102</b>

<b>3.2 – <i>As vozes da poesia em Drummond: sua produção literária no período ministerial e o fortalecimento de um ideário de nação.</i> .....</b>	<b>109</b>
<b>3.3 – <i>A história de um intelectual ou um intelectual que fez história? As contribuições de Drummond para o campo da história da educação brasileira.</i>.....</b>	<b>121</b>
<b>CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS .....</b>	<b>125</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO A.....</b>	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.  
Algumas tão fortes  
como um javali.  
Não me julgo louco.  
Se o fosse, teria  
poder de encantá-las.  
Mas lúcido e frio,  
Apareço e tento  
apanhar algumas  
para o meu sustento  
num dia de vida.[...]

O lutador (Guimarães, 2012, p. 274)

Não há realmente como lutarmos contra a força das palavras. Elas tocam a nossa alma, portanto, não há outra alternativa que não seja a rendição. E nos rendermos às palavras é uma demonstração de respeito, de submissão, de reverência. A escrita é permeada de um rito de transição, de passagem de (re) conhecimentos que nos movem e nos elevam a caminhos, descobertas e mundos jamais vislumbrados. A formação do escrever *o/no mundo* emancipa e desperta trajetórias que nos acompanham e nos sopram um fôlego de vida.

Nossas experiências e conhecimentos são construídos através de nossa caminhada, da labuta diária, também do prazer diário. Minha inserção na academia se deu pelo caminho das *letras*. A valorização pela leitura e o apreço pela escrita me levaram a seguir um rumo que, para mim, estava determinado. No ano de 2002 iniciei meu curso de Letras/Literaturas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na Faculdade de Formação de Professores. O contato mais íntimo com a educação, com a literatura me fez enxergar as possibilidades que se apresentavam. Até mesmo a aproximação com a História através de uma disciplina eletiva, Antropologia Cultural. Nesse ínterim, ao me deparar com os grandes poetas, clássicos e pensadores da nossa língua, tive um encontro. Um

deles me chamou uma atenção particular. Suas histórias de vida e suas pertencas me sensibilizaram, pois a *Procura da Poesia* era o final intermitente de todo poeta:

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia,  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece e nem ilumina.<sup>1</sup>

O término do curso ocorreu em 2006. Pensando em continuar nesse movimento e aprofundar minhas vivências em letras, em 2007 inicio minha especialização em Leitura e Produção de Textos na Universidade Federal Fluminense. O curso, que envolvia língua portuguesa, crítica textual e literatura, me ajudou a sedimentar conceitos sobre minha formação. Com o término em 2009, o sentimento de insatisfação tomava conta de mim. Não queria parar. Não achava justo com a minha formação parar naquele momento.

A vontade de continuar na academia me levou a bater na porta do mestrado. O caminho natural seria continuar na minha área, na minha formação. Mas, não era o que eu queria. A educação era uma paixão. As aproximações que tive durante meu percurso começaram a gritar dentro de mim. A literatura era minha base, mas era a zona de conforto que eu não queria naquele momento. As imagens de um poeta começaram a bater em minha porta e povoar meus sentimentos; o contato que tive com a história, na disciplina eletiva Antropologia Cultural, durante um semestre também estava ali, como borboletas, sobrevoando um jardim numa manhã de primavera. Não tive outra opção diante do chamamento. As borboletas me carregaram.

Meu objetivo era único e incontestável. Muitas vezes tive um embate com a minha formação de origem; brigamos, discutimos, mas chegamos a um acordo. Não se pode fugir de um caminho que já está traçado. Através do incentivo de um grande mestre, professor e amigo da UERJ<sup>2</sup> construí meu pré-projeto e fui à luta. Foram quatro tentativas para a minha inserção no mestrado em Educação da UERJ. De 2008 a 2011. Todo esse processo me deu uma bagagem e uma certeza que era realmente o que eu queria. Finalmente em 2011

---

<sup>1</sup> GUIMARÃES, Júlio Castañon. *Carlod Drummond de Andrade: Poesia 1930-62*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p.306.

<sup>2</sup> Refiro-me ao Prof. Dr. Jorge Antônio Rangel (Fidel) que esteve comigo durante toda a minha trajetória no mestrado.

a esperada aprovação aconteceu. Foi uma alegria e a confirmação de que eu estava no caminho certo. O início de uma gestação. Uma gestação diferente dos moldes naturais – diga-se de passagem – um projeto embrionário que me conferiu efetivamente um *status* de pesquisador e que durante dois anos e meio fez parte intensamente de minha vida. Então, nasceu: *Um gauche nos Trópicos: a ação política de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública nos anos de 1934 a 1945*.

Minhas leituras incessantes sobre Drummond me fizeram perceber que, ao contrário de sua vida literária, sua ação poética era, de certa forma, esquiva, nebulosa e pouco discutida. Para Certeau “o gesto que liga as “ideias” aos lugares, é precisamente um gesto de historiador”<sup>3</sup>. Em consonância com a inserção e práticas de Drummond no ministério Capanema, o estudo tenciona analisar os ideais modernizadores no período vigente e as articulações do poeta com os projetos educacionais brasileiro.

Em relação aos métodos de análise, Certeau nos orienta na compreensão do papel, no ofício e nas práticas de produção do historiador no campo da pesquisa. Nesse sentido, o entendimento das ações do historiador nos aproxima do nosso objeto de pesquisa, do encontro com as fontes e nos possibilita uma atenção maior ao lugar de observação, práticas e construção da escrita.

O autor afirma que o “gesto que liga as ideias aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador.”<sup>4</sup> A feitura da pesquisa se estabeleceu com a compreensão e análise de materiais que se constituíram e se revelaram de acordo com a sua pertinência. Os métodos de investigação foram criados, desenvolvidos e efetivamente utilizados de acordo com os indícios que se apresentaram no ato da pesquisa. Dessa forma, examinar a ação política de Carlos Drummond de Andrade e sua atuação no Ministério da Educação e Saúde (1934-1945) significa adentrar nas concepções de Drummond e de intelectuais, que, com ele, ajudaram a construir um projeto modernizador de país. O ideário educacional e político de Drummond e o lugar social de atuação – o Ministério Capanema – constituem-se em elementos relevâncias para a pesquisa

---

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3. Ed, 2011.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 45.

Para Certeau o lugar social é pensado como “*lugar de produção socioeconômica, política e cultural*” articulado pela pesquisa historiográfica, impõe os limites da pesquisa e seus métodos de atuação. A pesquisa histórica tem características singulares. A análise documental e bibliográfica se apresenta preponderante para o estudo. Demarco, ainda, a delimitação temporal do objeto analisado. As ações de Drummond no Ministério Capanema no período de 1934-1945, como Certeau sinaliza, *permite e interdita* possibilidades de investigação, instaura métodos e cria áreas de interesses:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em documentos certos objetos distribuídos de outra maneira. Na realidade ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos mudando ao mesmo tempo seu lugar e o seu estatuto<sup>5</sup>

Certeau reafirma a importância do olhar, das vivências estabelecidas pelo capital cultural do historiador na constituição do repertório documental da pesquisa. Investigar correspondências ativas e passivas entre Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema irá nos permitir entrar em contato com os espaços – educacionais e políticos – vividos por esses intelectuais. No entanto, o cuidado ao selecionar, e manusear os documentos não assegura por si só uma legitimidade, um caráter fidedigno na interpretação dos documentos. Logo, fica claro a atenção e o cuidado metodológico que o pesquisador/historiador tem de ter com o objeto de pesquisa.

O objeto a ser analisado – a trajetória política Drummoniana durante o período em que participou no Ministério da Educação e Saúde – será revisto como bem sinaliza Certeau, “por perspectivas que apontem a um lugar social, as práticas científicas e a uma escrita”,<sup>6</sup> Os espaços, os movimentos de construção de um ideário socioeducacional brasileiro serão indícios investigados e a análise de correspondências e documentos afins – serão alvo de nossa pesquisa exploratória. Analisar documentos como palestras, entrevistas, produções intelectuais e imagéticas referente à atuação de Carlos Drummond de Andrade possibilita identificar aspectos significativos de sua atuação no Ministério, bem como as suas contribuições para a elaboração da política educacional do período.

---

<sup>5</sup> CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 3. Ed, 2011, p.69.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 47.

Entre instituições privilegiadas, trabalhamos com o Arquivo Gustavo Capanema depositado no CPDOC e o arquivo Carlos Drummond de Andrade da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB). No entanto, por questões de otimização de tempo o arquivo privilegiado foi o da FCRB. Lá levantamos um universo de 56 cartas no acervo que compreende o período de 1925 a 1977. Apenas oito cartas estão delimitadas no período de 1934 a 1945. O critério de seleção das correspondências utilizadas nesse trabalho foi a pertinência e contextualização à vida política do poeta Carlos Drummond de Andrade. Nos acervos do arquivo Carlos Drummond de Andrade da Fundação Casa Rui Barbosa, localizamos correspondências, palestras, e uma vasta produção intelectual que ajudam a contextualizar as afinidades políticas entre muitos intelectuais reformadores, bem como a construção de um repertório de temas que mobilizaram os intelectuais a exemplo, da unidade na política educacional brasileira. Estes utilizavam as correspondências como um meio de transmissão de ideais e de alargamento da construção de uma consciência crítica em relação ao mundo e aos problemas do país. Cabe ainda ressaltar que, ao longo do trabalho as correspondências serão apresentadas na íntegra, posto que a fragmentação poderia afetar a contextualização que é imprescindível para o entendimento da política em Drummond.

A leitura de sua obra poética será uma das fontes de análise que recorreremos para compreender o sujeito indivisível, com facetas diferenciadas. *Os intelectuais da Educação*<sup>7</sup>, durante o período modernista, se uniram e construíram discursos em defesa do “bem coletivo”, de um processo de modernização do país:

[...] a geração modernista foi “a mediadora da transição que se iniciara nos anos 1920 e se completava nos anos de 1940. Os modernistas adequavam-se magnificamente bem à tarefa, tanto porque reinstauravam a temática da brasilidade com feições militantes quanto porque eram os intelectuais disponíveis para o preenchimento dos cargos públicos do Estado Novo”.<sup>8</sup>

Contextualizando com os intelectuais que atuaram no Ministério, direta ou indiretamente, tais como, Mário de Andrade, Lúcio Costa, Cândido

---

<sup>7</sup> BOMENY, Helena. *Os Intelectuais da Educação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2001, p. 19.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 20.

Portinari e Alceu Amoroso Lima, essa força, à luz de Bourdieu é ativada “[...] na medida em que os artistas se libertavam, econômica e socialmente, da tutela da aristocracia e da igreja, de seus valores éticos e estéticos [...]” para a construção de uma política educacional e preservação da cultura nacional. As influências e articulações provocadas por este “campo intelectual”<sup>9</sup> serão um ponto importante de nossos questionamentos e inquietações.

A participação de Intelectuais no processo educacional brasileiro, não por acaso, há muito têm sido alvo de discussões e questionamentos no campo da história e, especificamente da história da educação. Um referencial para análise desses estudos é o livro *Constelação Capanema* (2001). Obra organizada por Helena Bomeny que reúne especialistas preocupados em discutir a relação dos intelectuais no Ministério Capanema. Outra obra na mesma vertente é o livro “Tempos de Capanema”, organizado por Schwartzman, Bomeny e Vanda Costa que contextualiza as ações dos intelectuais, bem como seus ideais de reforma e o processo de transição motivado por suas ações políticas. Nesse sentido, se apresenta pertinente à aproximação com o intelectual Drummond, sujeito que compõem esta “constelação”, suas atuações e pertencas na construção da política educacional no panorama brasileiro no período que abrange a pesquisa de 1934 a 1945.

Uma investigação histórica do espaço em questão, o Ministério Capanema (1934-1945) constitui grande relevância para a Educação Brasileira, pois o conhecimento é um monumento inigualável e inatingível que compõe, a todo o momento, de forma gradativa, a construção de nosso conhecimento.

Como afirma o historiador Chalhoub, o ato da investigação envolve a observação minuciosa, criteriosa das fontes encontradas. Pequenos rastros são grandes descobertas. Daí a importância de fontes, que nos chegarão como indícios a serem decifradas. Chalhoub, ainda, nos diz que “o historiador, portanto, através de um esforço minucioso de decodificação e contextualização de documentos, pode chegar a descobrir a dimensão social do pensamento”.<sup>10</sup>

Pistas somente serão dissecadas e entendidas por meio da observação, do cuidado com o objeto de estudo. Teorizar é um movimento que

---

<sup>9</sup> BOURDIEU, Pierre. “Campo Intelectual e Projeto Criador”. In: Pouillon, Jean (Org), *Problemas do Estruturalismo*, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105.

<sup>10</sup> CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: CIA das Letras, 1990, p. 16.

envolve tentativas de responder as perguntas. A articulação teórico-empírica será prezada em nosso trabalho. Sobre este processo, encontramos respaldo nas indicações de Nunes: “Devemos ativar a teoria para reconstruir a multiplicidade na unidade e descobrir, no objeto de estudo, as articulações significativas, e nelas, o impulso peculiar a cada elemento.”<sup>11</sup>

Averiguar os caminhos construídos por Drummond em sua fase política pode nos ajudar na compreensão dos lugares, dos agentes e das práticas que ajudaram a construir o nosso sistema educacional atual. Entender os enfrentamentos no âmbito da política e da contextualização das ações e dos processos de atuação dos sujeitos se constitui como fios que vão sendo tecidos, um a um, remontando espaços e produzindo conhecimento.

A trajetória política de Drummond ajuda-nos a produzir um entendimento histórico da atuação dos sujeitos que contribuíram para a formação de um ideário de nação e de Estado moderno. Dessa forma, problematizar a participação de Drummond como chefe de gabinete do Ministério Capanema no governo Vargas de 1934 a 1945, bem como dos projetos educacionais postos em prática neste período, parece-nos pertinente, posto que, nos ajudarão a produzir uma análise da formação político-educacional brasileira.

Alguns trabalhos sobre o poeta são nacionalmente conhecidos, tais como: “Verso e Universo em Drummond” de José Guilherme Merquior (1975), que explora a intensidade e a profundidade da linguagem nas construções literárias do poeta, “Drummond: a estilística da repetição” de Gilberto Mendonça Telles (1976), que analisa a questão do ritmo, da cadência e da grandiosa habilidade do poeta em evidenciar sentimentos e anseios em sua obra, “Drummond o gauche no tempo” de Affonso Romano de Sant’anna (2008), investiga a poesia Drummoniana tentando decifrar traços de sua identidade e comportamentos diante das problemáticas sociais e “Os sapatos de Orfeu” de José Maria Cançado (2012), que nos revela uma biografia do poeta que, de forma minuciosa, trata de suas vivências, desde sua infância em Itabira do Mato Dentro até seus últimos dias no Rio de Janeiro.

Dessa forma, os trabalhos mencionados têm como objetivo estudar Carlos Drummond de Andrade e suas perspectivas de mundo e sociedade. Nesse

---

<sup>11</sup> NUNES, 1996.

tocante, são de grande valia para a composição e análise de minha pesquisa, posto que, a pluralidade reconhecida em Drummond traz consigo marcas, indícios de sua formação ideológica e sociocultural. No entanto, acreditamos que a participação de Drummond no Ministério Capanema merece estudos, especialmente no período do Estado Novo, bem como sua amizade com o então ministro e amigo de infância Gustavo Capanema, posto que, ainda deixam lacunas que são passíveis de análises. Algumas obras são referências nos estudos do Ministério Capanema e na participação dos intelectuais na política. São elas: “Tempos de Capanema” (2000), “Capanema: o ministro e seu ministério” (2000) e “Os Intelectuais da Educação” e “Constelação Capanema” ambos de 2001. Os artigos desenvolvidos por Helena Bomeny, Simon Schwartzman, Vanda Maria Ribeiro Costa e Ângela de Castro Gomes buscam entre outros aspectos suscitar indagações sobre as atuações e práticas de Drummond no Ministério. As obras nos fornecem elementos sobre a passagem de Drummond pelo ministério:

Correndo o risco de exagerar, eu diria que poucos despertaram tanta indagação (e foram tão instados a “explicar-se”) sobre a aproximação com o regime autoritário quanto o poeta Carlos Drummond de Andrade, a ponto de não se fazer menção ao mais notório ministério do regime Vargas sem a lembrança incomfortável do fiel e permanente chefe de gabinete do ministro Capanema ao longo dos 11 anos que permaneceu no cargo.<sup>12</sup>

A falta de clareza sobre a participação de Carlos Drummond de Andrade no ministério e suas intenções, me possibilitou adentrar de forma mais intensa esse período. O recorte proposto pelo estudo (1934-1945) justifica-se pelo fato de Drummond ter sido chefe de gabinete no período em que Gustavo Capanema ocupou a pasta de Ministro da Educação e Saúde. Entender como o escritor e poeta, reconhecidamente envolvido com questões sociais, se torna parte relevante da política do país, se apresenta como questão de pesquisa.

Desta forma, este trabalho pretende colaborar com os estudos no campo da História e da Historiografia em Educação e se constitui como resgate de ações político-educacionais que atravessaram a atuação de Drummond no

---

<sup>12</sup> BOMENY, 2001, p. 21.

ministério, construindo teias que enredam sujeitos que ajudaram a pensar em um ideário modernizador nacional.

Logo, a pesquisa se torna relevante para a compreensão de aspectos associados à atuação de Drummond no campo da política e na educação nacional.

Para tanto, a análise entre as correspondências entre Drummond e Capanema será importante para adentrar no universo do Ministério da Educação e Saúde no período proposto. Dando luz ao nosso objeto de pesquisa, a atuação política de Carlos Drummond de Andrade, está envolta de um lugar social que é próprio, posto que, se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. É em função desse lugar social – o Ministério da Educação e seus meandros – que os procedimentos metodológicos da pesquisa se apresentam, se organizam e se comunicam.

Por fim, o trabalho foi estruturado em torno de três capítulos que abarcam as questões de Minas Gerais, do Ministério da Educação e da efetiva ação política de Drummond. No primeiro capítulo, há uma contextualização da vida de Carlos Drummond de Andrade em Minas Gerais, desde Itabira do Mato Dentro até Belo Horizonte, e a formação do grupo de intelectuais que, com ele, almejavam a exaltação da cultura, da arte e a modificação dos paradigmas educacionais vigentes através da educação.

No segundo capítulo, nos permitimos revisitar as alianças entre Educação e política. O modernismo, a arte e suas aproximações com a política nacional. As ideologias de Drummond em sua participação no Ministério Capanema também foram revisitas, bem como a importância da escrita na formação dos intelectuais e as correspondências entre Drummond e Capanema na constituição do Ministério da Educação e Saúde Pública.

Já no terceiro e último capítulo, privilegamos a ação *gauche* no Ministério Capanema e a análise de suas obras literárias no período de 1934 a 1945, durante sua função de chefe de gabinete no Ministério, tentando perceber os indícios de suas ideologias e práticas políticas. O terceiro capítulo se encerra com as reflexões sobre as contribuições de Drummond no Ministério e na política nacional.

## 1 - MINEIRIDADE OU BRASILIDADE? CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE E O LEGADO DA GERAÇÃO MINEIRA PARA O FORTALECIMENTO DA POLÍTICA NACIONAL.

### 1.1 – *Raízes de um Itabirano: a ação de Carlos Drummond de Andrade em tempos de Minas.*

[...] Só assim, no corpo a corpo, na marcação homem a homem, se poderá evitar o dribble, a esquiva, contornar a aparente falta de eventos, para apreender no paradoxo dessa personalidade, ao mesmo tempo secreta e pública, mercurial e complexa – verdadeira esfinge de óculos –, sem “estar no mundo”, e capturar, entre tentativas, se não o segredo, algo de sua presença formidável, cada vez mais viva, que nos ameaça, desafia e acompanha.<sup>13</sup>

A poesia está sempre envolta de sentimentos, de ideologias e, principalmente, ações. O texto literário tem a sua *fala e escuta* específicas que, ao se encontrar com o sujeito, tem o poder da mudança, espécie de *metanóia* que persiste em transformar os seres humanos e indagar suas complexidades. O linguista Eugênio Coseriu nos afirma que “A linguagem poética representa a plena funcionalidade da linguagem e que, portanto, a poesia (a “literatura” como arte) é o lugar do desenvolvimento da plenitude funcional da mesma”<sup>14</sup>. De acordo com os princípios coserianos, o texto literário é o texto por excelência e representa a totalidade da linguagem. As demais perspectivas linguísticas constituem apenas um “desvio” em relação a essa *linguagem desautomatizada*<sup>15</sup>. Isso significa dizer que, o falar poético é genuíno, absoluto. Transcende e justifica a ação transformadora e (re) construtora de um texto literário na formação do indivíduo.

---

<sup>13</sup> CANÇADO, 2012, p. 11. Armando Freitas Filho relatando a personalidade do poeta Carlos Drummond de Andrade em prefácio da obra “Os Sapatos de Orfeu”.

<sup>14</sup> COSERIU, Eugênio. O Homem e a sua Linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística. 2ª edição. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

<sup>15</sup> Termo utilizado por Coseriu para definir a construção espontânea e sublime da linguagem. *Ibidem*, p. 19.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) personifica a excelência literária e, para além disso, exalta o engajamento político que transborda o comportamento humano em sua vida social. Tanto quanto a literatura, a política tem a autorização de renovar ideias e emancipar pensamentos que legitimam aproximações e preservam ações em prol de um bem coletivo.

Adentrar o mundo particular Drummoniano requer uma licença, uma permissão. Esse aval nos é concedido por um espaço, um lugar determinado que concebeu, suscitou e trouxe à luz as experiências do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade e suas vivências deveras peculiares. Esse lugar é o Estado de Minas Gerais, mais precisamente a pequena cidade então conhecida como Itabira do Mato Dentro, com pouco mais de sete mil habitantes na área urbana.

A obra “Retratos na Parede”<sup>16</sup> que reúne fotografias de Brás Martins da Costa<sup>17</sup> (1866-1937) a partir do poema de Drummond “Imagem, terra, memória” retrata o cotidiano da população de Itabira através de fotografias que manifestam a beleza e os costumes daquela pacata cidade.

[...]  
 Os varões, as amazonas,  
 Os meninos, seus corcéis  
 E suas mulas serenas  
 Estancaram. Dentro em pouco  
 Vai começar a viagem  
 No país do mato-fundo.  
 Eles sete os nos convidam  
 A percorrer este mundo  
 E grande maior que o mundo  
 Em cada lasca de ferro  
 Cada barba  
 Cada reza  
 Cada enterro  
 Mato dentro<sup>18</sup>  
 [...]

<sup>16</sup> BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

<sup>17</sup> Fotógrafo amador e poeta que registrava o cotidiano da cidade de Itabira do Mato Dentro até a sua morte em 1937. *Ibidem*, p. 19.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 27.

No século XVIII, denominada de “Mato Dentro” por ser rodeada pela vegetação fechada da Mata Atlântica, Itabira se localizava na Serra do Espinhaço. No século XIX, passou a pertencer à comarca do Piracicaba e à Diocese de Mariana. Desde a data de 1925 era sede da paróquia e recebeu emancipação administrativa em 1933, com o território já distinto de Caeté. Com mais força e autonomia, em 1848, a Vila de Itabira do Mato Dentro foi elevada a condição de cidade.



**Imagem 1** - Vista da cidade de Itabira do Mato Dentro; destaque; arrumamento; casario e procissão. Séc. XIX. Fotógrafo: Brás Martins da Costa.

Fonte: BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p.172.



**Imagem 2** - Vista da cidade de Itabira do Mato Dentro; destaque; arrumamento; casario e procissão. Séc. XIX. Fotógrafo: Brás Martins da Costa.

Fonte: BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p.173.

Segundo Barros e Reis, a população do município em 1855 era de 30.100 habitantes, entre livres e escravos. O quantitativo de homens e mulheres era harmônico, porém, o aumento tendia um pouco mais para as mulheres nos municípios de Itabira do Mato Dentro, Carmo, Santa Maria e Antônio Dias Abaixo. Já o número de homens era bem maior no Município de São José da Lagoa. Nas décadas finais dos Oitocentos, havia alforrias reclamadas e concedidas por habitantes livres envolvidos nos trabalhos das forjas.<sup>19</sup>

Em Itabira do Mato Dentro, também era recente o advento da fotografia. Contudo, trazia encanto e despertava a curiosidade dos habitantes da cidade que, por vezes, pagavam caro para serem eternizados. O fotógrafo Brás Martins da Costa soube registrar as imagens dos Itabiranos, bem como o espaço geográfico, seus usos e costumes. Os homens, as mulheres, a juventude e as crianças de Itabira eram revisitados pelas imagens de Brás Martins:



**Imagem 3** - A infância em Itabira do Mato Dentro, séc. XIX. Fotógrafo: Brás Martins da Costa. Fonte: BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p. 64.

---

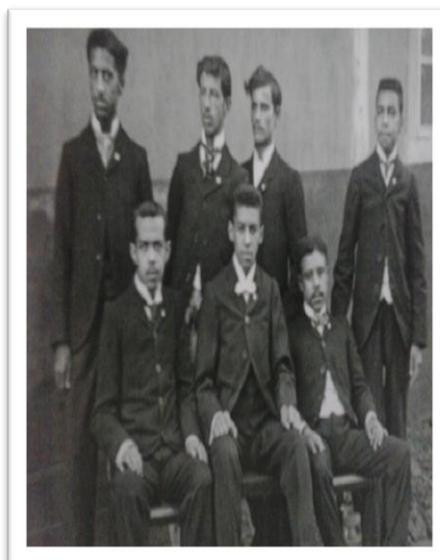
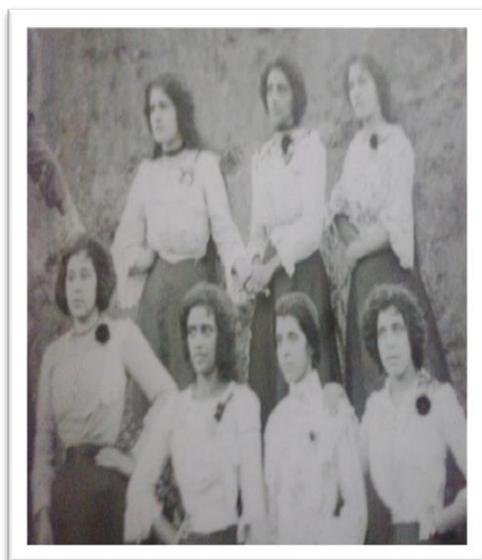
<sup>19</sup> BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p. 12.



**Imagem 4** - A juventude em Itabira do Mato Dentro, século XIX.

Fotógrafo: Brás Martins da Costa.

Fonte: BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p. 69.



**Imagem 5 e 6** - Os perfis masculino e feminino da população Itabirana, século XIX. Fotógrafo: Brás Martins da Costa.

Fonte: BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p. 122.

As fotografias contextualizam a cidade de Itabira do século XIX, o poder das classes e as condições socioeconômicas da população. Os hábitos, os costumes e a cultura de um povo, certamente expressam suas crenças, suas ideologias. A ação política de Drummond se constituiu impregnada de suas experiências e saberes já adquiridos em *tempos de Mato Dentro*. Nesse sentido,

a contextualização se torna relevante para o entendimento do poeta-político e dos intelectuais de sua geração, pois como afirma Marc Bloch, *eles são os sujeitos de minha experiência*<sup>20</sup>, pois os partícipes da formação do objeto a ser pesquisado são fontes de análise.

José Maria Cançado, na biografia sobre Carlos Drummond de Andrade, intitulada “Os sapatos de Orfeu” apresenta peculiaridades sobre a vida do poeta. Nascimento, infância e juventude em Itabira; estadia em Belo Horizonte e chegada ao Rio de Janeiro. As pistas deixadas por Cançado me parecem valiosas na medida em que se aproximam dos documentos, das fontes já obtidas. O aspecto politizado em Drummond já havia sido anunciado em sua obra, bem como a formação do grupo intelectuais revolucionário em Minas.

Por volta de 1886, o capitão-mor Elias de Paula Andrade foi pedir a João de Freitas Drummond a mão de sua filha Julieta Augusta para Carlos de Paula Andrade. Eles eram primos e o pai de Julieta Augusta também era um grande proprietário de terras em Itabira. Os jogos de poder e interesses financeiros se faziam claros nesse “acordo entre as famílias”. Julieta Augusta tinha dezesseis anos quando se casou. Havia acabado de voltar do mosteiro das Macaúbas onde estava desde menina. Nesse mosteiro, além da clausura, era obrigada a aprender *a arte de ser uma boa esposa*, pois este mosteiro também era uma espécie de escola para as filhas da elite Itabirana. Carlos de Paula Andrade tinha vinte e seis anos. Dez a mais que ela.

Em 31 de outubro de 1902, nasce em Itabira do Mato Dentro, Estado de Minas Gerais, cidade de Belo Horizonte, Carlos Drummond de Andrade. Lá, começa a trajetória de Drummond, filho de uma família patriarcal proprietário de terras. Drummond era carinhosamente chamado pela família de Carlito e, quando nasceu, quatro de seus irmãos já haviam morrido, todos antes de completar os dois anos de idade. Vivos estavam Flaviano, com catorze anos, Rosa, com dez, Altivo com sete e José, com quatro.

Aos dois anos de idade, Drummond tinha acabado de mudar-se para o conhecido casarão azul, onde passara a sua infância. Esse sobrado, talvez o mais imponente de Itabira, que havia sido dos bisavós e depois dos avós de

---

<sup>20</sup> BLOCH, 2001, p.70.

Drummond era ‘todo um sistema de poder’, pois a frente dava para a Câmara Municipal e para a cadeia.<sup>21</sup>



**Imagem 7** - Fazenda do Portal ou dos Doze Vinténs, propriedade da família de Drummond.  
Fonte: Arquivo FCRB. Arquivo Carlos Drummond de Andrade.



---

<sup>21</sup> CANÇADO, 2012, p. 35.

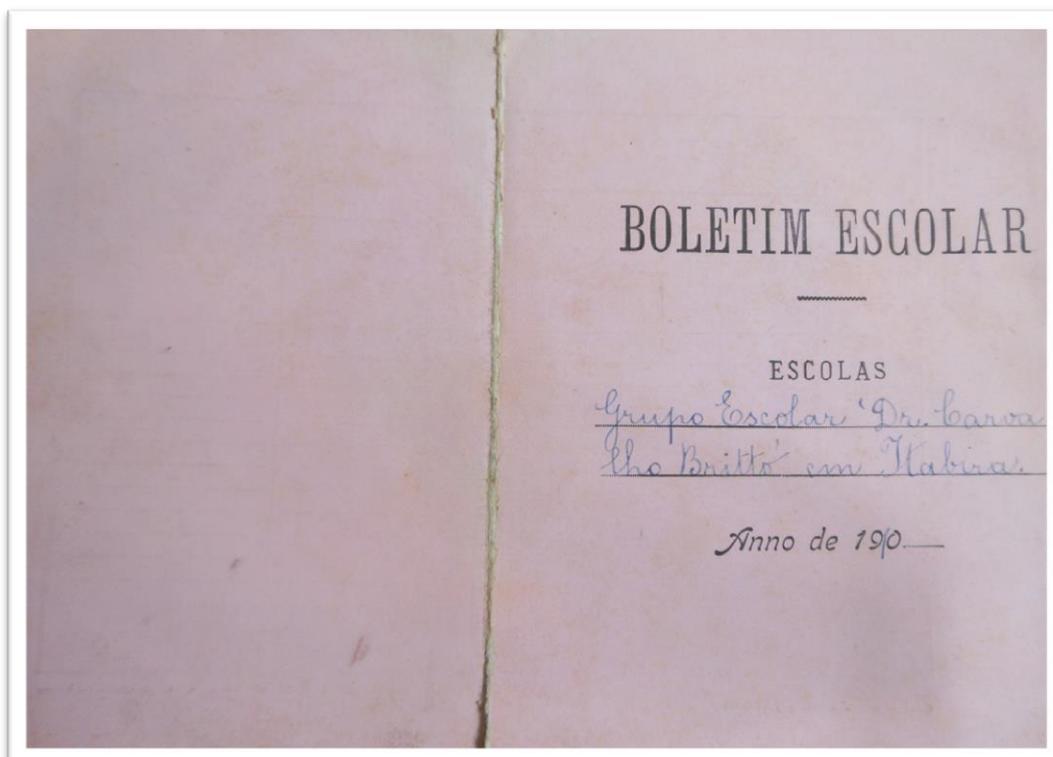
**Imagens 8 e 9** - À esquerda, Carlos Drummond de Andrade com dois anos de idade. À direita, família Drummond de Andrade no jardim interno da Casa de Família em 1915. Carlos é o primeiro à esquerda. Fonte: Arquivo Carlos Drummond de Andrade. FCRB.

Um episódio importante que marcou a infância de Drummond foi a passagem do cometa Halley em uma noite de julho. O ano era 1910. Meninos e meninas ficaram eufóricos, com um misto de curiosidade e medo, pois um clarão imenso havia passado naquele dia. Na rua, perto do sobrado onde Drummond morava, todos estavam perplexos com o acontecimento que, de certa forma, marcou a população Itabirana. O fato é que, essa luz que cruzou a vida do pequeno Drummond, anos atrás, o acompanharia durante toda a sua vida. Carlito brilhava para o mundo e sua luz venceria as barreiras da pequena Itabira e ganharia o Brasil e o mundo.

Drummond, em sua infância e adolescência, era um sujeito que gostava de ler. Interessava-se, entregava-se e viajava. Seja na versão infantil da *Revista Tico-Tico*, seja na história de *Robinson Crusó* ou num dos romances de *Defoe*. Sua imaginação não cabia nas paredes do casarão onde morava e ultrapassava as barreiras de sua cidade natal. Mais tarde, em Itabira, se mostraria um aluno aplicado e reconhecido. As imagens que seguem são da inauguração do Colégio Carvalho Britto em 1908 e de boletins escolares de Drummond nesse referido centro escolar:



**Imagem 10** - Inauguração do Grupo Escolar Carvalho Britto, c. 1908 – possivelmente o segundo grupo escolar instituído em Minas Gerais. Em 1918, Passou a se chamar Grupo Escolar Coronel José Batista. Fotógrafo: Brás Martins da Costa. BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p. 92.



*Parabens Sr. Carlos!*

**BOLETIM ESCOLAR**

do alumno *Carlos Drummond de Andrade*, matriculado no *1º*  
 anno de *Grupo Escolar de Itabira.*

MEZES	19	10	Aplicação	Procedimento	Comparcimento	Faltas	Média de exames	Aproveitamento	NOME DO PAE OU TUTOR	RESIDENCIA
Janeiro.....	6	10	8	0	1	5	5	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Fevereiro....	5	10	13	3	1	5	5	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Março.....	6	10	20	2	1	6	6	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Abril.....	7	10	15	7	1	6	6	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Maió.....	6	10	11	11	1	6	6	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Junho.....	6	10	17	4	1	6	6	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Julho.....	7	10	22	2	1	7	7	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Agosto.....	7	10	22	1	1	7	7	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Setembro....	7	10	20	1	1	7	7	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Outubro....	7	10	15	1	1	7	7	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	
Novembro..	8	10	4	6	1	8	8	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	<i>Itabira</i>	

O Professor, *Américo Ferreira*

As notas de aplicação, procedimento e aproveitamento aqui lançadas significam: 0 Má, 1 a 5 Suficiente, 6 a 9 Boa e 10 Optima

- 35 -

**Imagens 11 e 12** - Boletim escolar do Grupo Escolar Carvalho Britto, localizado em Itabira. Ano: 1910 em Arquivo Carlos Drummond de Andrade/ FCRB

*Visto. Mag<sup>o</sup>*

**BOLETIM ESCOLAR**

do aluno *Carlos Drummond de Andrade* matriculado no *2<sup>o</sup>*  
 anno de *Grupo Escolar "Dr. Carvalho Britto"*

ID 11 MEZES	Aplicação			Faltas	Média no exame	Aprovação em nota	NOME DO PAE OU TUTOR	RESIDENCIA
	Prova	Trabalho	Outros					
Janeiro.....	6	7	8		6		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Fevereiro.....	9	10	14	6	9		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Março.....	10	10	21		10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Abril.....	10	10	18	3	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Mai.....	10	10	15	2	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Junho.....	10	10	18	2	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Julho.....	10	10	19	9	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Agosto.....	10	10	20	3	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Setembro.....	10	10	14	3	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Outubro.....	10	10	16	6	10		<i>Carlos de Paula Andrade</i>	
Novembro.....	10	10	19	2	10	10	<i>Carlos de Paula Andrade</i>	

*a Professora Ballina Julista Drummond*

As notas de aplicação, procedimento e aproveitamento aqui lançadas significam: 0 Má, 1 a 5 Suficiente, 6 a 9 Boa e 10 ótima

**Imagem 13** - Boletim Escolar de Carlos Drummond de Andrade do Grupo Escolar "Dr. Carvalho Britto" em 1911. Arquivo Carlos Drummond de Andrade/ FCRB.

Naqueles dias de 1912 ele tinha desencabulado pela primeira vez, numa redação escolar do terceiro ano primário. Nela, ele narrou uma viagem ao polo Norte – dez linhas incluindo a descrição de um naufrágio e de uma visita a um vulcão, que lhe deixaram com o “rosto ardendo” e lhe deram a aprovação da professora. Ele confessaria depois que essa sensação de “rosto ardendo” ao escrever nunca o abandonou, e que ele mesmo, Drummond, tinha nascido ali, naquele momento, junto com a nova realidade que as suas dez linhas tinham lançado no ar.<sup>22</sup>

Além do gosto pela leitura que se tornava cada vez mais notório, Drummond, apesar de seu jeito introspectivo e, por vezes sisudo, tinha grande facilidade em socializar-se. As articulações, os embates, as lutas por opiniões se iniciavam de forma gradativa e o conhecimento crítico e político se consolidava.

As academias eram pontos de referência para os que apreciavam a arte e a escrita. O Grêmio Dramático e Literário Artur de Azevedo era lugar de encontro para a construção de ideologias. Talvez um ensaio para, anos mais tarde, ser uma espécie de *santuário* de intelectuais, como os do grupo que frequentava a *Rua da Bahia*. O Grêmio Artur de Azevedo funcionava na parte de

<sup>22</sup> CANÇADO, 2012, p. 39.

cima de um sobrado em que moravam artesãos cegos que fabricavam botinas que eram usadas por todos da região.

Na época de adesão à academia, Drummond tinha apenas treze anos. A idade mínima para os sócios era de dezoito. O próprio Carlito teria feito uma campanha para sua aceitação no Grêmio. Fato é que a condição de filho de um chefe político importante da cidade o ajudou deveras. Nota-se, portanto que Drummond, em sua adolescência, já se mostrava politizado e fortemente engajado nas causas que acreditava. Tanto que, na inauguração do Grêmio o jovem Carlos, *de calças curtas*, pronunciou um discurso sobre o descobrimento da América. Fato incomum ao menino de sua idade. A arte já fazia parte de sua vida; o amor pela escrita já era um caminho sem volta. Na imagem que segue, podemos perceber a estrutura utilizada por este espaço:



**Imagem 14** - Centro Itabirano de Cultura, Grêmio Literário Artur de Azevedo, localizado na atual rua Tiradentes, Itabira, e alguns de seus membros. Séc. XIX. Fotógrafo: Brás Martins da Costa. BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. *Retratos na Parede*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012, p. 114 e 115.

Em 1916, no início do ano letivo, Drummond deixava Itabira. Estava de viagem com seu pai para Belo Horizonte, onde cursaria a primeira série do colegial no Colégio Arnaldo. A experiência do colégio interno era nova e ao mesmo tempo assustadora. No dormitório, acordava com mais 74 internos que

formavam com outros 136 internos, o corpo de alunos do colégio. “Nunca mais acordo individualmente, soberano” disse Drummond.<sup>23</sup>

Em 1917, no currículo do Colégio Arnaldo, admitiam-se as matérias tradicionais: Português, Aritmética, Religião, Francês, Geografia, Latim e Desenho – ofereciam ainda o alemão facultativo. A agradável presença do professor Arduíno Bolívar, deixava boas lembranças das aulas de francês e latim na memória do jovem Drummond. “O velho mestre sempre largava entre os alunos a beleza ardente de um verso de Racine (*Cette Héllene qui trouble l’Europe et l’Asie*, é o que ficou gravado em sua memória).<sup>24</sup> Se consolidava dessa forma a importância do professor na vida de Drummond.

Nesse mesmo ano, no Colégio Arnaldo conheceu dois grandes colegas. Daqueles que passam por nossas vidas e permanecem. Esses permanecerem. Por toda a vida: Afonso Arinos de Mello Franco e o jovem Gustavo Capanema. Nasceria ali uma amizade eternizada. O jovem Drummond quando não podia voltar para casa, tinha dois lugares preferidos: a Livraria Alves, na Rua da Bahia (lugar que mais tarde foi o ponto de encontro da geração intelectual mineira) e o Parque Municipal.

Em 1918, Drummond chegara ao Rio de Janeiro, cidade de Nova Friburgo. Lá, passou a estudar no Colégio Anchieta. Menino de uma cidadezinha do interior, o jovem Carlito sentiu um estranhamento com o comportamento de alguns de seus colegas de escola. Eles eram mais diretos, mais atrevidos e, por vezes, agressivos. Aluno novo, sempre questionado pelos recentes amigos, Drummond queria marcar seu território e, de certa forma receber aceitação. Portanto, se autointitulava *anarquista*.

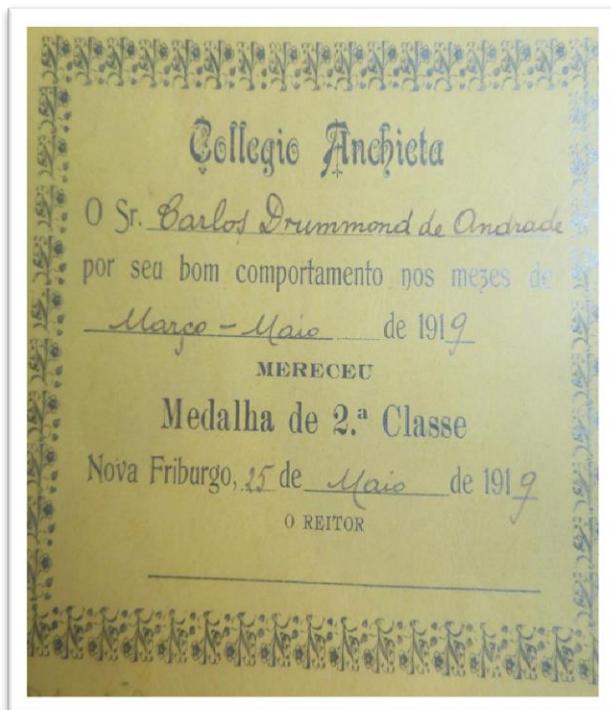
No ano seguinte, com a rapidez do cometa Halley, aquele há anos visto em Itabira, Drummond teve seu reconhecimento no Colégio Anchieta. Em várias disciplinas ganhou o posto de *general* sendo reconhecido como o segundo melhor aluno de todo o colégio, participando também de edições do jornal *Aurora Collegial*. Seu fascínio pelas letras havia conquistado o Anchieta e uma autonomia política já crescia latente, porém feroz, no peito do jovem Drummond. As imagens que seguem são de alguns dos muitos títulos de reconhecimento que

---

<sup>23</sup> CANÇADO, p. 58.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 61.

recebeu no Anchieta e de uma das edições do *Aurora Collegial* no qual escrevia textos literários:



**Imagens 15 e 16** - À esquerda, medalha de bom comportamento nos meses de março e maio e, à direita, reconhecimento pelo posto de general no mês de julho. Ambos no ano de 1919. Arquivo Carlos Drummond de Andrade/ FCRB.



Imagem 17 - Edição do Jornal Aurora Collegial, Colégio Anchieta – 30 de setembro de 1919. Arquivo Carlos Drummond de Andrade/ FCRB.

Um anarquista a seu modo, sagaz e um profundo interessado pelas letras, talvez fizessem de Drummond um sujeito um pouco mais ousado. Durante uma aula de português se permitiu discordar da fala de seu professor. Era um simples questionamento, daqueles que se manifestavam apenas por aqueles que detinham o conhecimento. Um dos passos iniciais para quem expressa gosto pela política é, sem dúvida, a crítica que, por vezes, não eram bem aceitas. O professor sentiu-se extremamente ofendido por sua pergunta e o encaminhou ao gabinete da direção. Dias depois, o padre ministro do Anchieta leu as notas dos alunos. Drummond havia tirado um quatro em comportamento e acrescentou que ainda foi o suficiente e que, aquela nota foi por comiseração.

Nesse instante, potencializou-se um conflito. O mesmo colégio que pregava o direito à manifestação e a reflexão sobre as diversas situações de aprendizagem, o podava e anulava sua atitude crítica. Daí, o seu lado anarquista entrava em ação. A consagração de uma ação política, por assim dizer. Escrevera uma carta ao professor dizendo que suas notas deveriam ser por

justiça e não por mera comiseração. O resultado dessa indignação foi uma expulsão do Colégio Anchieta justificada por uma “insubordinação mental”. De certa forma, o caráter do futuro poeta-político estava se formando naquele momento. Afinal de contas, devemos subordinar nossa mente, pensamentos e ideologias? O jovem Drummond já clamava por autonomia.

No ano de 1920, Drummond aventura-se em sua primeira publicação em uma redação com o título “Diana, a moral e o cinema”. Em 1921 seu alvo era o *Diário de Minas*, onde fez uma crítica a um livro de contos chamado *Tântalos* de Romeu d’Avellar. No dia 13 de março seu artigo foi publicado. A parceria com o *Diário de Minas* havia se formado, posto que, esse jornal, se tornaria, ao longo dos dez anos seguintes um local de visibilidade e projeção dos jovens intelectuais modernistas.

Em Belo Horizonte, aos 20 anos de idade, Drummond se insere no grupo de intelectuais mineiros constituído por Gustavo Capanema, Milton Campos, Adgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Cassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Panos, Heitor de Souza e João Pinheiro Filho. Todos frequentadores do famoso *Café Estrela* e da *Livraria Alves*, lugar de encontro da intelectualidade da região. Em geral, eram homens de letras que viviam na pacata província de Belo Horizonte. Os primeiros escritos produzidos por Drummond na cidade de Minas Gerais, em sua primeira fase, que duraria até os anos de 1920, foram marcados por uma produção bastante peculiar. Havia uma escrita literária que advinha de sua experiência bem sucedida como leitor, porém o cunho político se fazia presente.

Assim, em abril de 1923, surgia uma publicação, ainda com ares de amadorismo, do jornal católico “O Horizonte”, publicado aos domingos. O Periódico era controlado diretamente pela diocese da capital, porém, seus redatores deixavam transparecer um cunho político para evidenciar o colapso da ordem oligárquico-liberal e o crescimento da chamada ameaça comunista. Contudo, percebia-se uma geração de bagagem cultural, bem-nascida, mas oprimida em suas aspirações de influência e poder. Geração que se constituía em *intelligentsia*<sup>25</sup> que olhava com rancor e desesperança para as oportunidades que

---

<sup>25</sup> BOMENY, 2000, p.46.

os velhos oligarcas do palácio da Liberdade, centro de poder político mineiro lhes negavam.

Mergulhar na vida política de Carlos Drummond de Andrade, sua intensidade e complexidades, requer um trabalho de contextualização que ativa e rememora ações relevantes para a construção político-educacional brasileira. Nesse sentido, entender a constituição da geração mineira se torna uma chave que abre portas para entendimentos e opera significados que agregam a ação Drummoniana e os partícipes dessa reconhecida *mineiridade*.

A companhia de Certeau nos ajuda a perfazer os caminhos desse *lugar social*,<sup>26</sup> berço de uma intelectualidade engajada nas Minas Gerais dos anos de 1920. Os jovens letrados envolvidos em projetos artísticos e culturais se tornaram, de certa forma, o ponto de partida para a produção de métodos e de uma formação política que propôs uma renovação no quadro educacional brasileiro. Essa passagem estranha, como sinaliza Certeau, que constrói moldes e orientam os caminhos e reafirmam os procedimentos de análise utilizados:

De fato a escrita histórica – ou historiadora – permanece controlada pelas práticas das quais resulta; bem mais do que isso, ela própria é uma prática social que confere ao seu leitor um local bem determinado, redistribuindo o espaço das referências simbólicas e impondo, assim, uma “lição”; ela é didática e magisterial. Mas, ao mesmo tempo funciona como imagem invertida; dá lugar a falta e a esconde; cria esses relatos do passado que são o equivalente aos cemitérios nas cidades; exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos.[...] <sup>27</sup>

Portanto, esse processo transitório da prática investigativa à escrita, requer, segundo Certeau, uma *mise-en-scène* literária que, apenas adentra o campo da história, quando articulada a um *lugar social*. Logo, passear pela geração mineira a convite de Drummond contribui para a representação de espaços e práticas que embasam e fortalecem nosso estudo. Uma geração com ideais renovadores, marcada pelo inconformismo, pelo poder de mudança e por ações politizadas que trazem consigo um sentimento de nação, de brasilidade que enaltecem a cultura e a educação como modelos vigentes em nosso país. Nos anos de 1920 e 1930, um grupo de intelectuais brasileiros engajados com a

---

<sup>26</sup> CERTEAU, 2011, p. 47.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 91.

reconstrução da educação do país, reconhecia a precariedade e fragilidade da educação, sinalizando para a urgência em se organizar plataformas de atuação. Ligas de Defesa Nacional que existiam em vários estados da federação foram acionadas.<sup>28</sup> As Ligas foram importantes para a expansão da educação popular. Esta tinha como objetivo promover a expansão da alfabetização em massa, bem como a disseminação da escola primária no Brasil. Desta forma, como nos afirma Bomeny, apenas a partir de um plano de ação no campo da educação se acreditava poder resolver ou amenizar os problemas sociais.

Articuladas no presentismo que concebe metodologicamente a sociologia como busca do passado no presente e ordenadas pela concepção de unidade do organismo social que se rebate como sentido, tais concepções põem em cena os anos 20 e 30 como época de crise que produz o *reformador* como tipo social organizador da sociedade no domínio espiritual. Nas palavras de Azevedo, tipo que encarnando ideias novas rompe com as tradições e se caracteriza pela audácia de pensamento, pela liberdade do juízo e pelo ímpeto da ação.<sup>29</sup>

Esses intelectuais, na medida em que construíam uma espécie de campo de poder, seriam idealizadores de um projeto modernizador de sociedade e de Estado, a partir de um conjunto de reformas educacionais em marcha na sociedade da época. Essas reformas educacionais à luz da Escola Nova promovidas nos estados da Federação a partir da década de 1920 sinalizavam para um movimento de mudança educacional que, embora, regionalizado, caracterizavam o ideal de progresso pedagógico e de intenção modernizadora do país.<sup>30</sup> Neste sentido, a Semana de Arte Moderna de São Paulo, a criação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923 e a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924 foram movimentos que comungavam com essa ideia de modernidade e de progresso. Dentre os intelectuais envolvidos com a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924, estavam Heitor Lira, José Augusto, Antônio Carneiro Leão, Venâncio Filho, Everardo Backheuser, Edgard Sússekind de Mendonça, Delgado de Carvalho, Fernando de Magalhães, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. Eles propuseram um

---

<sup>28</sup> Bomeny, 2001, p. 30.

<sup>29</sup> CARVALHO, Marta Maria de Chagas. In: A Configuração da Historiografia Educacional Brasileira. In: FREITAS, Mário Cezar de.(org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 329-353.

<sup>30</sup> NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 131-165.

movimento em prol das transformações na educação a fim de solucionar os problemas nacionais.

A escola pública para todos, gratuita e laica, foi o mote central dos reformadores da década de 1930. A igualdade na aquisição da aprendizagem era um princípio básico deste movimento que pregava um ensino de qualidade para todos. Além disso, a Escola Nova propunha metodologias de ensino com mais liberdade e criação no ato da aprendizagem, indo de encontro às formulações conservadoras, autoritárias e rígidas já instauradas. Fernando de Azevedo, redator do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932, afirmava no que tange ao poder das transformações e suas consequências, a relevância de se estar receptivo ao novo, as mudanças:

No Manifesto educacional, os educadores que o redigiram e subscreveram, em vez de levantarem diante desta corrente uma muralha de resistência inútil, em que a onda se quebre, fazendo-a em pedaços, procuraram estender-lhe a rampa em que ela deslize e se desfaça, ou rasgar-lhe o leito em que possam canalizá-la... Todos os que, estando ao par dos problemas de educação, no seu estado atual, tiverem, lido o manifesto, sem prevenções e sem preconceitos, não de render justiça aos pioneiros da nova educação que nele deixaram a síntese mais coerente, como a afirmação mais alta dos seus princípios fundamentais.<sup>31</sup>

Bomeny<sup>32</sup> propõe uma indagação pertinente à sustentação da pesquisa: “até que ponto a reconstrução do trajeto de um personagem (por mais público e notável que seja) e a análise de uma concepção de mundo compartilhada por um pequeno grupo poderiam dar conta de processos e ações socialmente significativas?” A partir desse questionamento, podemos refletir nos aproximando do viés historiográfico: De que forma o político Carlos Drummond de Andrade e o grupo de intelectuais em que ele estava inserido, contribuíram para a formação histórica de uma ideologia político-educacional em nosso país? E em que patamar esse abastado *capital cultural*<sup>33</sup> provocou mudanças na política de nosso país, posto que, grande parte desses intelectuais fizeram parte do Ministério Capanema?

---

<sup>31</sup> AZEVEDO, Fernando de. [et al.] *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e os educadores 1959*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2010, p. 29.

<sup>32</sup> Bomeny, 1994, p.15.

<sup>33</sup> Bourdieu, 2008, p. 73.

Aquele pequeno grupo mineiro ligado estritamente à literatura e à cultura pôde, de certa forma, através de suas obras literárias, ultrapassar a restrita Minas Gerais e alcançar o ideário de nação tendo como trampolim a política do Rio de Janeiro. Nomes como Gustavo Capanema, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Francisco Campos e Carlos Drummond de Andrade tinham uma ligação intrínseca com o projeto educacional e cultural do governo Vargas. Fato é que este sentimento de mudança já tomava conta do país e não se restringia ao grupo da Rua da Bahia:

Para os intelectuais, que como Fernando de Azevedo, identificava-se com o discurso de modernização do país, a década de 1920 representou o momento de fortalecimento do ideário nacionalista, visto como elemento essencial de construção da nacionalidade e de integração nacional. Em sua concepção, era preciso investir no espaço da cidade, procurando superar sua heterogeneidade e construindo o sentido de unidade como fator de progresso do país.

<sup>34</sup>

Nesse cenário de contradições, ajustes e confrontos Drummond se estabelecia. A quietude, a introspecção e a constante insatisfação Drummoniana ganhava força e se sedimentava. As tensões e disputas faziam parte de uma experiência marcada por lutas, embates ideológicos que vislumbravam uma concepção de educação que abarcasse não só as elites, mas as classes menos favorecidas.

Esse grupo de intelectuais dos anos de 1920, de certa forma, se incumbiu de recolocar a capital de Minas Gerais em destaque, no centro das criações literárias e das matérias jornalísticas. Nesse período, houve muitas tentativas de formulação de projetos de ordem política e cultural. Sendo assim, a Belo Horizonte, idealizada para formulação de projetos administrativos e culturais, com a atuação dos intelectuais mineiros, recebe um lugar de prestígio nacional. “A Rua da Bahia é, pois, em Minas Gerais, o caminho que conduz ao governo”, dizia Drummond em uma de suas crônicas. <sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Camara, 2013, p. 346.

<sup>35</sup> Carlos Drummond de Andrade. “Recordações de Província”. Correio da Manhã, Rio, 26 de outubro de 1947.

## 1.2 - Drummond e a construção identitária dos letrados: o elo entre as elites intelectuais e a política de modernização nacional.

Caracteriza o *gauche* o contínuo desajustamento entre a sua realidade e a realidade exterior. Há uma crise permanente entre o sujeito e o objeto que, ao invés de interagirem e se completarem terminam por se opor conflituosamente. Para usar um sinônimo Drummoniano, tal tipo é um excêntrico (“Os excêntricos”); perde a noção das proporções e, colocando-se fora do ponto que lhe seria natural para manter-se em equilíbrio, termina deslocando-se como um deslocado, como uma *displaced person* dentro do conjunto.<sup>36</sup>

O *gauchismo* Drummoniano pode ser entendido como uma espécie de luta, de ação revolucionária em tempos de crises, tempos de mudanças. Carlos Drummond de Andrade era um sujeito de inúmeras facetas. A aproximação com a sua história política proporciona a compreensão de suas ações para o processo Educacional Brasileiro, a partir do recorte proposto (1934-1945).

A atuação de Drummond no Ministério é passível de muitos questionamentos e provoca reflexões. Como afirma Bomeny, no âmbito de sua *Constelação*, o próprio poeta se autotransformava como “poeta-funcionário”, “o convicto escriba oficial” e, como ele, muitos poetas como Mário de Andrade, trilharam o mesmo caminho no Ministério Capanema.

Ao se autoconclamar “poeta-funcionário”, Drummond sugere-nos alguns problemas de pesquisa. Podemos perceber que as funções de escritor/poeta e funcionário/burocrata e mesmo funcionário/poeta são indissociáveis à medida que essas atuações se complementam. Os anseios sociais apreendidos e vivenciados pelo funcionário são decodificados e transpostos pelo poeta em suas criações. Da mesma forma, o burocrata se valia de seu caráter humanizador, subjetivo e até mesmo emocional para (re)construir suas práticas no Ministério. Nesse viés, podemos analisar, na íntegra, a poesia “Hino Nacional” que desvela os anseios de Drummond em relação a uma educação de qualidade, igualitária e principalmente prioritária:

<sup>36</sup> SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 5ª Ed. rev. – Rio de Janeiro, Record, 2008, p. 44.

## Hino Nacional

Precisamos descobrir o Brasil!  
 Escondido atrás as florestas,  
 com a água dos rios no meio,  
 o Brasil está dormindo, coitado.  
 Precisamos colonizar o Brasil.

O que faremos importando francesas  
 muito louras, de pele macia,  
 alemãs gordas, russas nostálgicas para  
 garçonettes dos restaurantes noturnos.  
 E virão sírias fidelíssimas.  
 Não convém desprezar as japonesas...

Precisamos educar o Brasil.  
 Compraremos professores e livros,  
 assimilaremos finas culturas,  
 abriremos dancings e subvencionaremos as elites.

Cada brasileiro terá sua casa  
 com fogão e aquecedor elétricos, piscina,  
 salão para conferências científicas.  
 E cuidaremos do Estado Técnico.

Precisamos louvar o Brasil.  
 Não é só um país sem igual.  
 Nossas revoluções são bem maiores  
 do que quaisquer outras; nossos erros também.  
 E nossas virtudes? A terra das sublimes paixões...  
 os Amazonas inenarráveis... os incríveis João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!  
 Se bem que seja difícil compreender o que querem esses homens,  
 por que motivo eles se juntaram e qual a razão  
 de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!  
 Tão majestoso, tão sem limites, tão despropositado,  
 ele quer repousar de nossos terríveis carinhos.  
 O Brasil não nos quer! Está farto de nós!  
 Nosso Brasil é no outro mundo. Este não é o Brasil.  
 Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os brasileiros?

Eduardo Alves da Costa

Quanto a mim, sonharei com Portugal

Às vezes, quando  
 estou triste e há silêncio  
 nos corredores e nas veias,  
 vem-me um desejo de voltar  
 a Portugal. Nunca lá estive,  
 é certo, como também

é certo meu coração, em dias tais,  
ser um deserto.<sup>37</sup>

A poesia acima é uma exaltação ao país. Deveras amado. Drummond conclama um chamamento à nação para que se possa nutrir o amor à pátria, mas, acima de tudo, despertar uma crítica e nos apresentar uma reflexão sobre os problemas sociais. Em “Precisamos educar o Brasil,/ Compraremos professores e livros/Assimilaremos finas culturas/Abriremos dancings e subvencionaremos as elites”, percebemos a preocupação de Drummond com a educação, com a qualidade de vida, com a igualdade entre os seres. As poesias acompanham suas agruras e frustrações no que tange a política pública educacional do país.

Outra questão a ser analisada é a sua posição com relação ao Estado Novo (1937-1945) paralela à sua função de chefe de gabinete, posto que, se declarava contra os ideais políticos do Estado Novo e se dizia partícipe do Ministério no governo Vargas por simples razões pessoais com o então ministro Gustavo Capanema. Bomeny sinaliza um episódio importante a ser destacado.

A autora afirma que, Drummond, em constante indagação sobre suas obrigações de burocrata e seus princípios éticos foi levado a se posicionar. Nesse viés, havia um conflito entre os seus ideais pessoais e éticos e sua função de chefe de gabinete:

[...] a fidelidade ao espírito, aos seus próprios valores e o compromisso com a política. Recusando-se a comparecer a uma conferência contra o “anticomunismo”, proferida pelo amigo Alceu Amoroso Lima, o poeta-funcionário escreve ao ministro pedindo-lhe que lhe dispense do cargo de chefia do gabinete por não considerar correta a recusa de um chefe de gabinete em solenidade do próprio ministério.<sup>38</sup>

Até que ponto o poeta era realmente contra os preceitos do Estado Novo? Em que patamar suas ações e contribuições políticas eram afetadas por suas vivências de poeta e artista? Podemos perceber as preocupações de

---

<sup>37</sup> GUIMARÃES, Júlio Castañon. Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930/62. São Paulo, Cosac Naify, 2012, p.173.

<sup>38</sup> BOMENY, Helena, op cit.p. 29.

Drummond em relação ao seu cargo e ao comportamento que deveria assumir no ministério. A partir da correspondência com Capanema, afirma que:

[...] É verdade que minha colaboração foi sempre prestada ao amigo (e só este, de resto, lhe perdoaria as impertinências de que costuma revestir-se), e não propriamente ao ministro e nem ao governo, mas seria impossível dissociar essas entidades e, se eu o conseguisse, isto poderia servir de escusa para mim, porém não beneficiaria ao ministro...<sup>39</sup>

Entre os intelectuais da Educação, Drummond foi um sujeito atípico, calado, contemplativo, mas de posições firmes e reconhecido pelo seu trabalho e talento. Compreender a trajetória Drummoniana durante os onze anos em que atuou como político no Ministério Capanema, constitui-se relevante para a percepção das ações que atravessaram a política da época (1934-1945) e o ideário educacional em tempos de reforma.

A partir de um quadro político bastante instável, a poesia de Drummond ganhou força e chegaria ao ápice no final dos anos 1930. Suas produções poéticas que tratavam do cotidiano constituíam o espelho dos problemas sociais, sejam de cunho político ou individual. Nesse aspecto, Drummond almejava que sua poesia se tornasse porta-voz das inquietações do poeta e das angústias da sociedade:

Alguns militares legalistas, que haviam combatido as manifestações tenentistas da década anterior, como Góis Monteiro, também participaram dos preparativos do movimento revolucionário de 1930. A revolução eclodiu em outubro e, no dia 3 de novembro, Vargas assumiu a chefia do governo provisório da nação. De imediato o Congresso Nacional e as assembleias estaduais e municipais foram fechados, os governadores de estado depostos e a Constituição de 1891 revogada. Vargas passou a governar a partir de decretos-lei.<sup>40</sup>

O novo regime político, instituído a partir de 1937, determinou a dissolução do congresso, das assembleias estaduais, e das câmaras municipais, sob o pretexto de fazer uma “depuração” dos políticos que controlavam o país. As forças do exército apoiavam o presidente Getúlio Vargas e se consolidou como

---

<sup>39</sup> Correspondência de Carlos Drummond de Andrade ao ministro Gustavo Capanema, 25-3-1936.

<sup>40</sup> FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 30 ao apogeu do Estado Novo. - 3ª Ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 17.

agente do poder político durante o Estado Novo (1937-1945). Estas circunstâncias do contexto social irão ressoar dura e secamente no “eu” artístico do poeta, como percebemos na poesia ‘A flor e a Náusea’ em ‘A Rosa do Povo’ de 1945:

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
 Vou de branco pela rua cinzenta.  
 Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
 Devo seguir até o enjoo?  
 Posso sem armas revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
 Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
 O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e  
 espera.

O tempo pobre, o poeta pobre.  
 Fundem-se no mesmo impasse.  
 Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
 Sobre as peles das palavras há cifras e códigos.  
 O sol consola os doentes e não os renova.  
 As coisas, que tristes são as coisas consideradas sem  
 ênfase.<sup>41</sup>

Uma poesia que registra os fatos que permeiam a realidade e seu cotidiano; os problemas do mundo, do ser humano brasileiro e universal; poesia politizada – que já era uma referência modernista –, engajada, tendo como *conditio sine qua non*, a transformação da realidade.

Drummond, nesse aspecto, pode ser percebido como um educador. Seu projeto sinalizava na direção de uma educação ampla, abrangente, que se identificava com a realidade e persistia em transformá-la, a fim de que se construíssem cidadãos críticos, voltados para o momento do outro, solidários e engajados. Consistia na impossibilidade do homem, sozinho, realizar alguma coisa:

Caminhas entre os mortos e com eles conversas  
 Sobre coisas dos tempos futuros e negócios do espírito  
 A literatura estragou tuas melhores horas de amor  
 Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota.

<sup>41</sup> MERQUIOR, José Guilherme. Verso Universo em Drummond. 3ª Ed. – São Paulo: É Realizações, 2012, p. 121.

E adiar para outro século a felicidade coletiva  
Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição  
Porque não podes sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.<sup>42</sup>

A situação sócio-política do país em 1937, agia intrinsecamente em sua poética. Drummond acrescenta ao tema social, seu desencanto, seu pessimismo. Morava no Rio de Janeiro, então capital do país e viu que o Brasil ansiava por sair do Estado Novo e queria um regime democrático. Ao jovem intelectual dos anos de 1920 se soma em 1930 o burocrata e político que trabalhava como funcionário público.

O movimento Modernista concomitante à política conquistou um espaço privilegiado nas construções poéticas de Drummond. Apesar de fazer parte do Ministério, e trabalhar no governo Vargas, sua posição era a de não se considerar um elemento do Estado Novo. Correspondências e revistas da época insinuavam que Drummond continuava no Ministério Capanema, por motivos de amizade, mas também por questões de militância às reformas Educacionais.

Em se tratando de sua fase social, o poeta Carlos Drummond de Andrade valorizava a importância da experiência do homem comum, na construção de um mundo melhor e mais digno. As personagens construídas em suas poesias insistem no trabalho coletivo, na união, na educação moral e social. Há uma valorização à consciência crítica, à reflexão de ideias e conceitos caracterizando o indivíduo como humanizador.

Analisando as experiências políticas de Drummond, percebemos que a estreita ligação entre os 'homens de letras' e a função burocrata não é atual. Há tempos essa aliança de bens mútuos vem sendo construída de forma crescente, perpetuando suas bases e alicerces. No entanto, a expansão da imprensa e de outros veículos para a produção cultural foram fatores que alavancaram o surgimento dos primeiros intelectuais profissionais, os *anatolianos*<sup>43</sup> segundo Miceli.

A posição dos intelectuais na estrutura maquinária do Estado há muito é passível de discussão e análise. "O intelectual parece servir sem servir, fugir mas ficando, obedecer negando, ser fiel traindo. Um panorama deveras

<sup>42</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940: Record, 2000.

<sup>43</sup> Segundo MICELI., o termo *anatolianos* inserido no livro *Intelectuais da Educação* se refere aos intelectuais que atuaram nos postulados políticos no período compreendido como República Velha (1889-1930) ver Miceli, 2001, p.17.

complicado”.<sup>44</sup> Os processos que desencadeiam sua inserção e efetivas práticas no âmbito da política, e do poder que dela emanam, nos ajudam na (re) construção dos movimentos que alicerçaram as bases sociopolíticas e culturais de nosso país.

Miceli (2001) nos revela que as relações entre os diversos grupos dirigentes traduzem o desenvolvimento das instituições culturais, das organizações políticas e da máquina burocrática, posto que, refletem e intensificam as demandas dos produtores e consumidores dos bens culturais. A relação entre cultura, política e Estado são próximas e estabelecem um elo de fortalecimento, de poder.

[...] se é verdade que as principais frações da classe dirigente (a elite burocrática, o pessoal político associado às frações econômicas dominantes, a cúpula eclesiástica etc.) se empenharam em preservar e ampliar sua presença tanto nas instituições políticas como na produção cultural, não resta dúvida que as transformações ocorridas no mercado de bens culturais são indissociáveis da situação material e social das famílias da classe dirigente em que eram recrutadas as diversas categorias de intelectuais.<sup>45</sup>

Assim, ainda na Primeira República, a seleção dos intelectuais se perfazia de acordo com as redes de sociabilidade que se construía e, as tarefas que praticavam, estavam diretamente ligadas às instituições e organizações das classes dominantes. Dessa forma, a associação de novas categorias de intelectuais depende do capital de relações sociais, mas, também, passa pelo crivo dos saberes escolares e culturais que são inseridos no campo intelectual do indivíduo.

Após 1930, os intelectuais convocados pelo regime Vargas assumiram inúmeras tarefas políticas e ideológicas. Cabe ressaltar que suas ações eram cerceadas pelo poder mandatário do Estado e sofriam influências em suas práticas e intervenções. O período Vargas foi extremamente rico no que tange a seleção de intelectuais para a integração do governo. O acesso às carreiras e aos postos burocráticos em quase todas as áreas de serviços públicos

---

<sup>44</sup> Citação de Antônio Cândido indicando a correspondência dos intelectuais e os interesses do poder e das classes dirigentes no prefácio do livro “Intelectuais e Classes Dirigentes no Brasil (1920-45)”. (São Paulo, 1979, Coleção Corpo e Alma do Brasil).

<sup>45</sup> MICELI, Sérgio. Intelectuais à *Brasileira*. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 77.

(educação, cultura, justiça, serviços de segurança etc.)<sup>46</sup>. No entanto, o ponto nevrálgico que intensifica a ação dos intelectuais no governo Vargas é, segundo Miceli, o *domínio da cultura como um negócio oficial*. A conservação do trabalho intelectual e artístico foi concebida para execução e atuação de fins que atendessem às necessidades do governo.

Nesse sentido, o aumento de intelectuais convocados para o serviço público traz mudanças significativas no processo de construção e atuação das funções e carreiras. A formação identitária do intelectual, portanto, se modifica e, suas ideologias se adéquam às pretensões da classe dominante. Porém, os intelectuais burocratas ainda manifestavam resquícios de sua condição como *anatolianos*<sup>47</sup>, pois o capital social e as redes de sociabilidade que se alimentavam, ainda eram pertinentes. Contudo, após 1930, houve um deslocamento na formação da identidade do intelectual e suas práticas eram intrinsecamente ligadas às da elite burocrática e da classe dirigente, provocando, dessa forma, uma construção intocável de poder, *status*, que, culturalmente, perdura até os dias atuais.

Os "homens da escrita" eram a base formadora do governo Vargas; a criatividade, a destreza e a capacidade de argumentação e encantamento que os intelectuais tinham perante a sociedade foi o mote certo para que os *escritores-funcionários* ganhassem reconhecimento na política vigente. Dessa forma, se perfazia um novo cenário sociocultural para os intelectuais:

Apesar da quantidade apreciável de polígrafos entre os intelectuais do regime Vargas, pode se observar que os intelectuais que se incumbiam de tarefas estritamente administrativas preferiram confinar suas pretensões intelectuais a um determinado gênero ou não, então, repartiam seus investimentos entre obras literárias e textos de celebração política.<sup>48</sup>

Cabe ressaltar que, um grande número de intelectuais conseguiu, de forma concomitante, conciliar seus préstimos como funcionário público e sua produção literária. O poeta Carlos Drummond de Andrade é um exemplo dessa possível união. Em 1934, após o aceite do convite para fazer parte do Ministério da Educação e saúde Pública, como chefe de gabinete do ministro Capanema,

---

<sup>46</sup> Ibidem, p.197.

<sup>47</sup> Categoria de letrados que atua entre 1908-1910 e a eclosão do movimento modernista em 1922.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 198.

não deixou adormecer sua aptidão, sua vocação literária. Duas de suas reconhecidas obras como ‘Sentimento do Mundo’ (1940) e a ‘A Rosa do Povo’ (1945), foram produzidas e lançadas no período em que atuou diretamente na política nacional.

### **1.3 – A inserção dos intelectuais no governo Vargas: os aliados e a política Nacional.**

No Brasil, a nossa estrutura patriarcal e autoritária e a própria condição de país periférico – de grande contingente de analfabetos – acabaram por reforçar ao extremo esse tipo de prática. Assim, o ideal da representação, o falar em nome dos destituídos de capacidade de discernimento e expressão, foi facilmente absorvido pelo intelectual brasileiro. Sentindo-se consciência privilegiada do “nacional”, ele constantemente reivindicou para si o papel do guia, condutor e arauto. Basta conferir a nossa literatura social, cujos exemplos são pródigos nesse sentido.<sup>49</sup>

No que tange a construção da nacionalidade, muito se discute sobre a inserção dos intelectuais no poder. Alguns autores como Mônica Pimenta Velloso e Helena Bomeny<sup>50</sup> discutem o papel do intelectual, a complexidade de suas práticas e o seu poder de alcance no movimento de ideias e na ação política brasileira. Velloso afirma que as elites intelectuais foram reconhecidas por sua autenticidade e relevância na viabilização de grande parte dos processos políticos do país e pela construção da organização nacional. Cabe, nessa discussão, trazer à tona os ideais de nação e ideais educacionais nas múltiplas ações de Drummond; desde sua produção intelectual até suas intenções políticas.

A partir das décadas de 1920 e 1930, os intelectuais passaram a intensificar suas atuações e produções – políticas e artísticas – no âmbito do Estado, estabelecendo um princípio: a construção de um ideário de nação. A homogeneidade e a unidade política foram apoiadas e, de certa forma, conferidas aos intelectuais que, por suas atitudes artísticas, acabaram por serem

---

<sup>49</sup> VELLOSO, 2010, p. 147.

representantes da sociedade, sua ordem e organização devido às influências que construíram junto ao povo.

Velloso declara que, durante o Estado Novo, o sentido autoritário e absoluto do estado, vai ser redefinido e ganhando novos contornos. Nesse período, os intelectuais passaram a atribuir ao estado a condição central da formação identitária brasileira. Os intelectuais seriam os ‘arautos’ e ‘redentores’ da formação e atuação de uma política nacionalista.

Nesse ínterim, o Estado Novo se apresenta fortalecido de ações e posicionamentos que vão alimentar os pensamentos e práticas dos intelectuais. As contribuições político-ideológicas do regime vão abastecer as elites intelectuais e redesenhar suas formas de atuação em detrimento das forças políticas que se formam e centralizam este regime.

Ademais, os intelectuais que agiam em uma política de âmbito nacional, eram partícipes de um projeto político que visava promover a propagação do conhecimento, mas, acima de tudo, difundiam as plataformas e posicionamentos do regime e suas propostas de atuação. A aproximação dos intelectuais neste projeto deixa clara uma visão disseminadora, que intenta propagar as ideias do Estado Novo e, concomitantemente, questionar e propor mudanças na formação educacional vigente na época.

Dentro do projeto educativo há que se distinguir dois níveis de atuação e estratégia: o do Ministério da Educação e Cultura (dirigido por Gustavo Capanema) e o do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (encabeçado por Lourival Fontes). Entre essas entidades ocorria uma espécie de divisão do trabalho, visando a atingir distintas clientelas: o Ministério Capanema voltava-se para a formação de uma cultura erudita, preocupando-se com educação formal; enquanto o DIP buscava, através do controle das comunicações, orientar as manifestações da cultura popular. [...] O Ministério Capanema reunia um grupo ligado à vanguarda do Movimento Modernista: Carlos Drummond de Andrade (chefe de gabinete), Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Cândido Portinari, Mário de Andrade.<sup>51</sup>

“O papel do intelectual está claramente fixado: eles podem escrever páginas de história, mas a história faz-se lá fora.”<sup>52</sup> Velloso orienta que, no início do século XX, os intelectuais eram de certa forma, distanciados pelo Estado. A

---

<sup>51</sup> Ibidem, p. 149.

<sup>52</sup> CAMPOS, *apud* VELLOSO, 2010, p. 151.

criticidade contida na literatura e nas manifestações artísticas sofria resistência pelas ideologias do Estado, que apresentava ressalvas às suas ações como um movimento de oposição. Dessa forma, os intelectuais não podiam expressar sua liberdade artística que, de certa forma, criticavam a atuação do Estado; as obras de cunho romântico, estético e utópico eram recebidas melhor. Ele estava fadado às criações subjetivas, reflexivas, que propunham a ‘quietude da alma’, um saber puramente erudito. Os problemas sociais como fome, miséria e violência eram postos de lado para que um sentimento de inércia, dormência e alienação fosse estimulado através do dom da palavra poética. Nessa visão, política e literatura eram apresentadas com distanciamento.

Logo, o intelectual é inserido em sua ação política valendo-se de uma perspectiva missionária que o integra ao regime numa consciência visionária e nacionalista. O trabalho do intelectual, em muitos casos, deve traduzir uma vontade, uma prática e um posicionamento político voltado para os moldes do Estado. Sendo assim, Velloso nos orienta para a compreensão de que o exercício intelectual é conduzido por um forte engajamento sociopolítico cerceado pelas ações dos chefes de governo. Um exemplo cabal da transmissão dessa ideia de intelectual estatal – agentes do conhecimento que carregam consigo ideologias do Estado – é a entrada de Getúlio Vargas para a Academia Brasileira de Letras em dezembro de 1943. Daí postula-se uma ideia de unidade, a homogeneidade entre a política e as letras: “a união entre o homem de pensamento e o homem de ação, entre a política e a literatura, enfim, entre os intelectuais e o Estado.”<sup>53</sup>

Fica claro, portanto, que o “intelectual é eleito o interprete da vida social porque é capaz de transmitir as múltiplas manifestações sociais, trazendo-as para o seio do Estado, que irá discipliná-las e coordená-las”.<sup>54</sup> Nesse sentido, Pécault nos afirma, ainda, que há legitimidade nos intelectuais quando deixam de reivindicar uma posição de elite e passa a entender e interpretar as massas populares<sup>55</sup>. Eles eram considerados mediadores, unificadores entre o Estado e povo, posto que, utilizavam de suas estratégias, táticas e experiências no campo do conhecimento para estabelecerem novos caminhos para a política nacional.

---

<sup>53</sup> Ibidem, *passim*.

<sup>54</sup> ANDRADE, *apud* VELLOSO, 2010, p. 154.

<sup>55</sup> PÉCAULT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990.

Caminhos estes que na visão Getulista se materializavam na figura do homem de pensamento e de ação.

As intenções do Estado em relação à inserção do intelectual na política nacional vão se tornando claras. O cerne do ideário do Estado era um pensamento autoritário que qualificasse a sociedade como imatura, frágil e indecisa no que tange às suas vontades pessoais e politizadas. Com isso, se faria necessária a atribuição de escolhas e decisões aos 'intelectuais estatais' que supostamente eram capazes de "adivinhar" as dificuldades, angústias e problemas sociais e, assim, promover mudanças e soluções.

Dessa forma, os intelectuais seriam os porta-vozes das agruras da sociedade e promoveriam a 'catarse' do povo humilde. Seriam capazes de captar o 'subconsciente coletivo', como afirma Velloso. E, nesse subconsciente, estariam localizadas as soluções para as dificuldades do povo e o entendimento para a recuperação da 'brasilidade' perdida. Esse resgate do patriotismo era uma das propostas de atuação que se encontrava nas mãos dos intelectuais

O processo de construção do Estado Nacional nos anos de 1930 teve uma grande adesão dos intelectuais modernistas brasileiros. A ideia de modernização chamava a atenção dos artistas que logravam identificar a cultura, como consistente forma de avanço na política e na questão socioeconômica do país.

Os intelectuais mineiros tinham uma ligação intrínseca com uma política de engajamento, e fidelidade à cultura e à modernidade. Com Drummond não foi diferente. Em meio às crônicas, ensaios e poesias se fazia presente a sua obstinação pela política. Logo, a aptidão política de Drummond se apresentou de forma ascendente. O convite para participar da Secretaria do Interior ocorreu em 1930, foram quatro anos na gestão de Cristiano Machado, prefeito de Belo Horizonte entre 1926 e 1929 e Secretário do Interior de Minas em 1930. Porém, o "espírito" de poeta nunca foi posto de lado:

Para adentrarmos nas proposições do Ministério da Educação e Saúde Pública liderado por Gustavo Capanema (1934-1945) e, conseqüentemente, examinar a atuação de seu chefe de gabinete Carlos Drummond de Andrade, se faz necessário o entendimento de nossa história política nesses onze anos de ministério. A contextualização de práticas e comportamentos dos sujeitos dentro deste cenário sociopolítico é imprescindível

para remontar espaços permeados de incertezas e passíveis de questionamentos.

Uma nova constituição foi apresentada ao país no dia 10 de novembro de 1937 pelo presidente Getúlio Vargas. Nascia, então, através de um golpe o Estado Novo. As distintas posições de poder em torno da Aliança Liberal, uma coligação partidária oposicionista, movimentou a política nacional e, em 1929, pôs em voga a candidatura de Getúlio Vargas à Presidência da República.

A despeito da sua heterogeneidade, no ideário da Aliança Liberal estavam presentes temas relacionados com justiça social e liberdade política. Os aliancistas propunham reformas no sistema político, a adoção de votos secretos e o fim de fraudes eleitorais. Pregavam anistia para os perseguidos políticos e defendiam direitos sociais, como jornada de oito horas de trabalho, férias, salário mínimo, regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores. Propunham também a diversificação da economia, com a defesa de outros produtos agrícolas além do café, e diminuição das disparidades regionais.<sup>56</sup>

Ademais, os aliancistas defendiam a educação pública obrigatória e a reforma agrária. Perseguiam também, um novo lugar para o exército brasileiro, embora o líder tenentista Luís Carlos Prestes não fosse favorável à Aliança. Em 1930, o candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas, foi derrotado. Dessa forma, houve uma divisão na visão política dos aliancistas. Alguns reconheciam a fatídica derrota e outros acreditavam na instauração de Vargas e sua ascensão ao poder.

A década de 1930 é permeada de mudanças socioeconômicas. É instaurado na política brasileira um sentimento de renovação em relação às práticas já em marcha. “A revolução eclodiu em outubro e, no dia 3 de novembro, Vargas assumiu a chefia do governo provisório da nação. [...] Vargas passou a governar a partir de decretos-lei.”<sup>57</sup> Nesse contexto de instabilidade política, o Congresso Nacional e as assembleias estaduais e municipais encerraram suas atividades, os governadores depostos de seus cargos e a Constituição de 1891, nos primórdios da República Velha, foi revogada.

As medidas intervencionistas e centralizadoras acompanhavam o Governo Provisório de Vargas. Nos anos que antecederam a década de 1930,

---

<sup>56</sup> Ibidem, p. 16.

<sup>57</sup> PÉCAULT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990, p.17.

antes da inserção de Vargas na chefia do país, os governadores eleitos faziam parte das elites, das classes que detinham o poder na região local. Já depois de 1930, o interventor era nomeado e servia diretamente aos interesses do Estado e do presidente da República. Dessa forma, Vargas tomava medidas que abarcavam as variadas matrizes políticas. Fazia concessões às forças políticas locais e, concomitantemente, controlava os estados com mais afinco e limitava sua autonomia. Assim, Vargas se estabelecia em várias áreas de atuação em seu Governo:

Na área social, o Governo Provisório também fez investimentos significativos. Ainda em novembro de 1930 foram criados o Ministério do Trabalho, Indústrias e comércio, chamado Ministério da Revolução e o Ministério da Educação e Saúde Pública. À exceção do salário mínimo, que será regulamentado durante o Estado Novo, entre 1931 e 1934 foi promulgada uma série de decretos e leis de proteção ao trabalhador. A jornada de trabalho no comércio e na indústria foi fixada em oito horas; o trabalho do menor e da mulher foi regulamentado; adotou-se uma lei de férias; foi instituída a carteira de trabalho e o direito a pensões e aposentadorias. Esse conjunto de leis e decretos culminaram em 1943 na Consolidação das Leis do trabalho.<sup>58</sup>

Destarte, a Revolução de 1932 reestruturou a organização política nacional e redefiniu o processo de depuração das elites civis e militares. As eleições para a Assembleia Nacional Constituinte era primordial para criação de novos partidos, pois os atuantes no pré-1930 foram praticamente extintos. Nas urnas, os partidos dos interventores foram os que obtiveram melhor desempenho. A constituinte brasileira deu início em 15 de novembro de 1933 e em 16 de julho do ano seguinte, a Constituição foi promulgada. Getúlio Vargas foi eleito, indiretamente pelos constituintes, presidente da República.<sup>59</sup>

Em busca de apoio e fortalecimento de forças políticas, Vargas forma uma base aliada e volta-se para os militares. A discussão política ganha destaque e a questão da sucessão presidencial se fortalece mesmo com a oposição de Vargas e seus aliados. O pedido do governo de prorrogação do estado de guerra foi recusado pelo congresso em junho de 1937 e o ministro da justiça José Carlos de Macedo Soares resolveu anistiar alguns presos políticos.

Tropas da Polícia Militar cercaram o Congresso Nacional no dia 10 de novembro de 1937. Mesmo com a mudança no regime, Vargas ainda continuava

---

<sup>58</sup> Ibidem, p. 19.

<sup>59</sup> Ibidem, p.28.

à frente do executivo. A base aliada de 1930 já não se encontrava mais no poder. O Estado Novo se iniciava através de lutas e enfrentamentos durante as incertezas e anseios impostos.

Ferreira e Delgado nos afirmam que há tempos já se almejava um tipo de política que estivesse atenta aos anseios do povo, as classes populares. No Brasil, as correntes autoritárias foram se fortalecendo em virtude da vitória dos “revolucionários” na década de 1930. A reforma política foi efetivada a partir do golpe de 1937, sob o comando de Getúlio Vargas, com o apoio do exército e das forças antidemocráticas. A população só esteve a par do golpe através das ondas do rádio, quem o possuísse. Logo, o conceito de democracia foi se moldando ao novo recorte político que se alinhavava. A inovadora proposta de liderança trazida pelo golpe e por Vargas foi redesenhando uma nova forma de identidade nacional. Uma identidade nacional coletiva que, de certa forma, numa visão estadista, atendessem às necessidades do povo.

Para além das questões que tangenciavam a inserção dos ideais políticos do Estado, percebemos os ideais modernistas no Estado Novo. Os formadores e idealizadores do Estado queriam explicitar que os seus interesses não eram totalmente políticos, mas também, possuíam um forte alicerce cultural. Logo o processo político-cultural foi amplamente posto em prática.

A Semana de Arte Moderna de 1922, já abastecida pelos modelos estéticos oriundos de outros países, entraria em vigor em sua completude com a revolução política do Estado Novo. A arte e a política se unem em prol da construção e manutenção da brasilidade e da renovação nacional.

A ligação do movimento Modernista – e dos intelectuais que o integravam – com as forças do regime do Estado Novo foi extremamente importante, pois alterava a imagem do Estado e reforçava sua condição de defensor da cultura. Aos poucos, fica claro que este esforço não foi em vão. Boa parte dos Intelectuais cedeu aos apelos e propostas dos agentes estatais e, dessa forma, a imagem e o papel desempenhado pelo intelectual modernista vai se modificando.

Se a vertente modernista e conservadora é a vitoriosa no interior da doutrina estado-novista, o regime não exclui a colaboração de outros intelectuais que defendiam projetos culturais mais inovadores, como é o caso de Carlos Drummond de Andrade e

Mário de Andrade. É necessário, portanto, analisar as diferentes inserções desses intelectuais no aparelho de Estado. Se o Estado absorve grande parte dos intelectuais modernistas, a absorção se dá de forma diferenciada. Daí a complexidade e mesmo ambiguidade da política cultural do regime, que agrega intelectuais das mais diferentes correntes de pensamento, como os modernistas, positivistas, integralistas, católicos e até socialistas.<sup>60</sup>

A presença de Carlos Drummond de Andrade no Ministério Capanema foi motivo de tensão, tanto para os que especulavam sua ligação e atuação na chefia do gabinete quanto para o próprio Drummond que, em suas falas e posições, se dizia alheio às questões políticas e afirmava estar neste cargo por razões da amizade que mantinha com o então ministro Gustavo Capanema.

No que tange a ação dos escritores-funcionários, Miceli afirma que os intelectuais dependiam dos subsídios que o Estado lhes concedia, porém a condução e o abastecimento de sua produção literária não vinham somente da ferramenta estatal. O capital social e cultural que eles apresentavam eram fatores preponderantes para o autossustento de suas obras.

De acordo com a diferenciação entre escritores-funcionários – os que eram beneficiados por sua posição e condição social – e os funcionários-escritores – que não tinham benefícios por conta de capital social, logo sua evolução no cargo público era mais lenta – estabelecida por Miceli, muitos burocratas como Augusto Meyer, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Carlos Drummond de Andrade eram denominados escritores-funcionários, posto que, mantinham laços de amizade com políticos estaduais mineiros que lideraram o movimento revolucionário de 1930. Muitos desses homens políticos se tornaram dirigentes do primeiro escalão do novo regime.<sup>61</sup>

No fim de 1934, Gustavo Capanema, o novo ministro da Educação e Saúde, convidou Drummond para ser seu chefe de gabinete no Rio de Janeiro. O convite não caiu como uma luva para o poeta. Mesmo com a chance de sair da situação em que vivia, apertado num regime de economia doméstica estreitíssima de funcionário público, aquilo não refrescava em nada. Com 32 anos e, como escreveria na época, “sem nenhum problema resolvido, sequer colocado”, ele estava agora obrigado a escolher.<sup>62</sup>

---

<sup>60</sup> PÉCAULT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação*. São Paulo: Ática, 1990. p. 172-173.

<sup>61</sup> Ver Miceli, 2012, p.231.

<sup>62</sup> CANÇADO, 2012, p.150.

E , ainda:

Capanema nunca deixou de dar mão forte a Drummond. Além da amizade pelo autor de *Alguma Poesia*, ele tinha motivos para isso: Drummond era um mostro de correção e rigor burocrático, tornando-se responsável por quase toda a condução administrativa do ministério, levando-o a assumir funções quase que impensáveis [...].<sup>63</sup>

As estratégias estavam postas. A convocação de Drummond, Abgar Renault e Augusto Meyer era uma delas. O fortalecimento do governo e do poder econômico era uma meta a ser seguida. Contudo, Havia uma discrepância em larga escala em relação à inserção desses intelectuais como agentes do Estado e as funções que desenvolviam. O próprio Drummond inicia sua carreira política no Rio de Janeiro com um cargo de suma importância: a chefia de gabinete do ministério da Educação e Saúde Pública. Ações díspares eram conduzidas e efetivamente postas em prática pelo Estado.

Diante desse quadro, a condução da presença Drummoniana na política ministerial vai se perfazendo. Os aspectos socioculturais que acompanharam a formação e manutenção das elites intelectuais no Brasil afetaram de forma congênita o poeta no que tange a sua vida política e, de certa forma, afetaram sua construção intelectual.

Quanto à inserção de Drummond no Ministério Capanema, Miceli cita uma abordagem de Simon Schwartzman que exemplifica os impasses, as angústias que o poeta enfrentava em detrimento de sua função na chefia de gabinete do ministro entre ‘as exigências de uma obra de criação pessoal e a prestação de serviços públicos’:

[...] Drummond teria sofrido na pele as consequências dos conchavos negociados por Capanema, ressaltando-se a aliança com a Igreja católica, sem dispor de recursos políticos que lhe garantissem o espaço de autonomia indispensável à feitura de sua obra literária. Ele não teria tido outra saída senão participar do “ministério da geração mineira”, envolvido por inteiro com os projetos políticos nas áreas de educação e cultura.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Ibidem, 2012, p. 159.

<sup>64</sup> MICELI, 2012, p. 387.

Ademais, em se tratando da marcante participação de Drummond no ministério, é importante salientar sua contribuição na organização e apuração de cartas dirigidas ao ministro Capanema. 'Este podia não só intermediar cartas dirigidas ao ministro como também agilizar as providências necessárias ao encaminhamento de assuntos tratados nas muitas cartas'. Esta observação deixa clara a relevância de Drummond no Ministério e reconhece as correspondências como fontes de grande valia para a pesquisa historiográfica da política brasileira.

Dessa forma, os registros assinalados por Gomes em "Capanema: o ministro e seu ministério" são valiosos indícios da constituição dos intelectuais no seio da política nacional. Em sua pesquisa, notou que 14% das cartas, ou seja, 84 correspondências ao todo eram de intelectuais que se comunicavam com o ministro Gustavo Capanema durante o seu mandato.<sup>65</sup>

Nesse aspecto, cabe salientar o envolvimento do político Drummond com os problemas advindos de seu cargo na chefia de gabinete de Gustavo Capanema. Em algumas correspondências, podemos perceber a amizade, que perdurava e se fortalecia entre os amigos de infância. Mas, acima de tudo, é claro o entendimento entre o ministro e seu chefe de gabinete e o cunho sociopolítico das conversas, das reflexões estabelecidas em um momento tão peculiar da política brasileira:

Eu ia precisamente escrever-lhe reclamando o artigo do *Bandeirante* quando chegaram o seu cartão e o número do jornal. [...] Mas bem sei que a nossa amizade não é literária e que realizamos necessidades afetivas bem mais austeras mantendo esse comércio que é para mim das coisas mais gratas e menos cotidianas da minha vida de burocrata falhado.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Nessa mesma pesquisa podemos ver outros dados. Com políticos, Capanema tinha 13%, totalizando 79 cartas; em relação a sua família, o ministro 1%, totalizando 7 cartas. (GOMES, 2000, p.25)

<sup>66</sup> Fragmento de correspondência de Drummond para Capanema – agosto de 1930. CPDOC

[...] É verdade que minha colaboração foi sempre prestada ao amigo (e só este, de resto, lhe perdoaria as impertinências de que costuma revestir-se), e não propriamente ao ministro e nem ao governo, mas seria impossível dissociar essas entidades e, se eu o conseguisse, isto poderia servir de escusa para mim, porém não beneficiaria ao ministro[...]<sup>67</sup>

Como escritor-funcionário, Drummond tinha a responsabilidade de escrever palestras e discursos e, por vezes, proferi-los. Na coletânea do *Projeto Memórias*<sup>68</sup>, temos uma palestra radiofônica s/d do ano de 1942, em que o chefe de gabinete se posicionava em favor da educação, tema recorrente em suas entrevistas e poesias, e, em nome do ministério, nos convida a refletir sobre uma educação igualitária, laica e abrangente. O fragmento abaixo revisita um pouco das ideologias do escritor-funcionário:

#### **A educação em face da guerra**

Convidaram-me para falar sobre a educação em face da guerra. Eis aí um grave problema. Antes de mais nada, os dois termos parecem repelir-se. Uma educação ideal importaria na eliminação da guerra como meio de solução entre o choque de interesse entre os homens. Uma guerra total, por sua vez, importaria no fim do trabalho educativo do homem. Entretanto, paradoxalmente, vemos que educação e guerra também se conciliam e que há mesmo, elaborada pelos regimes fascistas, uma “educação para a guerra”, monstruosa e implacável, como também, por outro lado, a guerra introduz nos sistemas normais de educação câmbios violentos e profundos. [...] Ao lado de problemas militares, econômicos e políticos que dizem respeito à movimentação e organização da guerra, devemos cuidar de estabelecer normas educativas que importem na saúde mental e moral da criança e do jovem. E é voltando às letras clássicas, as boas e esquecidas humanidades que o ministro Gustavo Capanema em hora feliz restituiu em nosso currículo secundário, e temperando-as com gosto de pesquisa e o sentimento da vida moderna e mantendo a tradição do espírito contra as ferocidades do mito racial e político, é, em suma “cultivando o nosso jardim”, como queria o mestre francês que preparemos gerações mais felizes e menos suscetíveis da embriaguez da guerra [...].<sup>69</sup>

<sup>67</sup> Fragmento de correspondência de Drummond para Capanema – 25 de março de 1936. CPDOC

<sup>68</sup> PENNA, João Camilo. Drummond, testemunho da experiência humana. Brasília. ABravídeo, 2011. p. 74/75.

<sup>69</sup> A palestra radiofônica “A educação em face da guerra”, proferida em 1942, põe em debate as implicações do nazifascismo para a educação. Em última análise a função da educação deveria ser eliminar a possibilidade da guerra, o que dizer, portanto sobre a educação possível durante uma guerra que ocorre? Eis o mote da educação nazifascista: “a criança submetida a um treinamento moral e psicológico para o ódio é, sem dúvida, o mais triste exemplar humano”. Essa a formação do “menino alemão” que aprende “uma gramática, uma filosofia, uma poesia, uma arte preconceituosas, agressivas e totalitárias”. Qual é o papel da educação nesse quadro? E o

Datiloscrito da crônica “Educação em face da guerra”, proferida por Drummond no rádio em 1942-Arquivo Carlos Drummond de Andrade - AMLB/FCRB, p. 74 e 75.

Para além das correspondências de Drummond, no arquivo Capanema, encontradas no CPDOC, existem algumas entrevistas que são relevantes no que tange as questões políticas sobre o Estado Novo e suas influências e obrigações no Ministério Capanema. Não foram poucas às vezes em que o político teve que dar explicações sobre sua participação na chefia de gabinete do ministro da Educação, como percebemos no fragmento que segue:

**Como se dá a passagem de uma poesia como a de “A Rosa do Povo” participante, para uma poesia de expressão mais intelectualizada?**

**Drummond:** Admito. Levando esse choque, sendo destrutado, quase agredido por companheiros da Associação, e já terminada a guerra que, se dizia, ia terminar com as guerras, fui me desinteressando do problema político e mergulhei assim numa espécie de solidão em que me interessavam só os problemas, não digo metafísicos, mas os ligados ao destino final do homem, à natureza do homem, à existência, ao mistério da existência do homem e da sua finalidade, do seu próprio ser. Esporadicamente me vem o desejo de participar. Sempre que eu vejo uma injustiça que me dói mais, uma sucessão até agora infinita de generais na Presidência da República, e vejo governadores nomeados sem nenhuma ligação política com o Estado a que pertencem ou então com uma falsa ligação política, quando vejo todas essas coisas, procuro, se não em verso porque o assunto não comporta, pelo menos em prosa, na minha crônica, dizer essas coisas. Não perdi a capacidade de indignação, mas ela está misturada com o ceticismo de quem não vê perspectiva de melhora nesses próximos tempos. Há um entusiasmo na mocidade, há desejo de fazer alguma coisa, mas a mocidade foi tão sacrificada nesses anos de revolução, os melhores foram destruídos: ou ficaram atemorizados para o resto da vida, ou morreram fisicamente ou desapareceram. Houve um hiato na formação social do Brasil, houve uma geração que não pôde dizer a sua realidade.

**Antes da militância, o senhor foi um elemento do Estado Novo, não?  
Drummond:**

Nunca me considerei como tal e acho uma injustiça se dizer tal coisa. Vim para o Rio em 1934 para trabalhar com um amigo pessoal, do tempo de colégio, Gustavo Capanema. Em 1937 houve o golpe de Estado e Capanema continuou. Continuei a servir a ele da mesma maneira, não

---

funcionário do Ministério da Educação e Saúde Pública responde citando Voltaire: “cultivemos nosso jardim”. Retornemos aos padrões da cultura iluminista. Restabeleçamos uma “educação natural, a pura e desinteressada educação do espírito, destinada a formar homens de boa vontade e calma coragem, não autômatos ou possessos”. (Arquivo Carlos Drummond de Andrade/FCRB).

tinha a menor ligação com o Estado Novo. Vi o Dr. Getúlio Vargas duas ou três vezes na vida. As minhas relações com o palácio eram burocráticas: eu preparava pastas de documentos e mandava para lá, recebia telefonemas e cumpria recomendações burocráticas, mas não tinha nada a ver com a política do governo.<sup>70</sup>

Logo, torna-se relevante explorar os meandros que contribuíram para que Carlos Drummond de Andrade ingressasse na política e se firmasse como funcionário público reconhecido no Ministério, onde permaneceu até o dia 14 de março de 1945, quando entregaria sua carta de demissão à Capanema.

Cançado, na biografia de Drummond, declara como foi a saída de Drummond do Ministério. Articular com a volta da atividade política no país, a angústia começou a pairar e Drummond não pôde esperar mais: “o seu desejo de “militar” contra o ditador (a expressão é dele próprio) dessa vez é maior que ele”<sup>71</sup>. Capanema compreende e se despede do seu chefe de gabinete oferecendo-lhe um exemplar de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Drummond não queria mais voltar para Minas. Ele não queria perder a chance de “militar contra o ditador”, como fazia questão de dizer. “Com poucos dias de direito às ruas, ele já fora tocado pelo clima mais que exaltante, uma espécie de assalto ao paraíso da imaginação democrática e popular nos grandes momentos”.<sup>72</sup>

Cançado afirma, ainda, que menos de duas semanas depois de ter deixado o ministério, ele teria escrito o poema *a galope* que falava sobre a anistia, para atender as necessidades políticas do momento. Eis um trecho do poema:

Mal foi amanhecendo no subúrbio  
 As paredes gritam: anistia.  
 Rápidos trens chamando os operários  
 Em suas portas também gritavam:  
 Anistia [...]  
 Os jornaleiros brandem um papel  
 De dez metros por cinquenta.  
 Neste cartaz imenso, em tintura rubra:  
 Anistia [...]  
 E bate um sino. Um remo corta a onda.  
 Alguém corre na praia.  
 Esses sinos querem dizer apenas, sem disfarçar,  
 Anistia [...]  
 Vem pois, ó liberdade, com teu fogo,  
 Tua rosa rebelde nos cabelos,

<sup>70</sup> Entrevista de Carlos Drummond de Andrade à revista *Veja*: Carlos Drummond de Andrade concede entrevista a Zuenir Ventura, chefe da *Veja* no Rio, em 19/11/1980.

<sup>71</sup> . CANÇADO, José Maria. *Os Sapatos de Orfeu*. São Paulo. Globo, 2012, p. 194.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 195.

Vem trazer os irmãos para o sol puro  
E incendiar de amor os brasileiros.<sup>73</sup>

Nessa época, Drummond estava muito envolvido e entusiasmado com um projeto criado por ele: a UTI (União dos trabalhadores intelectuais), que era considerado um organismo em defesa dos trabalhos dos intelectuais, mas de cunho essencialmente político, que lutava pelas liberdades públicas. A UTI queria ajudar e, de certa forma, caminhar junto com os ideais da ABDE (Associação Brasileira de Escritores). Dessa forma, os direitos dos escritores e a atuação política e engajada, poderiam andar juntos.

Cançado (2012), afirma que, Drummond tinha percebido que havia um grupo que mantinha Prestes, mesmo na prisão, de certa forma ‘sequestrado’, mantendo-o isolado de contatos que determinavam uma ‘estranha linha política’. Essa linha política que causava estranhamento, nas palavras de Drummond, era a aproximação com Getúlio Vargas. No dia 12 de abril, Drummond anotaria em seu diário as seguintes palavras:

Sou um animal político ou apenas gostaria de ser? Esses anos todos alimentando o que julgava ideias políticas socialistas e eis que abre o ensejo de defendê-las. Estou preparado? Minha suspeita é que o partido, como forma obrigatória de engajamento, anula a liberdade de movimentos, a faculdade que tem o espírito de guiar-se por si próprio e estabelecer ressalvas à orientação partidária.<sup>74</sup>

No dia 15 de março de 1945, Drummond conseguiu sua esperada entrevista com Luís Carlos Prestes. Depois do pedido de demissão do ministério e, para além das opções políticas que tinha feito, o poeta se via na obrigação de escolher o que fazer. Um mês depois, de forma assertiva e sem pestanejar, Drummond aceitara uma proposta de trabalho: “ao ser convidado para trabalhara e fazer parte do Conselho Diretor da *Tribuna Popular*, cujo objetivo seria expor o ponto de vista de esquerda com nitidez, aceitou na hora”.<sup>75</sup>

---

<sup>73</sup> Drummond nunca publicou o poema *a galope* em suas obras, por sabê-lo datado demais. No entanto, contou que ele participasse de seu diário do período (*O observador no escritório*, Editora Record, 2006), talvez como registro de um momento.

<sup>74</sup> Cançado, 2012, p. 197.

<sup>75</sup> CANÇADO, 2012 p. 198.

Uma semana depois de sua estreia, no dia 6 de junho de 1945 ele escrevera: “Na redação da *Tribuna Popular* não me sinto à vontade... e as poucas coisas que redijo tem destino tem destino incerto...”. Cançado afirma que essa insatisfação se devia ao fato de que a direção do partido modificava seus textos. “Nós escrevíamos um texto, e não saia aquilo, o que saia era algo assim gelatinoso, flácido, ditado por trás da porta dos dirigentes de seu partido...”. Logo, Drummond começara a faltar às reuniões de pauta do jornal e se sentia desmotivado. Motivo pelo qual Abgar Renault declarou sobre o poeta: “ele jamais esteve sobre outra bandeira que não fosse a sua”.

Em meio a esse contexto de insatisfação pessoal, o diretor Aydano do Couto Ferraz, responsável pela aproximação de Drummond ao movimento comunista, dispara: “Drummond não tem jeito” e o jornalista Fernando Segismundo reafirma: “Assim está horrível, ele não tem horário, não aparece nas reuniões” e encerra com a seguinte frase: “Vocês tinham alguma ilusão que Drummond pudesse se enquadrar?”<sup>76</sup>.

O tempo passou, mas o *gauche*, quem sabe adormecido, estava de volta. O insatisfeito, o desajustado, o marginal declarado no *Poema de Sete Faces de Alguma Poesia*, em 1930, se fazia presente, persistia e clamava por mudanças. A observação, conduta primária de um historiador, nos leva para caminhos em que, indícios se fazem presentes e constituem e moldam ações. O receio de Drummond em fazer parte de ações políticas e não se declarar agente fundamental no Ministério da Educação e Saúde Pública, durante os 11 anos de sua participação, e se declarar apenas amigo do ministro Capanema, teria motivo plausível. A mesa está posta e as fontes documentais e bibliográficas nos anunciam que muito está por vir e o inesperado se anuncia.

---

<sup>76</sup> Ibidem, p.209.

## 1.4- *Cartas a um velho amigo: Os enlaces entre Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema.*

Simon Schwartzman tem razão quando, ao comentar a participação de Carlos Drummond de Andrade no Ministério do Estado Novo, nos diz: “Explicar a presença incômoda de Drummond neste Ministério por simples razões de amizade, ou dizer que a sua atuação foi simplesmente burocrática e administrativa, é fazer pouco de sua inteligência e seus valores”.<sup>77</sup>

A afirmação de Schwartzman se torna cada vez mais verossímil. Drummond desde os tempos de Itabira demonstrava interesse pela política. Suas ações preconizavam um sentimento de justiça, de igualdade. A arte e a política eram parceiras de um bem maior e valioso: a leitura. Drummond não lia apenas livros; lia mundos. E no mundo em que vivia, muitas lacunas existiam. Esse inconformismo trouxe aptidões, aguçou talentos que foram se moldando com o tempo.

As correspondências entre Drummond e Capanema revelam a existência de uma intensa amizade, de respeito, de amor. A ligação surgida em Belo Horizonte na adolescência foi com o passar dos anos, criando vínculos, raízes que permaneceram firmes. Eles eram confidentes e, de certa forma se identificavam. Os ideais e a vontade de mudança eram as mesmas. Sempre descritas nas cartas:

Carlos,

A notícia de seu aniversário foi a única coisa que li no Diário de 12 de novembro. Noticiou mas que me serviu de motivo para te escrever esta carta que não é propriamente para te levar o meu abraço com o indispensável voto de saúde e felicidade mas para te dizer que eu não esqueço você, gosto de você e ando dando uma grande atenção à sua vida e à sua prosperidade.

Do teu amigo muito indigno, Capanema.  
Pitanguy, 2 novembro de 1927<sup>78</sup>

<sup>77</sup> BOMENY, Helena. Organizadora. *Constelação Capanema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 16.

<sup>78</sup> Correspondência de Gustavo Capanema para Carlos Drummond de Andrade, 1927.

Meu caro Carlos,

Mando hoje uma carta ao Mário e não sei se elle esta ahi. Você guarde-a para elle, caso não esteja. E lhe peço uma notícia delle. E também sua. Tenho saudade de você, tanta que nem sei explicar.

Capanema, 10.07.1930.<sup>79</sup>

Meu caro Carlos,

[...] Você foi sempre, aos meus olhos, não somente a extraordinária figura de sumo poeta e escritor, mas também ( e esse é o ponto que me interessa repetir agora) mas também de um homem de superior feitio e conduta moral. [...]

Brasília, 18 de abril de 1974. (fragmento)<sup>80</sup>

A amizade era grande, o respeito profundo. Mas o que mantinha Drummond na política não era o envolvimento com Capanema, nem com nenhum outro intelectual da época. Na análise das correspondências, ficam claras algumas evidências. Gustavo Capanema via em Drummond mais que um amigo; enxergava um alicerce, um suporte. A presença do *Carlos* era de certa forma, a tranquilidade que Capanema necessitava, pois sabia que podia contar com ele em todos os momentos. O próprio Capanema, por vezes, sentia-se culpado por não estar próximo a Drummond. Mas, para além da amizade, seus interesses eram político-educacionais, posto que, ambos sentiam a necessidade de mudança no quadro social brasileiro:

Meu caro carlos...

A sua carta me trouxe uns três ou quatro bons prazeres. Eu estava com desejo de uma palavra sua a respeito de um grande drama. Agora que leio o seu cartão, vago e cauteloso, gozo uma certa satisfação, mas ainda fico com vontade de não acreditar: “forte para sempre...”

Mas eu precisava também de notícias do Mário. Não recebi nenhuma carta delle depois que seu pai morreu. Estava até

<sup>79</sup> Correspondência de Gustavo Capanema para Carlos Drummond de Andrade, 1930

<sup>80</sup> Correspondência de Gustavo Capanema para Carlos Drummond de Andrade, 1974. (fragmento).

pensando em doença. O seu cartão me tranquilizou de algum modo.

O Emílio está precisando de mim para uns conselhos. Diga isso a elle. No início de setembro é possível encontrá-lo ahí?

Era possível a você me arranjar alguma estatística sobre o ensino em Minas? Com urgência? A nossa população escolar, sem escola. O numero de nossas escolas, jardins de infância, etc. Eu precisava disso antes do fim deste mês. A minha ausência da escola normal foi de 1 ate 10 de agosto.

Com um abraço de seu  
Capanema,

Pitanguy, 22 de agosto de 1929.<sup>81</sup>

Outra evidência importante era a literatura na vida de Drummond e de Capanema. O amigo e ministro Capanema sabia que podia contar com o amigo Carlos em qualquer circunstância, pois ambos tinham a mesma alma, compartilhavam os mesmos anseios por mudanças desde os tempos de Belo Horizonte. Eles eram um universo literário. Respiravam a escrita, a cultura, a arte. O sentimento existente era que a política surgia como um trampolim para a exaltação da arte, da boa escrita literária. A leitura estava presente em todos os momentos. Nas cartas, nas imagens, nos discursos; tudo era literatura. A arte era se não o grande mote, um dos alicerces que os direcionavam nos caminhos da política.

A vida de Drummond sempre foi permeada pela política e pela literatura. Em Belo Horizonte dos anos de 1920, ele iniciava sua carreira jornalística e acumulava o seu lado poeta com o de burocrata. Em 1930, aceita o convite do amigo Gustavo Capanema para, com ele, integrar a Secretaria de Interior e Justiça do Estado de Minas Gerais na função de chefe de gabinete . Em 1934, Drummond deixa a capital mineira e aceita mais um convite de Capanema. Mas, dessa vez, para ser chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde Pública.

O Ministério da Educação e Saúde Pública direcionado por Capanema foi um grande agente condutor de uma 'libertação intelectual' que aproximava a educação das classes sociais de forma igualitária e, de certa forma,

---

<sup>81</sup> Correspondência de Gustavo Capanema para Carlos Drummond de Andrade, 22 de agosto de 1969.

e elevar a força e a confiança na ação política. Daí a maciça participação de intelectuais neste ministério de 1934-1945. Os intuitos eram os mesmos: a promoção da arte e da educação. Os problemas nacionais relativos à educação passavam pela pasta do ministro e, conseqüentemente, pelo rigor burocrático de seu chefe de gabinete.

Iglésias (2009) revela ter Drummond, uma ligação intrínseca, “uma fina sensibilidade com a história”. O poeta conseguiu exprimir a Minas, tão amada e mencionada em suas obras, mas também o Brasil, suas diversidades e pluralidades. Daí o caráter revolucionário, universal de sua literatura. Porém, além de uma ligação com a história, Drummond convivia há muito com a política, com o espírito de engajamento, de doação:

Jornalista profissional desde jovem ficava difícil a Drummond abstrair-se da política. Demais, em Minas os intelectuais estavam sempre ligados ao governo, através da burocracia: raro o escritor que não tra balhava em uma repartição, em geral como secretário particular ou oficial de gabinete, do presidente ou um secretário de Estado. O poeta era farmacêutico, com diploma universitário, mas nunca exerceu a atividade. Trabalhava no *Minas Gerais* – órgão oficial dos poderes da administração, espécie de *Diário Oficial*. Esse jornal quase sempre fugiu aos padrões rígidos de seus congêneres – que só publicavam atos oficiais.<sup>82</sup>

A vida profissional de Drummond sempre foi marcada por dedicação. Escrevia cartas, discursos para serem lidos por autoridades, entrevistas, artigos de jornal sem assinatura, com pseudônimos ou com as assinaturas dos figurões do Partido Republicano Mineiro, assinala Iglésias. A Belo Horizonte da década de 1920 era uma cidade muito pequena, formada por 80.000 habitantes em 1925 e construída para ser capital, concentrando serviços de administração. Era sede dos principais serviços públicos. Logo, atraía para seus cargos de confiança os jovens letrados que, naquela época, não tinham outras oportunidades de trabalho. E com o jovem Drummond não foi diferente. Dessa forma, a juventude intelectual mineira estava fadada a se concentrar na política.

Esse inconformismo de criança iria acompanhá-lo até o fim de sua vida. Talvez, em seus últimos dias, tenha ficado um pouco mais latente, mas ainda existia. Suas poesias carregavam essa angústia, essa vontade de

---

<sup>82</sup> Iglésias, 2009, p. 265.

mudança. Por ter uma personalidade forte, Drummond sempre quis demonstrar “a transparência de sua alma”. Mas, nem sempre é possível fazê-lo. E, no ápice de suas convicções políticas e ideológicas, fora chamado para trabalhar efetivamente na política. A partir de 1930, Drummond se tornara um burocrata convicto e em 1934 era partícipe de um Ministério da Educação. Logo, questionamentos ficam evidentes: Até que ponto suas ações na política, sempre em cargos de confiança, não teriam anulado suas posições políticas? Se, no período *estadonovista* não estivesse no Ministério, suas posições e ações não seriam mais claras, efetivas e direcionadas? Atitudes radicais e revolucionárias não iriam apenas afetá-lo, mas também atingiriam um sistema e uma amizade de infância.

Nesse contexto, suas poesias ganharam mais força, pois foi através delas que o poeta expressava todo o seu conflito interior. A incompreensão, a rebeldia, o inconformismo tinham realmente um motivo. Quando não se pode falar, mesmo assim falamos. Falamos de várias formas, até sermos ouvidos. E a escrita poética foi sua companheira, sua confidente, sua catarse:

Encontra-se um posicionamento político decidido, superior em sua obra poética, notadamente nos livros *Sentimento do Mundo* (1940), *José* (1942) e *A Rosa do Povo* (1945). Poemas engajados na realidade política dramatizada pela guerra, escritos por oficial de gabinete de ministro de governo autoritário, para-fascista – o do Estado Novo de Getúlio Vargas, de 1937 a 1945. Há dezenas, citando-se, apenas como ilustração, “Nosso Tempo”, “América”, “Carta a Stalingrado”, “Telegrama de Moscou”, “Mas viveremos”, “Visão 1944”, “Com o Russo em Berlim”, além de outros.[...] <sup>83</sup>

Ao deixar seu posto no gabinete, no dia 13 de março de 1945, foi presenteado por seu amigo Capanema. Ganhou um livro, *uma raridade bibliográfica* nas palavras de Iglésias. Não ficara muito tempo sem emprego, pois novamente, o amigo Capanema sugeriu aproveitá-lo no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, um dos mais antigos e importantes órgãos do Ministério. Lá aposentou-se em 1962, mas não parou. Prosseguiu como chefe da seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamentos.

Bomeny (2011) nos afirma que os intelectuais reformadores se valiam de muitos meios para expressarem seus ideais. Os encontros nos bares, a

---

<sup>83</sup> IGLÉSIAS, p. 268.

boemia, os espaços sociais em que eram manifestadas opiniões e reflexões, tudo isso permitia uma troca de ideias e conceitos que construía uma forma de sociabilidade que promulgava formas de ação no campo da educação. Nesse sentido, pensar em Carlos Drummond de Andrade, suas influências e atuações, como intelectual e agente do Ministério da Educação, se afirma como uma forma de compreender o ideário sociopolítico relevante para a história da política educacional brasileira.

## 2 – AS ALIANÇAS ENTRE EDUCAÇÃO E POLÍTICA: CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, UM INTELLECTUAL NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE PÚBLICA 1934-1945.

### 2.1 – A arte e suas expressões: o poeta modernista e os alicerces da política brasileira.

#### Explicação

Meu verso é minha consolação.  
 Meu verso é minha cachaça. Todo mundo tem sua cachaça.  
 Para beber, copo de cristal, canequinha de folhas de flandres,  
 Folha de taioba, pouco importa: tudo serve.

Para louvar a Deus como para aliviar o peito,  
 Queixar o desprezo da morena, cantar minha vida e trabalhos  
 é que faço meus versos. E meu verso me agrada.

Meu verso me agrada sempre...  
 Ele às vezes tem o ar sem-vergonha de quem vai dar uma  
 cambalhota,  
 Mas não é para o público, é para mim mesmo essa cambalhota.

Eu bem me entendo.  
 Não sou alegre, sou até muito triste.  
 A culpa é das sombras das bananeiras de meu país, esta sombra  
 mole, preguiçosa.  
 [...] <sup>84</sup>

O poeta vive em uma eterna aura de explicações. A catarse de seus sentimentos, amores, medos, indignações explica a ebulição de emoções que lhe é peculiar. Com Drummond não era diferente. Suas construções poéticas eram contextualizadas com o “estar no mundo” e com o “estar em si”. O caráter ufanista e ao mesmo tempo crítico de suas poesias era o mote para uma reflexão pessoal e coletiva: “a culpa é das sombras das bananeiras de meu país, esta sombra mole, preguiçosa.” (2012, p.143).

O *gauchismo* em Drummond transcendeu ao “Poema de sete faces” de “Alguma Poesia” e estabeleceu uma tendência; uma espécie de luta,

<sup>84</sup> GUIMARÃES, Júlio Castañon. (org). Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-62. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p.143.

inconformismo e uma busca incessante por mudanças. O “desajustado” não se molda aos padrões estabelecidos e se rebela civilizadamente, contra práticas de desigualdade social e alienação. Como se “estar à margem” fosse uma posição necessária de posicionamento estratégico, de observação, de análise para alimentar o desejo da argumentação crítica, do questionamento. “Se todo homem é, metafisicamente falando, um *gauche* congênito, o artista é um *gauche* que se descobre como tal esse rebela contra a natureza. O *gauche* enquanto artista é, portanto, a tentativa de negação do *gauchisme*”.<sup>85</sup>

O contexto desse desajuste, não só em Drummond, como na classe intelectual vigente era o modernismo e a educação como ideário de nação. Esse ideário educacional revolucionário teve seu ápice nos anos de 1930. A sedimentação de uma consciência que refletia a educação e seus mecanismos de funcionamento. A cultura era o mote central desse movimento de reforma, bem como a reorganização do sistema de ensino secundário e superior e a criação de um Ministério da Educação. Os intelectuais sentiam todas essas agruras sociais e se sensibilizavam com as condições sociopolíticas existentes. Confiavam no poder da educação. O jovem Drummond estava dentre eles. A arte era um caminho possível e legítimo. Logo, os poetas usavam o poder que tinham nas mãos para provocar mudança. A poesia se torna, mais do que um meio de comunicação, uma espécie de instrumento de aproximação entre os pares. A expressão artística ganha força e se abastece através de sua união com a política. Esse mecanismo de autossustentação entre política e educação passa a vigorar e surtir efeito.

Segundo Carvalho, a ABE assumiu grande relevância para a historiografia brasileira da década de 1920, posto que, muitos dos militantes dessa associação, a partir de 1930, estiveram presentes no grupo conhecido como Pioneiros da Educação Nova. “Na ABE, um grupo de intelectuais se auto-representou como ‘elite’ que se auto-incumbiu de organizar o país.”<sup>86</sup>

No entanto, a ideia de “educar-se” para entrar nos padrões de uma sociedade ideal – e utópica – tinha seus equívocos. Nesse sentido, o conceito de liberdade se confunde com certa homogeneidade social e comportamental. Nesse viés, como afirma Pécault, a base da inclusão, da igualdade, estaria assentada

---

<sup>85</sup> SANT’ANNA, 2008, p. 25

<sup>86</sup> CARVALHO, 1998, p.39.

numa “cidadania regulada” onde todos os direitos estariam subjugados a funções de filiação profissional, até mesmo os próprios intelectuais.<sup>87</sup>

Esse movimento de renovação do qual Drummond foi partícipe redimensionou a política e a produção artística brasileira. A adesão dos intelectuais modernistas ao Estado foi uma estratégia em que ambos, de certa forma, foram beneficiados. Cada um tinha seus interesses específicos. Enredado por questões políticas e literárias, Silviano Santiago (2002) propôs revisitar a intelectualidade modernista e suas implicações dentro do panorama sociopolítico brasileiro. “[...] o intelectual brasileiro participou de um projeto de nação veiculado pelos vitoriosos da revolução de 30 e acabou por ser peça indispensável para a modernização social e cultural pregada pelo Estado interventor”<sup>88</sup>

A atuação de Drummond no Ministério da Educação perpassa pelas ideologias do modernismo. As influências desse importante movimento literário formaram, junto com a vida em Itabira e sua constituição sociopolítica em Minas, a consciência crítico-reflexiva, engajada e poética em Drummond. A poesia modernista teve sua segunda geração marcada pelo misticismo, pela consciência social e foi enriquecida com a participação de alguns dos vários poetas e escritores além de Drummond, tais como: Cecília Meireles, com sua vida efêmera e transitória, Vinícius de Moraes, o poeta do amor maior e dos conflitos, Murilo Mendes, o poeta da reflexão e da dimensão espiritual, Jorge de Lima e seu engajamento ligado ao catolicismo, entre outros. A militância pelo bem coletivo estava posta e era uma característica do poeta modernista. No entanto, ao mergulhar na vida do jovem Drummond, percebemos que essa formação politizada sempre esteve presente. E foi alimentada de acordo com suas vivências.

O ufanismo e a brasilidade eram traços permanentes no movimento modernista. O poeta, ao olhar-se no espelho, enxergava mais que sua imagem. Enxergava o *de dentro* e assim transbordava. E nesse *transbordamento* alcançava o outro. Os problemas sociais eram um alerta de crise que urgia por mudanças. O papel do intelectual engajado, naquele momento, era captar essas agruras sociais e assim conduzir a um caminho revolucionário, de confronto e reação. O virtuoso brasileiro carregava consigo um espírito de luta e esperança.

---

<sup>87</sup> PÉCAUT, 1990, p. 53.

<sup>88</sup> SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da Letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 193.

Drummond, de maneira peculiar, exaltava essa brasilidade como na poesia *Também já fui brasileiro*:

Eu também já fui brasileiro  
 Moreno como vocês  
 Ponteei viola, guiei forde  
 E aprendi na mesa dos bares  
 Que o nacionalismo é uma virtude  
 Mas há uma hora em que os bares se fecham  
 E todas as virtudes se negam.

Eu também já fui poeta.  
 Bastava olhar para a mulher,  
 Pensava logo nas estrelas  
 E outros substantivos celestes.  
 Mas eram tantas, o céu tamanho,  
 Minha poesia perturbou-se.

Eu também já tive meu ritmo.  
 Fazia isto, dizia aquilo.  
 E meus amigos me queriam.  
 Meus inimigos me odiavam.  
 Eu irônico deslizava  
 Satisfeito de ter meu ritmo.

Mas acabei confundindo tudo.  
 Hoje não deslizo mais não.  
 Não sou irônico mais não,  
 Não tenho ritmo mais não.<sup>89</sup>

Miceli (2001) em *Intelectuais à Brasileira* apresenta o contexto de formação do intelectual modernista. Afirma que quase todos os escritores desse movimento eram originários de famílias dirigentes.<sup>90</sup> No entanto eles não se distinguiram somente pela questão econômica ou cultural. O *status*, o reconhecimento e as pertencas sociais eram preponderantes para a aproximação desses artistas, as *redes de sociabilidade*.

A seleção desse grupo de intelectuais, de certa forma, era conduzida por um prestígio de família, uma condução genealógica da elite. Nesse sentido, configura-se o que Bourdieu chama de *capital social*<sup>91</sup> na produção e

<sup>89</sup> GUIMARÃES, 2012, p.60-61.

<sup>90</sup> MICELI, 2001, p. 104.

<sup>91</sup> Para Bourdieu a noção de capital social se dá no conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns, mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 2008, p.67).

manutenção de vínculos com seus pares. O jovem Drummond não fugia a regra. Vinha de família abastada e com notoriedade social entre as classes que cultivavam seu status social. Contudo, o que fica claro, perseguindo os vestígios deixados pelo poeta, é que, sua posição no cenário político-literário brasileiro se firmou de acordo com suas convicções e ações sempre voltadas em prol da educação, da arte. Na verdade, a política em Drummond era um veículo para a propagação e constituição de uma revolução educacional.

O modernismo mineiro também plantava sementes e aguardava um crescimento e uma colheita frutífera. A pesquisadora Maria Zilda Ferreira Cury em *Horizontes Modernistas* (1998) trata sobre a trajetória de Drummond no universo modernista na perspectiva do *Diário de Minas*, importante jornal mineiro da década de 1920. Com características conservadoras e, ao mesmo tempo, renovadoras traduziam de forma unificadora a antítese tradição e modernidade que era uma marca do modernismo mineiro. Drummond, na liderança do jornal era reconhecido por suas ações:

O grande, o altíssimo poeta servia como redator-chefe do jornal do PRM, o velho Diário de Minas, que parecia uma espécie de mensagem espírita. Digo isto porque era composto e impresso sem linotipos nem rotativa; ninguém, ou quase ninguém, o lia, e tinha, contudo, inegável influência política. Era o boletim oficioso da Comissão Executiva do poderoso partido situacionista, a famosa “Tarasca”, e exprimia, na sutileza dosada de seus editoriais, o obscuro pensamento, a sinuosa opinião dos cautos próceres do Estado.<sup>92</sup>

Cury afirma que o governo, de certa forma, mantinha o jornal. Portanto, controlava uma das áreas mais importantes do noticiário: as informações políticas do *Diário de Minas*. O jornal era politicamente conservador e defendia as classes políticas dirigentes e as oligarquias do Estado. Porém, os escritores, os intelectuais mineiros usufruíam de grande liberdade para suas publicações literárias.

Em 11 de outubro de 1985, Cury entrevistou Drummond por ocasião de sua Tese de doutoramento. A entrevista se baseava nas publicações do *Diário de Minas* durante o período de 1920 a 1925, sob o comando de Drummond. Nela podemos perceber alguns aspectos do poeta que podem ser percebidos através

---

<sup>92</sup> SODRÉ apud CURY, 1998, p. 30.

de sua fala. Transcrevo alguns trechos da entrevista que se apresentam preponderantes para a compreensão da formação modernista mineira e suas ideologias sociopolíticas:

**Maria Zilda:** *E como foi a sua entrada no “Diário de Minas”?* Porque a gente pensa assim: vindo do interior, muito jovem, como é que conseguiu?...A gente percebe pelas notícias que a sua estratégia já ocorreu com uma certa expectativa. É comentada a sua estreia no “Diário de Minas”.

**Drummond:** Eu entrei muito devagarinho no *Diário de Minas*. Degrau por degrau. Pelo seguinte, eu namorava o *Diário de Minas*. Essa rapazola que tinha vontade de escrever, de publicar, de modo que meu pai morava num hotel que havia na Praça da Estação. Não sei o que será aquilo hoje, chama-se Hotel Internacional.[...] E procurei o *Diário de Minas* porque era uma ambição maior, um jornal maior, um jornal do PRM, que era o partido da situação.[...]

**Maria Zilda:** *Mas o interessante é que quando a gente analisa o material do jornal, a gente vê uma postura crítica, uma postura nos artigos que você escreve sobre os livros que saem do Modernismo – sobre “Os condenados” de Oswald de Andrade, por exemplo. Realmente uma postura muito equilibrada.*

**Drummond:** Eu era o menos informado, o mais inculto dos rapazes de Minas e, ao mesmo tempo, o mais audacioso. A nossa roda era realmente maravilhosa. Nunca mais em Minas Gerais aconteceu um fenômeno como esse...Uma roda em que estavam juntos Milton campos, Abgard Renault, Emílio Moura, Pedro Nava, Cyro dos Anjos. Era a melhor gente de Minas. Todos eles estudiosos. Eles trabalhavam e eu era o vadio, namorador, não levava a vida a sério. Então, como eu não tinha nada para fazer, tinha uma atividade literária maior que a deles. [...]

**Maria Zilda:** *E não havia, por exemplo, no interior do grupo nenhum conflito por estar participando de um espaço assim? Num tipo de jornal assim?*

**Drummond:** Não, não havia, é como eu disse. Depois que as coisas passam é que a gente começa a configurar uma situação da qual, na realidade, nós não tínhamos consciência. Nós não sabíamos como é que nós estávamos fazendo um movimento literário. A gente tinha uma tendência liberal e gostava de literatura, mas não havia pretensão de estar fazendo um movimento, assim uma escola. Não digo uma escola, mas um movimento coeso, organizado, com ideias próprias. [...]

**Maria Zilda:** [...] *O Guilherme César disse que você já nasceu moderno – Ele diz: usou essa expressão textualmente: “O Carlos é um trabalhador louco, já nasceu moderno”.*

**Drummond:** Isso é um pouco de generosidade da parte dele. Olha, se há uma pessoa que conhece bem as suas limitações sou eu. É preciso ver o seguinte: eu não tive formação escolar, eu fui um estudante vadio. Depois que eu fui expulso de um colégio de Friburgo, a minha vida mudou muito. Eu me senti assim oprimido, esmagado por uma injustiça muito grande. Isso psicologicamente

influiu muito na minha vida. Eu, de bom estudante que era, passei a ser um mau estudante, um vadio, um irresponsável. E, saindo da disciplina, do jugo de um colégio interno, durante dois anos, passei para a vida livre de Belo Horizonte, vida de pensão, de estudante, boemia toda noite, ia cear ou visitar o cabaré, aquelas coisas de Belo Horizonte dos anos 20. [...] Além do mais, problemas meus de comunicação, de timidez, de contato social [...] Eu tinha que encontrar uma maneira qualquer de respirar, comecei a escrever. [...]<sup>93</sup>

Nos trechos apresentados da entrevista pudemos perceber um Drummond, já bastante idoso, porém, lúcido, mesclava bom humor, sarcasmo e modéstia. Uma das características do poeta era a recusa de elogios e a exaltação dos amigos intelectuais que, com ele, trabalhavam. Na verdade, diante da complexidade de algumas perguntas, a simplicidade era sua arma, seu escudo e sua proposta de vida. Talvez o *vadio* como se autoentitulou estivesse expressando o ócio e a maturação necessária a um poeta. O *encontrar-se no outro* que é envolvido por um rito peculiar e solitário.

A obra *Horizontes Modernistas* (1998) afirma, ainda, que o *Diário de Minas* não fez alusão à Semana de Arte Moderna de São Paulo. Fica claro, dessa forma, o isolamento que existia entre os modernistas mineiros e paulistas.<sup>94</sup> Em Minas havia um núcleo fechado de intelectuais, que mesmo regionalizado refletia sobre problemas sociais e educacionais de âmbito nacional. De certa forma, podem ser utilizadas as palavras de Drummond na entrevista à Maria Zilda Ferreira Cury. *Era um grupo coeso, organizado...* E talvez a grande amizade que tinham podia bloquear novas investidas e horizontes.

De fato a Semana de Arte Moderna entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922 realizada no Theatro Municipal de São Paulo, foi um divisor de águas para o movimento modernista e seus adeptos. Foi base para a constituição de uma nova construção poética, e a literatura, de certa forma, se emancipava com uma posição sociopolítica mais engajada.

O *Manifesto Antropofágico* dirigido por Oswald de Andrade (1890-1954) foi publicado em maio de 1928 na recém-fundada *Revista da Antropofagia*,

<sup>93</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira. *Horizontes Modernistas: o jovem Drummond e o seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p.143, 147,152.

<sup>94</sup> CURY, 1998, p. 74.

dirigida por Alcântara Machado (1901-1934) e Raul Bopp (1898-1984). Drummond também fez parte deste seleto grupo que teve seus textos publicados na Revista, além de Plínio Salgado (1901-1975) e Mário de Andrade (1893-1945). Sem dúvida o movimento modernista teve *no meio do caminho* muitos percalços e ideologias a serem defendidas. O jovem Carlos apresentava aquele que seria um dos seus mais reconhecidos poemas:



**Imagem 18** - Capa do número três da *Revista de Antropofagia*, primeira publicação de “No meio do caminho”. São Paulo, julho de 1928.  
Fonte: PENNA, João Camillo. Drummond: Testemunho da Experiência Humana. Brasília: ABravídeo, 2011, p. 30.

Drummond fez parte de um movimento, uma escola literária em que vários intelectuais, artistas se faziam presentes. Porém, ele era singular, mas não individualista. Suas poesias e sua força política deram força ao Modernismo, construiu um legado e faz parte da história. O poeta que acreditava na educação e na força da política. Essas características o tornam etéreo e nos fazem refletir sobre suas ações. Na verdade, ele não era modernista, era moderno. É atual e presente:

### Mundo grande

Não, meu coração não é maior que o mundo.

É muito menor.  
Nele não cabem nem as minhas dores.  
Por isso gosto tanto de me contar.  
Por isso me dispo.  
Por isso me grito,  
Por isso frequento os jornais, me exponho cruelmente nas  
livrarias:  
Preciso de todos. [...] <sup>95</sup>

## **2.2- O poeta e a política de Estado: o ideário de Carlos Drummond de Andrade na construção de uma política educacional e o plano de Educação no Ministério Capanema.**

Muitos autores como Daniel Pécault (1989), Sérgio Miceli (2001), Helena Bomeny (2000, 2001), Ângela de Castro Gomes (2013) entre outros, se aprofundam nos questionamentos sobre a aproximação de intelectuais na política, sobretudo a participação destes no Ministério Capanema. Perpassar pela obra desses pesquisadores se torna preponderante para a construção de uma análise já em marcha sobre o tema. Contudo, não é esse o nosso caminho. Para além das questões dos intelectuais na política, nos interessa indagar o intelectual Carlos Drummond de Andrade e suas ações no campo da política educacional.

A vida política de Drummond começou efetivamente nos anos de 1930 com a sua inserção na chefia de gabinete do secretário de Interior e Justiça de Minas Gerais, Cristiano Machado (então à frente da força militar sublevada contra as tropas do governo federal). É tacito, portanto, o conhecimento de que a vida burocrata de Drummond foi marcada por um contexto conflitante e repleto de incertezas.

O Ministério da Educação e Saúde Pública, do qual Drummond faria parte quatro anos mais tarde, foi criado em dezembro de 1930 com o intuito de ser um projeto modernizador com vistas para o futuro e a nacionalidade. A renovação da educação se fazia necessária e a constituição de uma política educacional integrada era defendida como preponderante para a formação e

---

<sup>95</sup> GUIMARÃES, 2012, p. 255.

articulação de uma sociedade que fosse ao encontro do ideário de nação do Estado. Defendia-se, assim, que a centralidade do governo Capanema fosse o homem, como podemos perceber nos trechos de fragmento de correspondências entre Capanema e Getúlio Vargas (arquivo CPDOC):

Em longa exposição de motivos a Getúlio Vargas, em 1935, Capanema cunhou a marca de sua administração: “O Ministério do Homem”, destinado a “preparar, compor e aperfeiçoar o homem do Brasil”. A “Valorização” do homem brasileiro era, no entender do ministro, um projeto cultural, “pois cultura significa a nítida e impressa presença do homem” diante da natureza e das forças “circundantes”, impondo a elas sua vontade. Como instrumento do advento desse homem, destinado sobretudo a “viver pela nação, nela integrado de corpo e alma”, O Ministério da Educação e Saúde Pública deveria inclusive chamar-se “Ministério da Cultura Nacional”.<sup>96</sup>

O discurso e as ideias de Capanema eram legítimas, porém distantes da realidade vigente. O *valorizar o homem pela cultura* era um ideal modernista e o ideário do movimento reacionário em Minas dos anos de 1920. Os intelectuais que agregaram o ministério Capanema – grande número por sinal – comungavam dos mesmos pensamentos de renovação. A sensibilidade do intelectual, do artista fazia supor que a mudança só viria através da educação. Contudo, a ação de Capanema e de seus aliados para a condução do governo, teria de ser, inegavelmente, mediada pelo Estado.

Bomeny (2001) explicita a dificuldade de Drummond de explicar o constrangimento de fazer parte do Ministério da Educação em pleno Estado Novo.<sup>97</sup> Sua adesão à política como chefe de gabinete, sem dúvida tinha uma ligação com sua vasta experiência no campo da literatura e suas ações politizadas, tanto amadoras por conta de seus posicionamentos e defesas como já efetivamente profissional iniciada em 1930. Mas não apenas por isso. Algo transcendia qualquer acúmulo cultural. Existia uma aliança entre Gustavo Capanema e Drummond que fugia às questões burocráticas. Ambos compartilhavam uma mesma ideologia, conflitos e angústias. A paixão pela

---

<sup>96</sup> LISSOVSKY, Maurício. SÁ, Sérgio Moraes de. O novo em construção: o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde e a disputa do espaço arquitetável nos anos 1930. IN: GOMES, Ângela de Castro. (org). Capanema: O Ministro e seu Ministério. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p.50.

<sup>97</sup> BOMENY, 2001, p.23.

educação era um dos motes que os aproximava. Daí o convite do então ministro para sua chefia de gabinete:

Meu caro Carlos,

Estou ministro da Educação. Tenho diante de mim uma obra magnífica por fazer, mas cheia de dificuldades tremendas. Para realizá-las preciso ter comigo homens eficientes. Apelei hoje para você, quando lhe falei pelo telefone, porque não sei de outro homem da sua capacidade. Não seria minha intenção imobilizar você, com seu grande espírito por quatro anos, como meu secretário, trabalhando no meu gabinete. Você deve ir para coisas mais altas, correspondentes as tuas qualidades extraordinárias.

Mas o que eu queria (o que estou querendo) de você é a sua colaboração por alguns meses, até o trabalho no ministério me seja familiar e que eu possa arranjar outra pessoa capaz. Se você não puder vir por alguns meses ao menos por alguns dias: estou com um número de providências por tomar, mil expedientes, e não disponho aqui de uma pessoa para tudo isso. Você receberá aí o passe, terá aqui o hotel. Uma semana de ausência de Belo Horizonte não é coisa que não possa fazer. (informo a você que o Rio está maravilhoso, o ar doce e brando, as ruas cheias de coisas bonitas, o mar tentador e a vida tripicante, elétrica e o mais que você sabe). Portanto, venha por uma semana, apenas para me ajudar a dar os primeiros passos. Depois você regressará.

Quem sabe que não seria bom que você passasse aqui alguns meses? Há aqui magníficas Casas de Saúde, confortáveis, baratas ou caras, à vontade. A sua mãe se daria magnificamente com o clima, o ambiente, a mudança. Depois, você teria além dos vencimentos do gabinete os que os Diários Associados lhe pagariam pela sua colaboração nos jornais daqui. Hoje o Diário me falou nisso. Manifestou o desejo de seu trabalho aqui. Pense nisso. Você precisa passar alguns tempos no Rio.

Mas seja como for, o que estou aqui a exigir de você é que você venha por uma semana. É uma pequena viagem que você vai fazer. Iremos juntos depois por aí, pois também eu viajarei para lá, uma semana depois da posse.

Adeus, Seu Capanema.<sup>98</sup>

É perceptível o apelo feito por Capanema a Drummond. Carlos era um homem experiente, um já reconhecido poeta e um grande escritor. Tê-lo ao lado na função ministerial seria de grande valia. Mas, o chamado de Capanema foi apenas por esse motivo? Tenho indícios que não. A escrita tem um grande poder de revelar sentimentos, transparecer verdades. Drummond não era apenas

---

<sup>98</sup> Correspondência de Gustavo Capanema a Carlos Drummond de Andrade. 23 de Julho de 1934.

um homem prestativo, um compêndio cultural. Creio ter sido Drummond o primeiro nome pensado por Capanema, por um motivo muito claro, específico: a confiança. A amizade dos dois era sólida, verdadeira, ao ponto de várias vezes, Capanema, através das correspondências se dirigir ao amigo com emoção, com saudade.

Por outro lado, será que Drummond aceitara o convite para participar de grata função apenas por questões de amizade? Há indícios que não. Como Ginzburg revela no método indiciário criado por Morelli, algumas pistas *nos levam a apreciar os pormenores*.<sup>99</sup> Ambos eram grandes intelectuais com uma ligação de anos e uma vivência juntos. As preocupações, os anseios desde Minas os acompanhavam. Drummond sabia das ideologias do amigo. Capanema sabia que a educação e a arte estavam em primeiro plano para Drummond. Na verdade, foi uma união com vista para um plano maior, com uma visão de futuro.

O ministro precisava de um suporte para a batalha ministerial. Drummond era o mais que um aliado, era seu suporte, sua extensão. A lealdade de Drummond era apreciada. Seu caráter também. O desejo de sobrepujar a cultura do país era maior que qualquer conflito político. O que importava era o bem comum. A educação como meta. Em uma carta ao Ministro, Drummond fala sobre valorização de obras e de autores brasileiros. De certo que enaltecer um intelectual era engrandecer sua arte:

Sr. Ministro

Entre as manifestações de ordem cultural, promovidas por V. Excia., não é das menos interessantes a publicação de livros definidores da nossa evolução literária.

Uma antologia dos poetas brasileiros da fase romântica já se publicou, e outra se elabora relativa à fase parnasiana. Simultaneamente, reeditam-se “Suspiros Poéticos e Saudades” de Gonçalves de Magalhães enriquecidos de anotações críticas e filológicas, e desenvolvem-se outros empreendimentos editoriais destinados a marcar a presença do Ministério da Educação entre as fontes elaboradoras da nossa cultura.

Há, nesse campo, um trabalho a realizar, e que ficaria bem ao Ministério tomar a si: a publicação da obra de Alphonsus de Guimaraens.

Essa obra, na sua parte impressa, anda hoje perdida em livros esgotados, em que, a seu tempo, tiveram edições muito restritas. Outra parte, e grande, permanece inédita ou apenas

---

<sup>99</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 145.

recolhida em pequenos jornais do interior mineiro. Entretanto, sabe V. Excia. que Alphonsus de Guimaraens constitui um dos “casos” poéticos mais raros do Brasil, pela singularidade de seu lirismo e peculiaridade de sua expressão formal. [...] <sup>100</sup>

Amante da poesia apoiava incondicionalmente a literatura. E apoiar a evolução literária não era apenas ir a favor de sua classe. Baseava-se na defesa do ideário dos intelectuais da década de 1930, a modernização do país e a renovação da educação. As influências culturais garantiam à sociedade emancipação, capacidade crítico-reflexivo, criticidade.

Drummond tinha uma visão emancipadora e uma simplicidade que cultivava a aproximação. Era sabido que quaisquer assuntos ligados à cultura por ele eram bem vindos. Em sua gestão como chefe de gabinete, procurava priorizar quaisquer manifestações artísticas legítimas e apoiava os trabalhos educacionais, posto que, ao se juntar a esses trabalhos estaria alavancando a emancipação de crianças e jovens. Levando arte e cultura, assim *libertando mentes*. Podemos perceber a receptividade de Drummond em relação aos projetos sociais a partir da “Carta do Estudante do Brasil” cuja presidente Anna Amélia de Queiroz Carneiro Mendonça faz um convite a Drummond para ajuda-la na formação cultural e artística de jovens. Uma espécie de curso técnico e profissional (carta na íntegra VER ANEXO A):

A casa do Estudante do Brasil iniciou há dois anos uma série de cursos denominados Cursos de Inverno. Foi essa iniciativa, realizada através de seu departamento cultural uma experiência para uma obra de maior vulto e significado. O êxito alcançado pelos dois primeiros cursos leva-nos agora a criar a Escola Livre de Cursos superiores, sob a direção do Dr. Rubens Borba de Moraes e cuja as atividades terão início no próximo mês de julho. [...] A casa de Estudante do Brasil tem, nos últimos anos, emprestado grande importância às questões culturais por julgar mesmo trabalhar pelo desenvolvimento do espírito universitário cousa que julgamos de maior importância num país jovem como o nosso. E tudo que se fizer nesse sentido só poderá trazer maiores benefícios ao progresso intelectual da nação. Assim é que a Casa do Estudante do Brasil tomou a iniciativa de fundar a Escola Livre de Cursos Superiores, a ela dedicando parte de seu esforço e trabalho.[...] Gostaríamos, no entanto, que desta Escola fizesse parte um conselho, a cujo cargo ficariam certos problemas relacionados com

<sup>100</sup> Carta timbrada do MES enviada por Carlos Drummond de Andrade ao Ministro Gustavo Capanema. 21 de outubro de 1937. A carta foi respondida pelo ministro em 25 de novembro de 1937 com a aprovação do presidente e com as despesas recorridas com os recursos de que trata o art. 111, da lei nº378 de 1937.

sua organização e funcionamento. Seria este um assunto a discutir, mas desde já, teríamos uma enorme satisfação de colaborarmos com V. S. Cremos de que isto seja possível pois estamos certos de que V.S. não se recusaria a emprestar sua colaboração a uma obra social como esta. Sendo assim, temos o prazer de convidá-lo a comparecer numa reunião em minha residência [...] <sup>101</sup>

O ideário de Drummond abarcava todas as classes sociais sem privilégios. Esse era o verdadeiro sentido da Educação. No trecho final da carta a presidente Anna Amélia faz a seguinte afirmativa: [...], “pois estamos certos de que V.S. não se recusaria a emprestar a sua cooperação a uma obra cultural como esta, sendo assim, temos o prazer de convidá-lo à reunião na minha residência” [...]. A idoneidade que o chefe de gabinete demonstrava, sua seriedade e competência faziam parte de sua personalidade e o aproximada das questões sociais.

Todas essas questões sociais estavam ligadas a ideia de cultura como centro do conhecimento. Tanto Drummond quanto Capanema valorizava a arte, pois essa dimensão fazia parte da gênese, da formação de ambos. E dissociar arte e educação era algo impensado, posto que, são vertentes que se completam. A sociedade reconhecia o trabalho de Drummond. Sua ação política era valorizada não apenas pelo ministro e amigo, mas também pelos que cercavam o governo. Vários foram os registros de momentos em que Drummond estava a serviço do Ministério e, por vezes, acompanhava o ministro em solenidades.

A participação em eventos dentro do Ministério não determinava sua ação política, por certo. No entanto, sugere que seu trabalho não era apenas o de *burocrata-falhado* como se autotranspunha. Drummond acompanha Capanema nos eventos, pois o ministro confiava nas suas avaliações, na vida visão abrangente de mundo e que, por certo, iria colaborar no funcionamento do Ministério. Drummond tinha uma formação política de vasta experiência, desde os tempos de Minas e Capanema sabia disso. As imagens que seguem nos ajudam a pensar na efetiva participação de Drummond em sua função de chefe de gabinete do ministro da Educação:

---

<sup>101</sup> Fragmento da Correspondência da Fundação Casa do Estudante para Carlos Drummond de Andrade em 30 de maio de 1944, por ocasião de pedido de ajuda para manutenção da casa de cultura. Arquivo CDA/FCRB.



**Imagem 19** - Gustavo Capanema e Carlos Drummond de Andrade. Lançamento da pedra fundamental do edifício do Ministério da Educação e Saúde – 24 de abril de 1937. Arquivo Gustavo Capanema CPDOC.

“O edifício do Ministério da Educação e Saúde é fruto do desejo irreprimível de construir, de uma administração e de uma época. O Brasil novo funda-se num projeto construtivo: assentar as bases da nacionalidade, edificar a pátria, forjar a brasilidade”<sup>102</sup> A construção do edifício-sede do Ministério, de certa forma, foi uma marca que Capanema queria deixar para posteridade, uma construção que, para ele, simbolizava uma espécie de *monumento ao Brasil*: Grande obra, grande nação. Conceito um tanto quanto equivocada, mas que fazia parte do ideário do ministro. Drummond participava com afincado das solenidades e apoiava as aspirações de Capanema.

<sup>102</sup> LISSOVSKY, Maurício. SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. O novo em construção: o edifício-sede do Ministério da Educação e Saúde e a disputa do espaço arquitetável nos anos de 1930. IN: Capanema: O ministro e seu Ministério. GOMES, Angéla de Castro (Org.) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p. 62.



**Imagem 20** - A conferência da série “Os nossos grandes mortos”. Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade e outros – 1937 e 1938. Arquivo Gustavo Capanema CPDOC.

O ministro da educação Gustavo Capanema organizou um ciclo de conferências sobre “Os nossos grandes mortos”, reverenciando e homenageando grandes figuras da cultura nacional. Nessa ocasião, de solenidade e prestígio, Drummond estava ao lado do ministro.



**Imagem 21** - Anísio Teixeira, Getúlio Vargas e outros no campo do Vasco da Gama por ocasião do encerramento do VII Congresso Nacional de Educação 07 julho de 1935 (Data certa) Arquivo Gustavo Capanema CPDOC

Nessa ocasião, ocorreu o Concerto Orfeônico sob a regência de Heitor Villa-Lobos no Rio de Janeiro. Essas eram as propostas do ministro. Ao lado de Carlos Drummond de Andrade e de outros intelectuais, Capanema almejava construir e manter a sua gestão na educação como companheiro da arte e da cultura.



**Imagem 22** - Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade e outros durante a inauguração do retrato de Raul Leitão da Cunha na Escola Nacional de Belas Artes, e também por ocasião da inauguração do retrato de Benjamin Constant no gabinete do ministro. Data de produção: 25 setembro e 19 outubro 1936 (Data certa). Arquivo Gustavo Capanema CPDOC.



**Imagem 23** - Gustavo Capanema, Carlos Drummond de Andrade e outros participam de debate na Academia Brasileira de Letras sobre ortografia. 29 janeiro de 1942. (Data certa). Arquivo Gustavo Capanema CPDOC.

Grandes intelectuais que valorizavam a língua portuguesa, Capanema e Drummond participam de um debate sobre a ortografia no Brasil. O cuidado com a nossa linguagem, com a nossa cultura era uma característica de ambos. Dominavam a escrita e sabiam que só a educação poderia mudar e reverter os problemas do país.



**Imagem 24** - Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema com funcionários do ministério no seu gabinete, por ocasião da comemoração do 2º ano de sua gestão frente à pasta da Educação e Saúde. ( 27 de julho de 1936 ). Arquivo Gustavo Capanema/ CPDOC.

Apesar de “calado e contemplativo” Drummond estava ciente de sua função e de seu papel na política ministerial. Por mais que tenha dito ser apenas “um burocrata falhado”, a modéstia não o permitia falar sobre seus feitos. No entanto, vários são os indícios que nos levam a compreender sua importância na chefia de gabinete. Talvez, sua posição na política, por vezes, possa ter trazido algum desconforto. Os laços de amizade eram fortes, mas suas convicções sociopolíticas também. E por mais modesto que fosse o poeta tinha noção de sua força no âmbito nacional. Poderia ajudar nesse processo de mudança, de renovação. As idiossincrasias do poeta-política, talvez não depusessem em favor dele. Sua principal característica era aparente calma e uma fala restrita. Até mesmo o silêncio. Realmente, o político pode ter guardado muitas de suas

angústias e seus gritos. Gritos que foram expostos na escrita. E eram estridentes. Na literatura todos ouviam sua *fala silenciosa*.

Recentemente, a *revista Época* divulgou uma reportagem sobre o acervo pessoal de cartas de Drummond. Um empresário que mora no sul do Estado do Rio de Janeiro quer vender as quase 200 cartas que possui. Nessa mesma publicação, o repórter Marcelo Bortoloni fala sobre a atuação política de Drummond em tempos de Ministério e sobre sua fidelidade ao amigo Capanema. “As cartas revelam o prestígio de Drummond dentro do Ministério do Estado Novo, a ponto de ele ter influência na distribuição de cargos públicos.” (Revista Veja, 2013) <sup>103</sup>.

A reportagem fala, ainda, sobre as divergências ideológicas entre Drummond e o seu cargo no ministério. Há uma afirmação de que Drummond teria assinado um manifesto de escritores contra a falta de liberdade no Estado Novo de Vargas. E que ainda, recebera um telegrama de sua mãe apoiando sua postura. Em uma dessas cartas do acervo Drummond “aprisionado” o poeta teria dito:

Tive de me manifestar de acordo com a minha consciência e minhas convicções. Depois disso, julguei de meu dever dar ao C. (Capanema) inteira liberdade de me dispensar, pois, embora nada tenha a dizer contra ele, e antes pelo contrário só tendo motivos para lhe ser grato e fiel, é de crer que sua situação não lhe permitia conservar-me ao seu lado.” Uma semana depois Drummond efetivamente deixou o cargo. <sup>104</sup>

O fato é que a vida de Drummond na política sempre foi cercada de situações obscuras, de fatos mal explicados de incógnitas difíceis de serem resolvidas. Não há exatidão nem clareza sobre sua atuação na chefia de gabinete. Existem apenas pistas. Uma personagem que esteve diretamente agindo na política e na educação de nosso país. Talvez, ter sido um homem de pouca fala e multifacetado tenha contribuído para encobrir momentos da vida do poeta. A pertinência de uma *observação histórica* se faz presente. Trazer luz ao

---

<sup>103</sup> Revista Veja, 16 de setembro de 2013, p. 90.

<sup>104</sup> Ibidem p. 90.

obscuro. Pois, como afirma Bloch, o *historiador* “[...] por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que ele estuda”.<sup>105</sup>

### **2.3- Drummond e as correspondências em *tempos de política*: os intentos da escrita.**

A leitura das cartas vai revelando um envolvimento com a educação do qual não se escapa, onde a única saída possível é a luta constante, sempre maior, sempre adiante... É que no horizonte desses educadores a utopia ganha muitos tons capazes de realçar os problemas da educação, não apenas como problemas dos outros, que não as possuem, mas de todos, sobretudo dos próprios educadores.<sup>106</sup>

Vidal (2000) em *Na batalha da Educação* fala sobre o poderio que a educação e a cultura exercem na formação dos intelectuais Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo. As correspondências, meio de comunicação muito utilizado pelos intelectuais, revelam, direta ou indiretamente, suas aflições, angústias e ideologias no que tange ao sentimento de mudança, de renovação. A escrita, para além de ser uma catarse, era e é uma forma de transmitir desejos e tentar alcançar, de forma mais sutil, o inatingível, o obscuro, o secreto. Traz à luz as incongruências do abismo interior. Quem escreve tem um mundo guardado dentro de si que clama, que deseja ser lançado fora. Logo, partilhar escritas é partilhar mundos, vivências, experiências.

No texto escrito a coprodução se resume à consideração daquele para quem se escreve, não havendo participação direta e ativa na elaboração linguística do texto, em função do distanciamento entre escritor e leitor. Nele a dialogicidade constitui-se numa relação “ideal” em que o escritor leva em conta a

---

<sup>105</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.69.

<sup>106</sup> VIDAL, Diana Gonçalves. (org.) *Na batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p.6.

perspectiva do leitor, ou seja, dialoga com determinado (tipo de) leitor, cujas respostas e reações ele prevê.<sup>107</sup>

E realmente há uma previsibilidade. Podem não haver certezas, mas as intuições se fazem presentes. Numa correspondência para alguém que conhecemos, que nos é próximo, há cumplicidade. Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema eram mais que apenas amigos. Se Capanema criara o Ministério voltado para o homem, a arte e a brasilidade, Drummond criara o *Sentimento do Mundo*, no qual as questões sociais eram privilegiadas. Nesse âmbito, eles convergiam.

Importante salientar que, apesar de situar a ação política de Drummond no período de 1934 a 1945, sua ação política ultrapassa delimitações temporais. Correspondências de anos seguintes apenas confirmam o caráter social e educacional na parceria entre Drummond e Capanema. A apreciação das correspondências é preponderante para situar-se nos meandros da pesquisa e na formulação de questionamentos.

Cartas de cunho pessoal, confidências sobre a vida literária, detalhes sobre a vida política. Mas, para o historiador, o objeto é quem constrói a pesquisa; é ele quem indica os caminhos e os direcionamentos que devem ser feitos. Pois, como afirma Vidal (2000) “As cartas vão revelando a sutileza da relação humana e o saber nobre da civilização, com uma lógica, articulada e delicada, construída sobre o incessante trabalho de observação de si mesmo ao responder as provocações do mundo.”<sup>108</sup> Nas correspondências entre Drummond e Capanema encontramos toda sorte de assuntos. No entanto, cada escrito se apresenta como pistas para que possamos entender um pouco mais de sua ação no Ministério da Educação. De certo que sua vida literária será descrita nas correspondências. Contudo, servirá de trampolim para adentrarmos um pouco mais em sua faceta política. Adentremos no universo das cartas:

---

<sup>107</sup> KOCH, Ingedore Vilaça. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2009, p.13.

<sup>108</sup> VIDAL, Diana. (org.) *Na batalha da educação: correspondências entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1921-1971)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000, p.7.

My dear Capanema, abraços,

Comunico-te que estou de malas feitas para Itabira – Itabira de Mato Dentro, Minas – lugar horroroso, onde Judas perdeu as botas e onde estou à espera de suas cartas. Devo seguir até o fim dessa semana.

Se já tiveres lido e gozado o Pau Brasil, me devolva para Belo Horizonte até o fim desta, ou para Itabira depois desta. Como você via?

Aqui todos mandam lembranças e um grande abraço do Carlos.

Belo Horizonte, 2.1.1926.<sup>109</sup>

Meu caro Carlos,

Recebi há tempos a sua carta e agora o seu cartão. Não sei te dar uma explicação plausível da minha demora em te responder. A advocacia é uma carreira estúpida, positivamente. Não dá dinheiro (pelo menos é assim a advocacia de Pitanguy) e torna a gente bruta com os amigos.

Você há de perdoar-me. Agora, havia um motivo por que estava retardando a minha resposta. É que eu queria reler mais algumas vezes o “Pau Brasil”. Não há dúvida que um livro admirável. Tem muito talento esse Oswald de Andrade. Em princípio, acho antipática essa literatura primitivista. Você já escreveu que precisamos ainda de muita cultura, e me parece que você é que está direito. Além disso, há muita artificialidade em todo esse primitivismo, tanto nos dos nossos modernistas, como nos dos novos poetas franceses. O primitivismo não pode ser uma atitude. Tem que ser um estado natural ou não ser. Mas, afinal, é sempre bom encontrar um sujeito inteligente. E esse Oswald de Andrade é inteligentíssimo. Há no livro umas coisas realmente fulgurantes.

Você não deixe de mandar os seus versos. E me escreva sobre sua vida ahi em Itabira. Sobre o que você tem feito e e escripto. Eu te estimo muito e desejo que continues a escrever. Acho que você é uma das nossas mais bellas mocidades. (Não quis fazer fhrase: é a verdade).

Escrevo-te às pressas e doente. Estive uma semana de cama. Uns sujitos que vieram me ver disseram que foi grippe. Deve ter sido mesmo. Com mais vagar, te escreverei mais demoradamente.

Adeus. Um abraço de seu pobre e triste Capanema.

Pitanguy, 12 de fevereiro de 1926, isto é, 12 de março.<sup>110</sup>

Mesmo estando longe, os amigos Capanema e Drummond sempre se correspondiam. Era uma prática corrente entre os dois. O carinho, o cuidado, o

<sup>109</sup> Carta de Drummond à Gustavo Capanema. Arquivo Gustavo Capanema- CPDOC. 02.01.1926.

<sup>110</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 12.03.1926.

zelo eram recíprocos. Falavam sobre suas vidas, seus anseios, trabalhos e literatura. Capanema quase que, via de regra, fazia menção à escrita do amigo. Afirmava que lia suas poesias e que gostar muito do conteúdo. Vez ou outra a pauta da conversa eram os amigos em comum, também intelectuais, como na carta acima o jovem Oswald de Andrade.

Meu querido Capanema,

Jogo esta carta no oceano... isto é, jogo no correio, mas com a desconfiança de que ela se perderá por aí, ou você se perderá dela, um indo para o norte do Brasil espalhar a palavra do liberalismo, e outra recolhendo-se modestamente a Pitanguy. Afinal, hão de encontrar-se um dia, ou nós nos encontraremos e tudo ficará explicado. Demorei um pouco a mandar o seu famoso álbum. As razões, você já sabe: a minha incurável incapacidade epistolar, que me inibia de escrever duas linhas afetuosas acompanhando o tal e a também incurável falta de honestidade de nossos poetas, que nunca fazem aquilo que prometem...

De mão em mão, o álbum gastou quase dois meses e não chegou a pegar o Abgar, que que está veraneando nas doces areias de Copacabana. É lamentável a ausência do nosso amigo, porém mesmo assim o álbum está notável e contém algumas das obras mais primas da literatura mineira. Outros poetas não há. Há mas não são poetas. Se você quiser outros autógrafos menos ilustres, devolva-me o álbum que os colherei pela ordem alfabética. Agora, quero saber o nome da proprietária desse álbum, que eu imagino gentil e espiritual. (Ficará sendo um segredo entre nós dois).

Mas já ia me esquecendo de manifestar a minha surpresa pela sua inclusão numa das caravanas liberais que vão ao norte. Surpresa porque não sabia de nada a esse respeito e ainda porque, confirmada a notícia, imaginei que você passaria por Belo Horizonte antes de zarpar. No entanto, a esta hora a caravana já partiu, e as ruas dessa cidade não guardam memória de você. Onde, afinal, estará o lírico e doloroso Gustavo? Em Minas ou no mar? Rumo de Pernambuco ou rumo de seu hotel em Pitanguy, depois de uma perambulação nervosa pelas ruas da cidade? Minha pena está cheia de perguntas e minha alma está cheia de dúvidas.

Minha alma está cheia de dúvidas... Você sabe as coisas tristes e ruins que enchem a minha alma e a minha vida. Com você eu já desabafei tantas vezes. Paro a tempo de escrever maiores besteiras e mando, em um abraço saudosíssimo, toda a velha amizade do Carlos.

O Mário continua ausente no Sul de Minas .  
1929 (?)<sup>111</sup>

Na verdade, depois da separação daquele grupo de Minas, o que os amigos sentiam é que estavam órfãos. A ligação prevalecia, pois os laços eram

<sup>111</sup> Carta de Drummond à Gustavo Capanema. Arquivo Gustavo Capanema CPDOC. Ano 1929 (incerto).

profundos, a cumplicidade também. Mas o tempo hábil para manter a amizade estava escasso. O trabalho, a vida literária os consumia. As cartas, até então, eram o único meio de manterem contato, de se aproximarem.

Meu querido Carlos

Um abraço. É possível que você já não esperasse mais essa carta. O seu livro saiu, todos os seus amigos demonstraram alegria e talvez um apenas, e um dos que maior tinha obrigação de o fazer, ficou quieto e calado, como uma bêsta. Eu não sei bem lhe porque não escrevi nada. Só sei dizer você que uma das maiores e mais puras emoções que tinha tido na vida foi essa que você me deu em “Alguma Poesia”. Não é que você se viesse a revelar a nós maior e mais bello do que suppunhamos. O livro, que na maior parte conhecíamos, o que fez foi dizer aos outros esta coisa que já havíamos declarado e – que você é uma grande e nobre alma humana e o maior dos poetas modernos do Brasil. A mim entretanto não foi essa a única alegria que você me deu. A minha maior emoção foi a de encontrar o meu nome em cima de um dos melhores poemas do livro. E foi também o de ganhar o exemplar de “Alguma Poesia” com a mais carinhosa e desvanecedora dedicatória. Eu fiquei perturbado com tudo isso, e achei francamente que não merecia tanto. Tenho relido várias vezes os seus poemas e tenho-os feito ler às pessoas inteligentes que acaso encontrei por aqui. Ainda agora, acabo de receber o volume das mãos de uma criatura cheia de sensibilidade. Ela teve a ternura de pôr nelle uma capa com uma porção de desenhos e com o seu retrato pregado do lado de dentro, um retrato seu que ela achou e cortou numa revista. Eu li a notícia da homenagem que os amigos lhe querem prestar. Não vi a marca. Mas irei logo a Bello Horizonte para me associar a essa gente. E também para ver você e mais dois ou três dos homens que mais amo na vida.

Vocês estão me fazendo falta. Há seis meses que não vou ahi, e essa ausência tem sido penosa demais. Entre vocês é que eu gosto de estar, com as tuas confidências e as suas coragens. Gosto de estar principalmente com você, de ouvir as coisas bonitas que você me conta. Eu estou ouvindo você todo dia naquella coluna com que você está tornando legível Minas Gerais. Leio e corto todas as crônicas de Antônio Clinspim. Mas isso não chega, e o jeito é pegar o trem e ir ficar uma semana em Bello Horizonte.

Adeus, Carlos. Eu não queria ir abraçar você antes desta carta, que vou pôr no correio todas as precauções.

Esteja certo da grande amizade que lhe tem o seu velho e pobre camarada, Capanema.

Pitanghy, 28 de maio de 1930.<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 28.05.1930.

Na carta acima, Capanema demonstra sua felicidade por mais uma conquista de Drummond. O lançamento de seu livro “Alguma Poesia”. Nele o poeta homenageia o alguns de seus amigos como Abgard Renaut “Infância”, Aníbal Machado “ Il Sabará”, Manuel Bandeira “ Política Literária”, Wellington Brandão “Igreja”, Mário Casassanta “Política” e o amigo Gustavo Capanema com a poesia “ Jardim da Praça da Liberdade”.

Meu caro Carlos,

Mando hoje uma carta ao Mário e não sei se elle esta ahi. Você guarde-a para elle, caso não esteja. E lhe peço uma notícia delle. E também sua. Tenho saudade de você, tanta que nem sei explicar.

Capanema, 10.07.1930<sup>113</sup>

Meu caro Capanema,

Eu ia precisamente escrever-lhe para reclamando sobre o artigo do *Bandeirantes* quando chegaram o seu cartão e o número do jornal. Satisfiz a minha vaidade, e agora, cheio de pernas, venho dizer-lhe que, mais uma vez, você fez de mim um homem ilustre, ou seja, que mais uma vez foi uma criatura generosíssima.

Sim! Com superlativo. Você é tão bom para mim, e acha tanta coisa na minha poesia que, se não militassem outros motivos, só por esse eu ficaria cativo do seu grande, opulento espírito. Mas bem sei que a nossa amizade não é literária, e que realizamos necessidades afetivas bem mais austeras mantendo esse comércio que é pra mim das coisas mais gratas e menos cotidianas da minha vida de burocrata falhado.

Seu artigo está esplêndido e, à parte o enternecimento pessoal que ele me provoca, me agradou muito pela aproximação de sensibilidade e pela finura crítica. Transcrevi no Minas o trecho final, omitindo o inicial por ser o de maior ressonância humana para mim.

Não estivemos juntos dez minutos por ocasião de sua última passagem em Belo Horizonte. Depois de estar com Vino Trianon, marchei para a cama e durante três dias foi (*sic*) *um homo finito*. Ressuscitei e soube que você tinha regressado. Senti.

Aqui tudo é uma enorme espera. Espera de um novo governo, espera de dias melhores e até de piores, porque ainda há quem acredite em “algo de novo no Sul”. As perspectivas desse

<sup>113</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 10.07.1930.

governo que entra são escuras e frias. O Câmbio da inteligência descerá, ou já desceu. Hegemonia Washintoniana... A minha esperança é que este homem se esborrache antes de 7 de setembro, de tanto fazer e dizer burradas. Ameaça ser o secretário de todas as pastas e o controlador de todos os serviços.

Que será de nossa cara e pobre Minas?

Com esta pergunta aflita, e com o mais saudoso e cordial abraço, despede-se de você o velho e certo amigo,

Carlos,  
Belo Horizonte, 4.08. 1930.<sup>114</sup>

Nesta carta, parabeniza Capanema pelo seu artigo publicado. “Bem sei que a nossa amizade não é literária.” E não era. A literatura é um amor comum que os unia. E o progresso de um era a felicidade do outro. Drummond, ainda deixava claro na carta, sua preocupação com a política que se anunciava. As incertezas e angústias tomavam conta do poeta que sentia-se afetado com a situação socioeconômica do país.

Carlos,

Você não pode calcular o que me custou de sacrifício a correção do discurso. Não tenho aqui um minuto para nada. Para não retardar a publicação, trabalhei até 4 horas da madrugada, momento em que estou escrevendo esse bilhete.

Peço-lhe que vá corrigir pessoalmente as provas. Pelo enorme trabalho que isso lhe dará, o agradecimento do seu Capanema.

15.12.1932<sup>115</sup>

Meu caro ministro e amigo,

Às 5 horas da tarde, subindo o elevador do ministério e cruzando com os colegas do gabinete que desciam para assistir à conferência do Alceu, fiz um rápido exame de consciência e verifiquei que eu não podia fazer o mesmo, ou antes, que eu não devia fazer o mesmo.

<sup>114</sup> Carta de Carlos Drummond de Andrade à Capanema. Arquivo CPDOC. 4.08.1930.

<sup>115</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 15.12.1932.

Uma outra conclusão, logo, se impôs: não podendo participar de um ato público, promovido pela autoridade a que sirvo, e que visava afirmar, mais do que uma orientação doutrinária, um programa de ação do governo, eu não só deixava de servir a essa autoridade como lhe criava mesmo uma situação desagradável.

É verdade que minha colaboração foi sempre prestada ao amigo ( e só este, de resto, lhe perdoaria as impertinências de que costuma revestir-se), e não propriamente ao ministro e nem ao governo, mas seria impossível dissociar essas entidades e, se eu o conseguisse, isto poderia servir de escusa para mim, porém não beneficiaria ao ministro.

É verdade, ainda, que não tenho posição à esquerda, se não apenas sinto por ela uma viva inclinação intelectual, de par com o desencanto que me inspira o espetáculo de meu país. Isso não impede, antes justifica, que eu me considere absolutamente fora da direita e alheio aos seus interesses, crenças e definições. Aí está a razão que me julguei impossibilitado de ouvir o meu amigo pessoal Alceu. Não tendo jamais escondido o que fica dito aí atrás, eu me vexaria de ocultá-lo agora que o art. 113 da Constituição é letra morta. Ora, a minha presença na conferência de hoje seria mais, talvez, do silenciar inclinações e sentimentos. Poderia ser tida como repúdio a esses sentimentos e inclinações. Por isso não fui ao Instituto.

Não sei se você o terá notado. Outros, talvez, se lembrarão de chamar a sua atenção para o fato. E é prevendo isso que eu venho pô-lo inteiramente à vontade para qualquer gesto ou providência que lhe ocorra tomar. Receio muito que, por circunstâncias alheias à minha abstenção em matéria político-doutrinária, eu acabe por desservi-lo. É isto eu não desejo por forma alguma. Daí esta carta, que tem o mais razoável dos propósitos: o de não permitir que, para não magoar o amigo, você ponha em risco a sua situação política e, mesmo, a sua moral em face ao governo. O amigo está intacto e continua a desejar-lhe bem. Dispensado o diretor de gabinete ( e que irritante diretor de gabinete tem sido eu), você ainda conservará o amigo, teimoso e afetuoso, que o abraça fraternalmente.

Carlos, 25.01.1936.<sup>116</sup>

Talvez essa seja uma das cartas mais emblemáticas sobre a vida política de Drummond no Ministério. Ao recusar ir a uma palestra do governo proferida pelo amigo Alceu Amoroso Lima, Drummond sente-se indigno de permanecer no cargo, tamanha era sua consciência e correção. Assistir a uma palestra que vai de encontro aos seus princípios políticos era inviável. Ele sabia de suas responsabilidades com o ministério, mas suas concepções de vida, sua dignidade eram mais fortes que qualquer função pública. Capanema entendeu

---

<sup>116</sup> Carta de Carlos Drummond de Andrade à Capanema. Arquivo CPDOC. 25.01.1936

sua posição. Drummond continuara no cargo, mas sempre carregando suas ideologias.

Carlos,

Dado o balanço, hontem, nos papéis atrasados, verifiquei claramente a impossibilidade de pôr tudo em dia apenas com as sobras de tempo de que hora disponho.

E há, nesse monte de coisas, muita que precisa ser levada para adiantar com urgência.

Por isto, hoje (quinta), amanhã (sexta) e depois (sábado), não estarei no gabinete. Qualquer audiência marcada adie-a. Pessoas importantes que queiram fallar-me, esperem. Peço-lhe que, pelo telephone, eu vá falando as coisas mais urgentes.

Para todos os efeitos, estou em casa.

Capanema, 22.11.1937.<sup>117</sup>

A carta acima revela uma situação que parecia corriqueira no Ministério. Drummond representar o ministro diante de algumas situações que o impossibilitava de estar presente. Segundo a pesquisadora Bomeny e o jornalista Marcelo Bortoloti essas situações realmente aconteciam com frequência e denotavam a importância de Drummond no Ministério.

Meu caro Moacyr,

Em abril ou maio de 1946, escrevi-lhe uma longa carta em que expunha minha situação de intelectual-burocrata assas desprovido de meios para a honesta subsistência, e pedia o seu apoio amigo para a minha pretensão de abrigar-me de novo à sombra da mangueira do “Minas”. V. foi exemplar. Tomou logo as providências cabíveis, sugeriu-me outras, dispôs enfim as coisas para um desfecho feliz, que não tardou a concretizar-se. Graças, pois, a sua eficiente solidariedade pude equilibrar-me em dias um tanto difíceis, não só de precariedade material, como da consequente depressão psicológica, e assim me venho mantendo, à sombra da referida mangueira.

Lembro-me de ter, então, pedido também uma coisa razoável: que me dessem serviço por aqui, a fim de que a benesse não fosse de todo descabida. Eu bem sabia que a parte editorial do

<sup>117</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 22.11.1937.

nosso órgão era minguada, e que o “Minas” perdera de há muito aquele aspecto ameno de boletim de academia de letras, com poemas modernistas, crônicas humorísticas de Jair e outras perfumarias dos tempos do nosso saudoso Dr Abílio. Contudo, parecia-me razoável que o apoio oficial a êste magro poeta em uma hora de preocupações, não o deixasse de todo inativo, pachorrento, a engordar com a boa vitamina do tesouro mineiro. Assim também seria de mais. Voltei ao Rio e, á falta de instruções, pensei em escrever qualquer coisa, por iniciativa própria, para fazer jus à cônica; mas depois a preguiça, os outros cuidados da vida e o ouvido natural de todas as boas intenções foram removendo o projeto para um dia X, distante no calendário. Justificava-me, talvez, pensando que em quase onze anos de labuta no gabinete do Capanema eu poderia ter acumulado vencimentos federais e estaduais – e não o fizera. Mas, afinal, uma coisa não tem nada a ver com a outra. E eis-me aqui, Moacyr amigo, depois de tanto tempo de inércia bem remunerada, a dar murros na consciência e a perguntar ao meu prezado redator-chefe: [...]

Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1949.<sup>118</sup>

Nessa carta ao amigo Moacyr, Drummond revela seu pedido de ajuda ao sair do Ministério da Educação. Estava preocupado com sua situação financeira e, de certa forma, se questiona por não ter acumulado dinheiro o suficiente para se manter depois de quase onze anos no Ministério. Este fato revela que sua presença na chefia do gabinete foi permeada por ética ao governo e à sociedade.

Meu caro Carlos,

Afetuosos abraços.

Aí vai outra amolação. Peço-lhe o grande favor de receber os meus subsídios de fevereiro, que deverão ser pagos nesta semana, segundo creio. Talvez paguem também a ajuda de custo. Você deve conhecer o Gigliotti, chefe da secretaria da câmara dos deputados. Peço-lhe que o procure. Ele lhe dará todos os esclarecimentos necessários.

O Sá Freire Alceu (?) que tem cartório à rua do Rosário poderá reconhecer a minha firma na procuração que remeto.

Se você receber o dinheiro, peço-lhe que o deposite na minha conta corrente do Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais.

<sup>118</sup> Carta de Gustavo Capanema à Moacyr. Arquivo FCRB. 8.02. 1949.

Vim por poucos dias mas não sei quando poderei voltar. O pessimismo me invadiu de um modo nunca presentido. Estou com o espírito realmente atribulado., e não sei se isto terá fim.

Dê lembranças a Dolores e à Maria Julieta e creia na velha e afetuosa estima de seu

Belo Horizonte, 11 de fevereiro de 1948, Capanema.

Resposta em 17.2.48. ( Recebi o subsídio de CR\$11.400 e deposei no banco Comércio e Indústria.)<sup>119</sup>

Capanema, nas cartas ao amigo, sempre se mostrava atribulado, angustiado, receoso. Eram constantes os pedidos de ajuda de Capanema à Drummond. Preocupações excessivas, correrias do cotidiano e problemas familiares assolavam a vida de Capanema e Drummond estava sempre próximo para ajudar o amigo.

Meu caro Carlos,

Não me foi possível viajar pelo interior, como pretendia, em trabalho eleitoral. Meu estado de saúde não me permite esse esforço. Estou num regime de completo repouso na casa de Maria, minha irmã.

Preciso da sua cooperação para preparação de um material de que fui encarregado sem prévia consulta e que minhas presentes condições de saúde não me permitem elaborar. Pelo telefone, ainda hoje, lhe falarei sobre o caso. Aí vão alguns elementos informativos que tentarei completar na conversa telefônica.

Nossa recomendações à Dolores e um afetuoso abraço de seu amigo,

Capanema.

Minas, 18 de janeiro de 1958.

(Drummond respondeu em 25.01.58 mandando o trabalho.)<sup>120</sup>

<sup>119</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 11.02.1948.

<sup>120</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB.18.01.1958

Meu querido Carlos,

Excelente sua crônica sobre o nosso Levi Miranda! Em Brasília não leio muitos jornais. Mas creio que esse “louco de Deus”, não estará merecendo da imprensa, na hora de seu desaparecimento, todo o louvor que lhe é devido. [...]

A ele ( que mandei a um congresso de ensino profissional, realizado em Berlin em 1936, e de lá trouxe a maior novidade pedagógica de então, a aprendizagem industrial), é que devemos a ideia e o programa de criação do SENAI. Dar-me-á Deus vida e cabeça para um dia contar coisas desse divinos abnegados, e de alguns outros, Eunice Weaver, Barros Barreto, Jurandir Iodi, Rodrigo, Lourenço, gente fabulosa! Não lhe escrevo só pra isto ( estas e outras coisas poderiam ir com maior calar pelo telefone, mas para lhe enviar uma página do Diário do Congresso distribuído hoje em que entra o seu nome com seus versos sobre o câncer.

Espero voltar breve para retomar os nossos bate-papos de telefone. Um abraço a Dolores. Seu velho,

Capanema.<sup>121</sup>

Esta carta não disponibiliza uma data exata. No entanto, seu conteúdo revela a preocupação de Capanema no âmbito da educação. A criação do SENAI e a formação profissional dos jovens já era uma das metas de Capanema e dos que, com ele, geriam o Ministério.

Querido Carlos,

Vai para dois meses ou mais que o Senador Vasconcelos Torres anunciou o propósito de acabar com o resto do latim que ainda existe no ensino secundário brasileiro. O seu projeto, logo aposentado, está nas comissões competentes do Senado.

Se for aprovado, e estiver em ainda na Câmara, pretendo combatê-lo e servir-me de ensejo para tentar retomar neste particular as coisas anteriores à Lei de diretrizes e bases da Educação.

Seu artigo de agora foi tão oportuno que, abusando da sua paciência de estar sendo levado para as desenxabidas colunas do Diário do Congresso, promovi a sua transcrição nos nossos anais.

Ainda ficarei ausente do Rio por alguns dias. Daqui viajo para Belo Horizonte, onde, ocupado com o trabalho de umas convenções partidárias, devo ficar até 3 ou 4 de agosto. Esta segunda metade do ano irá crescendo em fadigas e aborrecimentos eleitorais. O que mais desejo é ver chegar o dia 15 de novembro, com uma abertura de calma e possibilidades de coisas mais felizes,

<sup>121</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. (1970)

como os colóquios da amizade, em que você é constante nota de tanto agrado e proveito para mim.

Seu velho, Capanema.  
26 de julho de 1970.<sup>122</sup>

Na carta acima, mais uma vez é notória a preocupação de Capanema com a educação. E Drummond participava da discussão. A extinção do latim do ensino secundário brasileiro preocupou a Capanema e Drummond, sensibilizado com os problemas da educação já havia produzido uma crônica sobre esse assunto. A militância de ambos pela educação de qualidade no Brasil vai além de questões pessoais e políticas; faz parte de um ideário de nação há muito sonhado.

A opção de não fragmentar as cartas foi estratégica e proposital. Como já dito, a seleção, de ordem cronológica, foi feita a partir da pertinência com nosso objeto de pesquisa: Drummond e sua ação política. Nelas podemos perceber o poeta, o amigo, o político. O que de fato podemos perceber em suas atuações é que, apesar de ser um cidadão com uma função relevante na política nacional, ele também era politizado. Não o burocrático que cumpria ordens – como mesmo se dizia – mas o sujeito que cumpria ordens e refletia sobre as mesmas e sobre os impactos de suas ações.

A polivalência de Drummond era um fato notório, mas o poeta sabia separar suas funções e usufruir de situações. Todas as angústias e anseios que advinham de sua função no ministério eram canalizados para sua literatura. O poeta, em sua fase social, refletia sobre os acontecimentos humanos, sentimentais e políticos. E muitos deles tinham um cunho crítico em relação aos problemas do país. O fazia de forma inconsciente ou proposital, mas essa é a função do poeta. Transpor o mundo e traduzi-lo a fim de modifica-lo.

---

<sup>122</sup> Carta de Gustavo Capanema à Drummond. Arquivo FCRB. 26.07.1970.

### 3 - A ACÇÃO GAUCHE NA POLÍTICA NACIONAL: A PRODUÇÃO INTELECTUAL E POLÍTICA DE DRUMMOND EM TEMPOS DE MINISTÉRIO.

#### 3.1 – *O multifacetado Drummond: o poder da escrita e a noção de política.*

Consideração do Poema<sup>123</sup>

Não rimarei a palavra sono,  
Com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarei com a palavra carne,  
Ou qualquer outra que mais me convém.  
As palavras não nascem amarradas,  
Elas saltam, elas beijam, se dissolvem,  
No céu livre por vezes um desenho,  
São puras, largas, autênticas indevassáveis. [...]

A cadência das palavras não está ligada necessariamente a uma rima. Por vezes, a vida não rima, os sentimentos não rimam, as vontades também não. No compasso da vida quem traz a melodia somos nós. A afinação depende de nossas idiossincrasias e do meio em que estamos inseridos. E as letras de nossas músicas são autorais – com alguns traços de plágio – mas carregam muito de nós. Assim como a música e a poesia, a escrita é a arte do sentir. E Drummond transbordava sentimentos.

O Drummond tímido, calado e contemplativo era uma de suas facetas; talvez a mais evidente. Mas, sua escrita era voraz e potencializada. A leitura foi uma de suas estratégias para burlar os percalços da vida. Desde a época do pequeno *Carlito* e seu encontro com *Robinson Crusóé* até suas obras marcantes como *Brejo das Almas* (1934), *Sentimento do Mundo* (1940) e a *Rosa do Povo* (1945), a arte literária fazia parte de sua vida. Era sua fuga, seu domínio, sua catarse.

---

<sup>123</sup> GUIMARÃES, 2012, p. 302.

O menino de Itabira do Mato Dentro tinha a leitura como um escape, uma condição de *ser/estar* no mundo. Em suas obras, Drummond saudava Minas, respeitava e honrava o Brasil e era amante da boa escrita. De certa forma, ler e escrever o mundo lhe proporcionava uma leitura de si, um autoconhecimento que se fazia necessário. Drummond se inseria no mundo através de seus manuscritos, de suas *falas/escutas* que o faziam enxergar melhor a realidade do mundo que o cercava.

A polivalência era uma característica Drummoniana, pois sua intelectualidade lhe permitia variações. O homem, o poeta, o político. Sua personalidade lhe permitia uma pluralidade de sentimentos, vontades e ações. O homem Drummond conservava sua singularidade e se resguardava numa espécie de escudo. Ser poeta era seu emblema, sua proteção e caracterizava esse escudo protetor. Já o sujeito politizado era uma característica social do poeta. Sua política agia no homem e no poeta simultaneamente.

A visão crítico-reflexiva, questionadora se mesclava com as emoções e anseios de quem almejava mudança. Aí entra a educação e sua fusão modificadora. O poder da conscientização, da emancipação e do compromisso com seus pares é exercido pelo ato de educar. As experiências são acrescidas nos percursos das vivências e a educação é o resultado positivo desta experimentação de ações e comportamentos, pois como afirma Luciano Mendes (2011) fazendo referência a uma citação de Thompson (2002): [...] *é na experiência que os sujeitos se constituem, sejam sujeitos indivíduos, sejam classes sociais.*<sup>124</sup>

Drummond se constituiu através de suas experiências na sua infância contida, na sua juventude inquieta junto com seu grupo de intelectuais modernistas mineiros e com sua efetiva experiência política já no Ministério da Educação em 1934. O objeto de Drummond, o que o movia não era a poesia; sua arte era um canal. O movimento com *o de dentro* era o seu sentimento, sua inquietude, o inconformismo. Seu objeto era o *gauchismo* e suas formas de composição e manifestação. A poesia era um instrumento de sua visão ampliada

---

<sup>124</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.) Fazer História da Educação com E. P. Thompson: Trajetórias de um aprendiz. IN: Pensadores Sociais e História da Educação. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, 251.

de mundo. Daí o caráter revolucionário de sua escrita. Poesia esculpida com moldes de política.

Justamente, a ação política em Drummond se materializava na medida em que suas ideologias se aproximavam da educação, da civilidade. O engajamento político está intimamente ligado à intenção de modernização do país e a busca por uma renovação era a base para o crescimento do país. A preocupação com as políticas educacionais se tornam mais evidentes em torno do Ministério da Educação dirigido por Gustavo Capanema. Um grande número de intelectuais desempenhavam funções importantes no Ministério e Drummond se destacava por sua função e pelos laços de amizade com Capanema. Na chefia de gabinete, o poeta utilizava os artifícios da arte literária. No período em que esteve à frente dessa função no Ministério, Drummond, produziu uma poesia de cunho político e questionador e refletia sobre o contexto vigente:

Carlos Drummond de Andrade “serviu” o Estado Novo como funcionário que já era antes dele, mas não alienou por isso a menor parcela de sua dignidade ou autonomia mental. Tanto assim que as suas ideias contrárias eram patentes e foi como membro do Gabinete do Ministro Capanema que publicou os versos políticos revolucionários de *Sentimento do Mundo* e compôs os de *A Rosa do Povo*.<sup>125</sup>

No cenário de um governo que agia com autoritarismo, Drummond acrescentou às suas poesias a insegurança, o medo e as instabilidades que ocorriam no país. Eram escritas de cunho político que acentuavam a situação sociopolítica brasileira. Dessa forma, mais uma vez o poeta se encontrava com a política e a escrita era a mediadora desse duplo papel que Drummond soube desempenhar, mesmo com as limitações que as circunstâncias lhe permitiam.

A ligação entre Drummond e Capanema era expressa veementemente nas correspondências. Amizades, compromissos pessoais, política, eram o alvo dos escritos. Cabe ressaltar que a literatura e as manifestações artísticas de quaisquer origens, era assiduamente encontrada na conversa dos amigos. A linguagem era a matéria-prima que, mesmo na distância,

---

<sup>125</sup> CANDIDO apud PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação. São Paulo: Editora Ática, 1990, p.71.

os unia. Na carta que segue, Capanema exalta a língua portuguesa e suas complexidade:

Meu caro Carlos,

Desde que cheguei a Pitanguy, fiz o projeto de manter uma assídua correspondência com meus amigos. Você estava entre eles. Andava em, entretanto, longe de suppor que a advocacia fosse uma profissão assim tão estúpida, que não me desse folga para essa amável tarefa. Estou aqui há uma porção de meses, e ainda não pude conversar, nem uma vez sequer, com nenhum de vocês. Isto tem sido por demais pernicioso para mim. Sinto que vou me distanciando daquele ar bom e sadio que respirava em meio de vocês e engrossando a minha estupidez com esse pasmoso atraso do interior, e com o irritante convívio de outros, officios de justiça, Arthur Ribeiro e o diabo. Só o código do processo basta a emperrear a mais alada inteligência...

Tenciono por esses dias ir ahi, e não quero apparecer a você assim sem mais nem menos. Esta carta é, pois, antes de tudo, um pedido de desculpa. Desculpa por não lhe ter escripto nada nesses três meses de ausência. Mas é também um forte abraço de parabéns pela sua magnífica entrevista sobre o movimento modernista.. palavra que achei a sua palestra muito melhor que a do Mário de Andrade. Mais equilíbrio, melhor compreensão da validade merital brasileira, menos artificialismo. Nenhum artificialismo. Não é que não tenha achada excellente tudo quanto tenha dito o Mário. Ele é sempre admirável. Mas observo que Le está dando muita importância demais á questão da linguagem. Anda com a obsessão do solecismo. Que ele e vocês todos se levantem contra a tyrannia gramatical de Portugal, oá. É uma atitude bonita que a gente applaude comovidamente. É, em verdade, preciso estilizar a nossa linguagem brasileira. Dicionarizar em disparate de palavras e expressões utilizadas diariamente por nosso povo.

[...]

Pois bem, meu caro Carlos. Todas essas tolices são apenas para dizer que, nesses três meses que aqui estão, não deixei de interessar-me pela sua carreira e que quanto maiores forem as suas victórias, tanto mais effusivos serão os meus parabéns.

Adeus. Com muitas lembranças ao Nova, ao Emílio, ao Iago, a todos a todos os nossos amigos dahi, os barcos de seu velho Capanema.

PITANGUY, 20 de dezembro de 1925.<sup>126</sup>

<sup>126</sup> Correspondência de Gustavo Capanema à Drummond em 20 de dezembro de 1925. FCRB.

Nessa correspondência podemos perceber o domínio que ambos tinham da língua portuguesa, suas nuances e mecanismos de manifestação. Prezavam também, suas variantes e multiplicidade de sentidos. O bem maior que Drummond mantinha era a leitura, a escrita, o conhecimento. Não apenas como forma de libertação, mas de aproximação de si e do outro. Para além de uma vida política reconhecida, enaltecer a cultura, o Brasil e valorizar a arte eram suas metas e objetivos. O *escrever-sentir* em Drummond era uma forma de concretizar ideais de transformação.

Certeau (2012) discute as experiências *particulares* que podem modificar um campo de pesquisa. Com isso se precisará igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence aliás às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto.”<sup>127</sup> Reaprender operações era uma prática do multifacetado Drummond. Com o objetivo de sentir e transpor o sentido, o poeta particularizava suas emoções e as vivenciava na escrita. Suas produções literárias não tinham a pretensão de mudar o mundo, não se sentia o *poeta-mártir*. O caminho era a consciência crítica e um posicionamento voltado para o bem coletivo.

O Poder da escrita é arrebatador. E Drummond acreditava nisso. O refinamento de sua escrita não era apenas para fins estéticos, mas também, para propositalmente, construir significados. Sua intelectualidade não o distanciava da sociedade, não o afastava da massa. A escrita Drummoniana era aceita e reconhecida por razão de sua espontaneidade. O poeta atingia e tocava os seus leitores com naturalidade. Eram apenas *trajetórias que desenhavam palavras*, como afirmava Certeau:

[...] aí se constrói um texto. Fragmentos ou materiais linguísticos são tratados (usados, pode-se assim dizer) nesse espaço, segundo métodos explicitáveis e de modo a produzir uma ordem. Uma série de operações articuladas (gestuais e mentais) – literatura é isto, escrever – vai traçando na página as trajetórias que desenhavam palavras, frases, enfim, um sistema. Noutras palavras, na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada – compõe o artefato de um outro “mundo”, agora não recebido, mas fabricado. O modelo de uma

<sup>127</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer. 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 35.

razão produtora escreve-se sobre o não lugar da folha de papel. Sob formas múltiplas, este texto construído num espaço próprio é a utopia fundamental e generalizada do Ocidente moderno.<sup>128</sup>

Íntimo da leitura e da escrita desde criança – e uma leitura densa – Drummond, dominava as técnicas de uma boa redação, seus mecanismos de funcionamento e sistemas. Não era um escritor neófito; vinha de uma extensa caminhada. No entanto, a escrita, especialmente a literária, vem impregnada de sentimentos, emoções, sendo assim, há de se ter sensibilidade para tal ação. O que toca, o que move as pessoas é genuíno, etéreo. Drummond não escrevia para os sujeitos, não esperava *feedback* positivo para alterar sua escrita, sem grandes pretensões e utopias. Queria um mundo melhor, como percebemos no trecho dessa entrevista à Revista Veja (1980) :

**Veja:** *Como é que o Senhor consegue conciliar a felicidade individual com sua culpa social por causa de um mundo injusto?*

**Drummond:** Felicidade pessoal é exagero. Prefiro serenidade pessoal, marcada por alguns relâmpagos, porque de vez em quando perco a paciência. Não me cabendo ser um ator ativo no espetáculo do mundo, sendo apenas mais um observador, me limito a dizer alguma coisa do que penso, do que sinto, com a convicção de que isto não vai adiantar nada. Nunca entendi bem o mundo. Acho o mundo um teatro de injustiças e de ferocidades extraordinárias. Dizer que nós evoluímos desde o homem das cavernas é um pouco de exagero, porque criamos, com a tecnologia, aparelhos mais sofisticados para a felicidade do mundo e esses aparelhos estão sendo utilizados para a destruição. Isso não é civilização, francamente. Isso é uma porcaria.<sup>129</sup>

Nessa mesma entrevista à Revista Veja, Drummond responde a duas perguntas que são preponderantes. Uma a respeito de seus escritos, de suas obras poéticas. E a outra sobre uma questão mais transcendental, politizada, o gauchismo. Ambas as perguntas foram respondidas com extrema discrição. Havia uma dificuldade no poeta de reconhecer suas ações. Na literatura aceitava com mais facilidade, no entanto, suas ligações e ideologias políticas sempre foram guardadas com muito cuidado e quando questionado desconversava, se retraía. Seguem as perguntas:

<sup>128</sup> Idem, *Ibidem*, p. 205.

<sup>129</sup> Entrevista à Revista Veja ao jornalista Zuenir Ventura em 19 de novembro de 1980.

**Veja:** Sem falsa modéstia: o senhor não tem realmente dimensão da sua obra?

**Drummond:** Acho minha obra uma obra falha, uma obra que podia ser melhor. Ela não teve um desenvolvimento consciente, lógico. Fui levado pela intuição e pelo instinto, pelas emoções do momento. Não creio muito na validade dessa obra. Acho o seguinte: como sou um homem do meu tempo, exprimi paixões e emoções do meu tempo, e isso naturalmente tocou as pessoas. Não vou dizer que pra mim, não é agradável. [...] daqui a cinco ou dez anos, terei desaparecido e virão novos poetas, novas formas de poesia, novos critérios, novas tendências. Amanhã ou depois, daqui a cinquenta anos, um sujeito diz: “Olha, descobrimos um poeta chamado Drummond, que tinha uma pedra no meio do caminho. “Que coisa curiosa” ou “Que coisa chata”.

**Veja:** Quer dizer que o “*anjo torto*” tinha razão: o senhor foi *gauche* na vida?

**Drummond:** Acho que fui. Porque não aderi ao sistema de valores que dominava na minha época, participei timidamente de um movimento de revolução literária, que não chegou a ser política nem social, nem econômica. Fiquei na minha toca. Não tenho nada de especial, não. Foi uma vida medíocre. Me deu o prazer de algumas amizades, algumas coisas boas. Eu fui um homem qualquer. Mais nada.<sup>130</sup>

O poeta diz ter sido levado pelas emoções do momento. Pois bem. Sua poesia expressava o sentimento vigente. Sua vida sempre foi cercada de ação política, logo suas práticas eram políticas. O fato de ser *gauche* na vida já o tornara um revolucionário; impregnado de politização. O movimento de renovação literária no qual participou foi um movimento que era, preponderantemente, político. De algum modo, as injustiças sociais e as deficiências existentes nas práticas politizadas já existentes o deixaram frustrado com o sistema, portanto, a negação era sua proteção.

A escrita tem várias dimensões. Em Drummond, escrever além de ser um ato de liberdade era também um compromisso consigo e com o outro. Expor posicionamentos nunca é fácil, pois sofremos sanção a todo instante. A escrita Drummoniana se aproximava do povo, de seus leitores, justamente por entender as necessidades que a população como um todo tinha. Suas insatisfações reverberavam na sociedade.

Civilizar é educar. Drummond, com ares de modéstia e simplicidade falava sobre sua incompreensão em relação aos problemas vividos no mundo.

<sup>130</sup> Entrevista à Revista Veja ao jornalista Zuenir Ventura em 19 de novembro de 1980, p. 8.

Nossas ações devem estar claras e postas, pensava Drummond, e dessa forma, agia com suas aptidões. Na poesia, nas artes, na política deixava transparecer suas indignações. Na analogia criada por ele na entrevista para a Revista *Veja*, o *mundo é um teatro de injustiças* e, assim, decidimos ser protagonistas, antagonistas ou meros coadjuvantes no abrir das cortinas da vida. Drummond decidiu entrar em cena não como personagem principal, mas como aquele que faz a diferença e o reconhecimento seria mera consequência.

### **3.2 – As vozes da poesia em Drummond: sua produção literária no período ministerial e o fortalecimento de um ideário de nação.**

O escritor de prazer (e seu leitor) aceita a letra: renunciando à fruição, tem o direito e o poder de dizê-la: a letra é seu prazer; está obsedado por ela, como o estão todos aqueles que amam a linguagem (não a fala), todos os logófilos, escritores, epistológrafos, linguistas; dos textos de prazer é importante falar (não há nenhum debate com a anulação do desfrute): *a crítica versa sempre sobre os textos de prazer, jamais sobre textos de fruição*: Flaubert, Proust, Stendhal são comentados inesgotavelmente; a crítica diz então, do texto tutor, a fruição vã, a fruição *passada ou futura*: *vocês vão ler, eu li*: a crítica é sempre histórica ou prospectiva; o presente constativo, a apresentação da fruição que é interdita; sua matéria de predileção é portanto a cultura, que é tudo em nós salvo nosso presente.<sup>131</sup>

Barthes vai ao encontro do ponto nevrálgico em nossa relação com a leitura. O texto nos envolve e a literatura nos seduz, nos leva ao delírio e nos embriaga. Mas, não perdemos a consciência, pelo contrário. Há lucidez no pacto com a leitura, um acordo firmado entre *autor/leitor* que provoca emoções e estabelece uma ressurreição de significados. Ler nos permite respirar e inspirar ideias, conceitos e questionamentos que são imprescindíveis para inserção do homem na sociedade. Não entender o que se lê constitui em não compreender o mundo, não perceber a cultura de um povo, não ser partícipe da evolução social.

<sup>131</sup> BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 1973, p. 31.

Os intelectuais da geração mineira modernista tinham uma relação intrínseca com a escrita. Os amigos Carlos Drummond de Andrade e Gustavo Capanema não fugiam a essa regra. Ambos respiravam a leitura e se alimentavam da escrita. Já na chefia de gabinete do Ministério da Educação, Drummond, apesar de funcionário do Estado não deixou de escrever. Sua ação poética agia concomitante à sua ação política.

A obra de Carlos Drummond de Andrade é vasta e extensa. Além de publicações na *Revista Antropologia* em São Paulo (1928), ser redator do jornal *Minas Gerais* (1929), estreia sua obra de maior alcance em 1930 com *Alguma Poesia* e logo em seguida outras grandes obras se apresentam. *Brejo das Almas* (1934), *Sentimento do Mundo* (1940), o lançamento do livro *Poesias* em 1942, publicação de *A Rosa do Povo* em 1945, *Novos Poemas* (1948), *Fazendeiro do Ar* (1955) e *A vida passada a limpo* (1959).

*Sentimento do mundo* (1940) e *A Rosa do Povo* (1945) foram literaturas que marcaram o cerne da atuação de Drummond no período que esteve atuando no Ministério Capanema. Destarte, essas duas obras também serão analisadas como fontes documentais para entendermos melhor a passagem de Drummond pela política ministerial e sua ação política. Nessas obras optamos por selecionar as poesias mais relevantes de acordo com os objetivos de nossa pesquisa, por vezes, serão utilizadas na íntegra, em outros momentos apenas fragmentos selecionados.

Em *Sentimento de Mundo* Drummond já estava inserido em um contexto sociopolítico bastante conturbado no Brasil. Tempo de incertezas e mudanças e já instaurado um novo regime político, o Estado Novo. A insegurança que assolava a sociedade como um todo também atingia o poeta que, não se escondia atrás de sua chefia de gabinete, pelo contrário. De maneira justa e ética, tentava se impor e expressar sentimentos pessoais que muitas vezes iam ao encontro de seus leitores.



**Imagem 25** -Capa da 1ª edição de Sentimento do Mundo. Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1940. Arquivo Carlos Drummond de Andrade. AMLB. FCRB.

O “poeta ajuizado” é precisamente aquele que “vende” a sua agudeza crítica contra o Estado que o contrata, em trocado sustento que este lhe fornece. De um lado, a tese do juízo funcionário é furada pela poesia participante de Drummond: os três livros do período — Sentimento do mundo (1940), José (1942) e A rosa do povo (1945), publicados durante o Estado Novo e assinados pelo chefe de gabinete do Ministério da Educação e Saúde Pública, cujas simpatias com o Partido Comunista Brasileiro, à época, eram conhecidas — revolucionam a poesia política no Brasil. Mas a tese é confirmada, por outro lado, pela função de Drummond no gabinete do ministro, encarregado, ao longo dos anos, dentre outras coisas, de escrever os discursos de Capanema, função necessariamente cercada de reserva e segredo. Embora a prática de intelectuais escreverem discursos para políticos seja corrente, não só no Brasil, o fato acrescenta um sentido verdadeiramente abissal à posição ambígua que Drummond ocupava no ministério, sintoma talvez bem mais geral de uma perturbadora ambiguidade do sistema político-literário brasileiro como um todo.<sup>132</sup>

Por muitas vezes, essa posição ambígua de Drummond se faz presente. Correspondências, imagens, palestras, entrevistas e as poesias denotam um Drummond ativo politicamente. Sua amizade e modéstia não o permitiam admitir tal faceta, não o deixavam se mostrar e admitir: sou um político. Talvez não quisesse que o percebessem como um oportunista na função em que fora indicado pelo amigo de infância Gustavo Capanema. O que o próprio Capanema iria achar se percebesse a evolução, autonomia e reconhecimento de

<sup>132</sup> PENNA, João Camillo. Drummond: Testemunho da Experiência Humana. Brasília: ABravídeo, 2011, p. 29.

Drummond em seu Ministério? O fato é que a devoção que ambos sentiam um pelo outro transcendia qualquer posição político-literária. Mas os indícios estão aí; postos, evidentes.

Sem dúvida, Capanema era um homem das letras. Sua intelectualidade era extensa e Drummond sabia disso, o admirava. O Ministro da Educação acreditava na força do intelectuais e queria fazer a diferença. Esse recrutamento de intelectuais em seu governo não foi por acaso. Jamais foi. Tinha um propósito claro e evidente. Constituir uma boa equipe de trabalho para instaurar mudanças nas políticas educacionais. Tinha de fazer um bom trabalho, contudo, acreditava no poder transformador da educação. Drummond era seu grande amigo, estava próximo, era de confiança e era de uma fidelidade indubitável.

Para além das questões de amizade, que eram notórias e declaradas, Drummond sabia que sua aproximação com o Ministério iria lhe proporcionar condições e bases para agir em prol de sua literatura, da arte, da cultura em geral e melhorar as condições da sociedade, posto que, considerava como já citado neste capítulo, o *mundo um teatro de injustiças*. E para Drummond, injustiça maior era se ausentar, permanecer na inércia e na zona de conforto.

As poesias de *Sentimento do Mundo* em sua maioria tem um cunho existencial profundo. As agruras, as tristezas e incertezas do ser humano são expressas com objetividade. A questão política está presente em muitas delas. O medo e a vontade de mudança estão presentes marcando um contexto de conflitos e de insegurança, como em *Congresso Internacional do Medo*:

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
 Que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
 Cantaremos o medo, que esteriliza os braços,  
 Não cantaremos o ódio porque este , não existe,  
 Existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
 O medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
 O medo dos soldados, o medo das mães, o medo das  
 igrejas,  
 Cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,  
 Cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,  
 Depois morreremos de medo

E sobre nossos túmulos nasceram flores amarelas e medrosas.<sup>133</sup>

A crítica está presente nas poesias de cunho político de Drummond. O medo é um sentimento que paralisa, que estagna que não permite o movimento. O contexto era de medo da reação política atual, das represálias, das influências no âmbito familiar, da religiosidade não orientada. O país era um congresso que sofria induções e pouco reagia. O despertar ainda estava por vir. O pessimismo trazia sentimentos diversos, inclusive a ideia de morte, não necessariamente concreta. Mas a morte de sonhos, vontades e o grito pela liberdade. Em *Os ombros suportam o mundo*, há um acréscimo de sentimento, a desilusão:

Chega um tempo em que não se diz mais: Meu Deus.  
 Tempo de absoluta depuração.  
 Tempo que não se diz mais: meu amor.  
 Porque o amor resultou inútil.  
 E os olhos não choram.  
 E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
 E o coração está seco.[...]<sup>134</sup>

O contexto social fatalmente influencia nos sentimentos. Não há como rir, festejar em tempos de desespero. A angústia toma conta e nem mesmo o apego à religiosidade parece capaz de suprir as lacunas da vida. Há uma mecanização do homem e suas ações e os sentimentos estão frios. As almas não estão aquecidas e a sensação é de incapacidade, de inércia. Em *Mãos dadas*, ares de esperança parecem ressurgir:

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
 Também não cantarei um mundo futuro.  
 Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
 Entre eles, considero a enorme realidade.  
 O presente é tão grande, não nos afastemos.  
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,

---

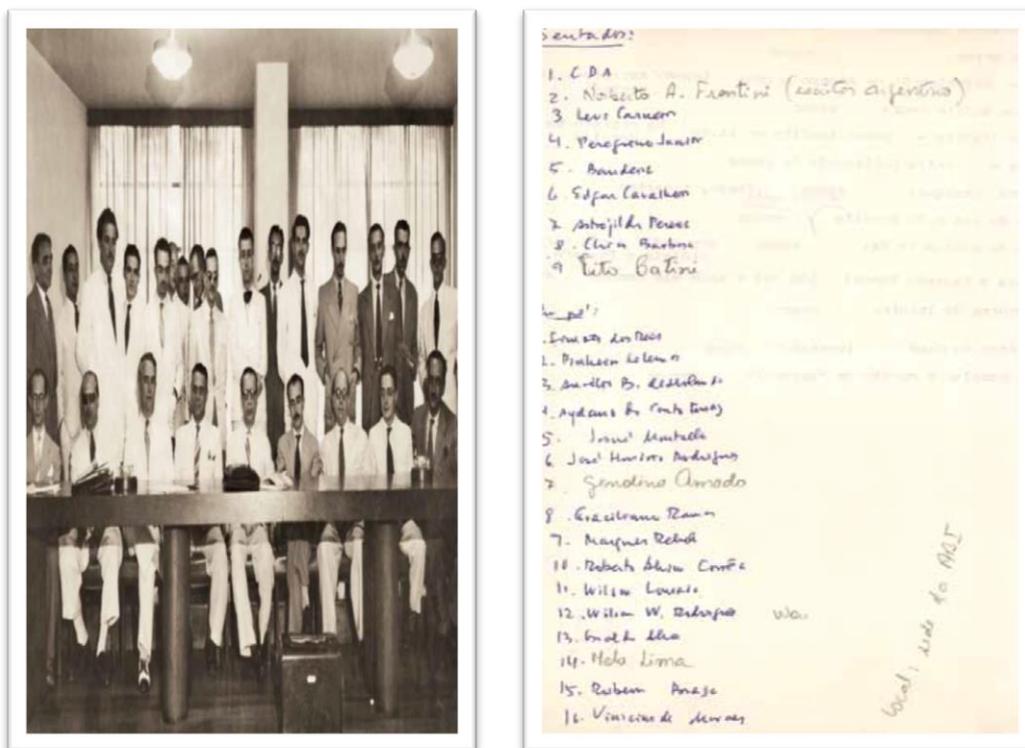
<sup>133</sup> GUIMARÃES, 2012, p. 221.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 238.



apresentam como tal ou os que labutam cotidianamente por uma vida melhor? Os conflitos se apresentam e *A Grande Máquina* teima em nos paralisar.

Segundo Penna (2011), *Sentimento do Mundo* muda o nível de participação social no Brasil através da poesia. A censura era absoluta e o livro de Drummond teria saído como tiragem pequena, mas se multiplicado através de cópias feitas por leitores de empréstimos. “Poeta político clandestino, de um lado, e *ghost writer* do ministro, de outro, temos aqui a justa medida da tênue materialidade da existência propriamente fantasmal de Drummond no Ministério da Educação e Saúde Pública.”<sup>137</sup> O contexto político vigente agia de forma contundente em suas poesias:



**Imagens 26 e 27** - Fundação da Associação Brasileira de Escritores (ABDE). Ao lado, lista de presentes, escrita pelo próprio Drummond. Rio de Janeiro, novembro de 1942 | Arquivo Carlos Drummond de Andrade - AMLB/FCRB.<sup>138</sup>

*Sentimento do Mundo* foi gerado dentro de um útero político e seu nascimento foi doloroso, mas necessário. Não há como dissociar esta obra a ação de Drummond dentro do Ministério, pois a obra foi constituída no ápice de

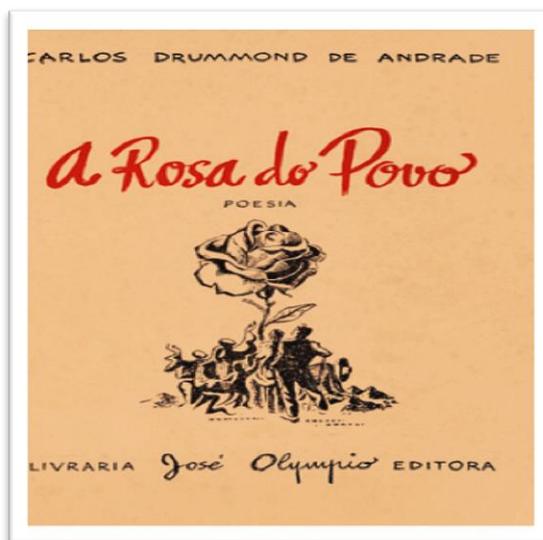
<sup>137</sup> PENNA, João Camillo. Drummond: Testemunho da Experiência Humana. Brasília: ABravideo, 2011, p. 56.

<sup>138</sup> Reunião da Associação Brasileira de Escritores (ABDE) - Arquivo Carlos Drummond de Andrade - AMLB/FCRB.

sua chefia no gabinete e no apogeu das ditaduras do regime do Estado Novo. Drummond, certamente, cheio de inquietações, esvaziou-se na sua poesia, porém, nunca deixando a ação política de lado:

Desde 1944, Drummond participa da agitação política, fazendo parte das discussões para a formação de uma entidade de classe, a Associação Brasileira de Escritores (ABDE), e da União de Trabalhadores Intelectuais (UTI). Participa ativamente da organização do 1.º e do 2.º Congressos de Escritores (respectivamente ocorridos em 1945 e 1947). Dois meses depois de pedir sua demissão do Ministério da Educação e Saúde, aceita participar do Conselho Diretor da Tribuna Popular, órgão do Partido Comunista, e integra a redação do jornal. Logo se desencanta com o dogmatismo comunista. Já no dia 22 de junho, comunica a sua resolução de deixar a direção do jornal e, em 5 de novembro, oficializa a sua saída.<sup>139</sup>

Nesse contexto, outra obra preponderante foi a *Rosa do Povo*. Lançada em 1945 também ganhou destaque por sua carga social e foi uma espécie de preparação para a saída de Drummond de sua função no Ministério da Educação. “A partir de *A Rosa do Povo*, o sentido da destruição não apenas é mais evidente como se apresenta como contrapeso da própria vida.”<sup>140</sup>



**Imagem 28** - Capa da 1ª edição de “*A Rosa do Povo*”. Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1940. Arquivo Carlos Drummond de Andrade. AMLB. FCRB.

<sup>139</sup> PENNA, João Camillo. Drummond: Testemunho da Experiência Humana. Brasília: ABravídeo, 2011, p. 80.

<sup>140</sup> SANT’ANNA, Affonso Romano de. Drummond: o gauche no tempo. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 164.

O livro *A Rosa do Povo* foi lançado com cinquenta e cinco poesias. Sant'anna (2008) afirma que vinte e três dessas poesias falam sobre a temática da destruição. A visão de mundo nessa obra está mais ampliada; obra mais evoluída, experiente que abarca a situação sociopolítica do Brasil com criticidade, mas não só isso. Também abarca as vicissitudes humanas e suas necessidades, como em *A Flor e a Náusea*:

Preso a minha classe e a algumas roupas,  
 Vou de branco pela rua cinzenta.  
 Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
 Devo seguir até o enjoo?  
 Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
 Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
 O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e  
 espera.  
 O tempo pobre, o poeta pobre  
 Fundem-se no mesmo impasse. [...]

A impossibilidade é uma característica dessa poesia. Os conceitos e dogmas arraigados na sociedade a tornam escrava de certas situações. Há como fugir? Será que poderei diante dos inimigos que me espreitam? Fica clara a disposição de que o poeta comprometido, engajado, reflete as reações da sociedade: “o tempo pobre, o poeta pobre” [...]. Dessa forma, o poeta torna-se um porta-voz das angústias e privações de toda uma massa. É a real função do artista, usar a sua arte em prol do expectador, fazê-lo sentir-se liberto, participante, ativo. Se não, a vida traz represálias, como em *O medo*:

Em verdade temos medo.  
 Nascemos escuro.  
 As existências são poucas:  
 Carteiro, ditador, soldado.  
 Nosso destino, incompleto.

E fomos educados para o medo.  
 Cheiramos flores de medo.  
 Vestimos panos de medo.  
 De medo vermelhos rios  
 Vadeamos.[...]

Quais são os maiores medos do ser humano? O medo realmente existe ou é uma utopia? Quem nos provoca medo? Drummond nos faz refletir sobre as condições em que vivemos, da permissividade que outorgamos a alguém para que nos oprima, nos aprisione. Devemos lutar contra aqueles que nos sufocam e redimensionar nossas ações e prioridades. E a situação política do Brasil continua incerta, como retrata Drummond em *Nosso Tempo*:

Este é tempo de partido,  
Tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,  
Viajamos e nos colorimos.  
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.  
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.  
As leis não bastam. Os lírios não nascem  
Da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se  
Na pedra.

É notória a questão política posta nessa poesia. As incertezas de um governo que se declara opressor e autoritário. A completude do ser humano desagua no surreal, no inatingível. Os indivíduos não suprem suas necessidades básicas e as leis não permitem o progresso. O desespero se instaura, mas o que fazer? Nessas condições, o homem se aproxima do foço da desigualdade, da injustiça e da intolerância. Em *Carta a Stalingrado*, Drummond se questiona sobre os problemas do mundo, as guerras e as dificuldades que os homens têm de compreensão:

Stalingrado...  
Depois de Madri e de Londres, ainda há grandes cidades!  
O mundo não acabou, pois que entre as ruínas  
Outros homens surgem, a face negra de pó e de pólvora,  
E o hálito selvagem da liberdade  
Dilata os seus peitos, Stalingrado,  
Seus peitos que estalam e caem  
Enquanto outros, vingadores, se elevam.

A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais.  
Os telegramas de Moscou repetem Homero.  
Mas Homero é velho. Os telegramas cantam um mundo  
novo  
Que nós, na escuridão, ignorávamos.

Fomos encontra-lo em ti, cidade destruída,  
 Na paz de tuas ruas mortas mas não conformadas,  
 No teu arquejo de vida mais forte que o estouro das  
 bombas,  
 Na tua fria vontade de resistir.

Saber que resistes.  
 Que enquanto dormimos, comemos e trabalhamos, resistes.  
 Que quando abrirmos o jornal pela manhã teu nome  
 (Em ouro oculto) estará firme no alto da página.  
 Terá custado milhares de homens, tanques, aviões, mas valeu a pena [...]



**Imagem 29** - Soldados russos no campo de batalha. Stalingrado, União Soviética, 1943 | Pictorial Parade/Getty Images.<sup>141</sup>

Em pleno cerco nazista à cidade soviética de Stalingrado, o mundo vivia tempos de guerra, de lutas, embates sociais e mortes. Drummond com sua sensibilidade e ação política aguçada esteve sempre atento às problemáticas do Brasil e do mundo. O poeta sabia reconhecer as mazelas e as deficiências que existiam na política nacional e mundial. Levar essas agruras para a poesia significava constatar a sua participação de fragilidades dos governos e da política. Não existia isenção e sim um empoderamento das ações coletivas. E no Brasil, o tempo também era de mudanças.

<sup>141</sup> PENNA, João Camillo. Drummond: Testemunho da Experiência Humana. Brasília: ABravídeo, 2011, p. 76.



**Imagem 30** - Bustos de Getúlio Vargas arrancados depois de sua deposição em 29 de outubro de 1945 | Fundação Getúlio Vargas – CPDO

Em 1945 o Brasil também estava em clima de expectativa. Em 18 de abril foi decretada anistia geral para os criminosos políticos. Getúlio Vargas seria deposto em 29 de outubro de 1945. As incertezas eram grandes, mas a vontade de mudança era maior, mais forte e se estabelecia. Todas essas ações políticas ressoaram na atuação de Drummond, seja no Ministério, na vida ou na poesia. Nesse mesmo ano, Drummond pediu demissão do cargo de chefe de gabinete. Um novo tempo se apresentava, novas possibilidades. A inquietude tomava conta do poeta. Apesar de se declarar um sujeito alheio à política, Drummond sempre manifestava suas inquietações e protestos através de sua escrita.

Logo, Drummond era um sujeito político. Amante da leitura, da escrita, intelectual por natureza, mas um político nato. A sua vida e sua arte serviam às questões públicas, dos cidadãos. Sua cultura elevada era utilizada como um meio de agir *para e pelo* povo. Mesmo vindo de uma família abastada, Drummond preocupa-se com os seus semelhantes e usou as suas maiores aptidões para servir o seu país. Sua ação política, sua intelectualidade e sua verdade contribuíram para a construção de um ideário de nação já almejado em tempos de Minas. E, modestamente, como era o *Carlos*, o seu papel foi cumprido. Seu legado ultrapassa gerações e percorre os caminhos da educação.

### **3.3 – A história de um intelectual ou um intelectual que fez história? As contribuições de Drummond para o campo da história da educação brasileira.**

Ver é uma experiência mágica, afirmam os pintores. Essa magia está na crença em sua atividade de ver o mundo e as coisas do mundo, que, nascendo fora do sujeito, faz-se também nele, pois a todo ato de ver o sujeito retorna a si com o mundo. O ato de ver se faz por uma sedução, fascinação que produz um desejo de produzir, de observar, de perceber, de enveredar no que é observado. Reconhecer a mensagem escondida numa flor, numa folha de papel qualquer, é abrir-se para o fascínio de desvendar o que subjaz à pele das coisas, sua energia secreta desafiando o olhar para descobrir no sempre visto a possibilidade do que é diferente. Desse modo, o desafio do olhar, é o de ver em profundidade o visível e penetrar em sua essência, pretendendo desvestir o habitual, o senso comum. No ato de ver, o sujeito tenciona conhecer o objeto do desejo em suas nuances e sentidos.

142

É preciso deixar-se enxergar. O simples fato de existir não o faz reconhecido, visto. O ato de (re) conhecer trilha os caminhos da permissividade, da receptividade do altruísmo. Os detalhes identificam a completude e entregar-se é a forma mais cabal de pertencimento. A introspecção, a timidez de Drummond não o escondia, apenas eram nuvens em dias de chuva que, por vezes, dificultavam a visão. Mas, bastava a chegada do sol acompanhado de uma brisa suave, o sopro divino, para que uma imagem pura e límpida se apresentasse.

Ao adentrarmos na vida política de Carlos Drummond de Andrade percebemos um aglomerado de pistas, deixadas ou propositalmente esquecidas, que agem como a chegada do sol que clareia os rumos de nossa pesquisa. Seja na época em que viveu ou em sua posteridade o *gauche* queria ser lembrado, não por vaidade, mas porque sua história trouxe um diferencial para a educação brasileira. Sua ação política foi uma meta, uma missão cumprida com afinco. E

---

<sup>142</sup> Citação extraída do meu texto apud CAMARA, Sônia. Reinventando a escola: o ensino profissional feminino na reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013, p. 40.

essa ação deixou rastros, pistas visíveis – que faziam parte do senso comum – e invisíveis – que clamavam por serem materializadas.

O papel do historiador é de se aproximar dessas pistas a fim de encontrar subsídios para sua pesquisa. Essa aproximação não é uma tarefa fácil, é árdua e por vezes dolorosa. Mas recompensadora quando logramos êxito no ato da investigação. Mas, o que é lograr êxito? É achar respostas? Não necessariamente. Uma pesquisa satisfatória acontece quando nos aproximamos do nosso objeto, nos aventuramos a descobrir o impensado, quando nossas fontes nos apresentam caminhos que até mesmo não queríamos trilhar. Somos meros coadjuvantes e o nosso objeto é a personagem principal.

Técnica é extremamente importante para entendermos os meandros e os mecanismos de funcionamento da pesquisa histórica. Mas, não é apenas isso. A apropriação do que está sendo pesquisado, o tempo, a disponibilidade e o tempo dispersados são importantes. Mas, ainda não é apenas isso. O sentimento deve se fazer presente na construção de seu estudo. O *feeling* é essencial para o pesquisador buscar, selecionar, depurar e até mesmo descartar se for necessário.

Nesse contexto, se torna muito mais fácil compreender a ação do poeta Carlos Drummond de Andrade na política brasileira. Sua atuação poética é senso comum. Reconhecida por todos os amantes da leitura, de uma boa leitura. Contudo, até a sua poesia se rende à sua ação política, tamanha é sua importância e pertinência para o cenário sócioeducacional brasileiro.

O historiador, por definição está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos procederam, só poderíamos [portanto] falar segundo testemunhas. Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu; do físico, que retido no quartel pela gripe, só conhece os resultados de suas experiências graças aos relatórios de um funcionário de laboratório. Em suma, em contraste com o conhecimento do presente, o do passado seria necessariamente “indireto”.<sup>143</sup>

---

<sup>143</sup> BLOCH, Marc. Apologia da História ou ofício de historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 69.

As fontes, quando bem questionadas, nos revelam as minúcias da pesquisa e constata e legitimam o estudo do historiador. Desde o início de nossa pesquisa, o aprofundamento do contexto histórico em que Drummond iniciou sua intelectualidade, junto com seus partícipes, foi de grande relevância para o entendimento de sua formação e suas práticas. De Itabira a Minas Gerais e logo depois o Rio de Janeiro, foram transposições geográficas importantes.

O *corpus* levantado para análise, tais como correspondências – ocupando a posição de centralidade – as imagens que ajudaram na leitura das pistas, as entrevistas e documentos afins foram valiosos para entendermos a dimensão do estudo proposto: a ação de Carlos Drummond de Andrade no Ministério da Educação e Saúde Pública, nos anos de 1934 a 1945.

Como já dito, a obra literária de Drummond, de domínio público, foi exaustivamente trabalhada por outros pesquisadores, como: Affonso Romano de Sant’anna, Silviano Santiago, José Guilherme Merquior, José Maria Cançado, João Camillo Penna, que tiveram Drummond e suas poesias como o epicentro de suas pesquisas. O desafio foi trabalhar a ação política de Drummond. Muito controversa, nebulosa, contraditória e dividia a opinião de muitos autores. Havia uma relevância para a história da educação brasileira a aproximação de Drummond com a política.

De fato, há uma lacuna nesse aspecto. Drummond era burocrata apenas por convites recebidos de amigos? Ele se constituía realmente um político? O fato de estar no Ministério da Educação como chefe de gabinete o fazia um político ativo e participante, e mais, o dava características de um educador? Esse era o caminho a ser percorrido.

A história de Drummond se entrelaça com a história da educação brasileira. Não apenas por seu caráter poético, culto, rebuscado. Mas, também, por sua polivalência, sua característica e personalidade política. O Ministério foi o lugar onde ele efetivou sua carreira como funcionário do Estado, mas sua vida política já começara há tempos, dos movimentos estudantis em Itabira até a chefia de gabinete do secretário do Interior Francisco Campos em 1930. Já no Ministério Capanema, levantava questionamentos por conta de seu comportamento discreto e “contemplativo”:

A presença de Drummond é mais silenciosa, mas nem por isso mais alheia. Presença recatada, nas raras e sempre enviesadas aparições públicas, e silenciosa, na ausência de cartas – “a minha incurável incapacidade epistolar”. Mas a maneira como alguns missivistas se referem ao poeta chefe de gabinete nas cartas dirigidas ao ministro indica a intimidade, a naturalidade com que acabou se instalando naquela rotina de procedimentos na gestão política. Os intelectuais, arquitetos e literatos que escreviam a Capanema incluíam o “Carlos” como uma extensão do ministro: “Apenas lhe peço para avisar por uma palavrinha sua ou a do Carlos...” (Mário de Andrade); “peça ao Carlos que me explique o que você quer...” (Mário de Andrade); “meu caro Capanema: um abraço para você, outro para o Carlos...” (Gilberto Freire). Com destreza e quase espontaneidade, Drummond cumpria o trajeto da geração de oficiais-de-gabinete.<sup>144</sup>

Bomeny (2011) faz menção às pistas que legitimam a participação de Drummond no Ministério e, não apenas como mero burocrata, mas como personagem ativo na atuação ministerial. Neste trabalho já citadas, diversas foram as cartas em que Capanema se mostrava, de certa forma, dependente da coordenação e da inspeção de Drummond, desde assuntos mais banais até a elaboração de grandes discursos. O “*inconvicto escriba oficial*” ou o “*poeta-funcionário*”, como se autotranspunha, atribui à Drummond a ideia de ser *apenas mais um* burocrata do ministro.

De certa forma, Drummond sempre quis apagar seu passado político, engajado em Minas e se rotular apenas como poeta modernista. Mesmo na poesia, se rotulava *um poeta que tinha uma obra falha*. As mesmas mãos que escreviam reconhecidas poesias eram as mãos que redigiam palestras e discursos políticos. Drummond nunca enalteceu esse lado politizado. Se dizia inconformado, ousado, o *gauche* na vida. Mas, o que sempre esteve implícito é que o *gauchismo* é uma prática política, que luta por mudanças, posto que, sofrera injustiças na vida.

<sup>144</sup> BOMENY, Helena. (org.) Infidelidades Eletivas: Intelectuais e Política. IN: Constelação Capanema: Intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 29.

## CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.<sup>145</sup>

E as interpretações que o passado nos oferece são escolhas. O objeto de estudo nos desperta indícios e nos leva a investigação. Uma seleção dos arquivos, das fontes e dos materiais trabalhados são escolhas do pesquisador. Cabe ao historiador/pesquisador soprar o fôlego de vida às atuações que julga pertinentes ao seu estudo.

Aproximar-se das ações políticas dos intelectuais das décadas de 1920 e 1930 não é uma tarefa fácil, pois pessoais, culturais, hegemônicas e, principalmente estratégicas. Conhecer um pouco mais de perto o poeta Carlos Drummond de Andrade, e sua ação política, torna-se importante para os estudos históricos de nossa educação. Mas, concomitantemente, traz inquietações que perpassam por suas vivências, experiências e ideologias.

No aprofundamento da pesquisa, alguns aspectos vão se tornando mais evidentes. De certa forma, a vida e obra poética de Drummond acabaram por suprimir a sua atividade militante, política. E, não é pertinente pensar que isto seria uma manifestação da mídia impressa ou por sua ligação com o Estado e partidárias. Drummond era um homem tímido e calado em sua vida pessoal, mas ousado nas questões concernentes à profissão. Ele optou por resguardar seu ideário político e, principalmente, no que tange a sua passagem no Ministério da Educação e Saúde Pública de 1934 a 1945, na gestão Capanema.

O amigo Gustavo Capanema tinha uma aposição preponderante na vida de Drummond. A ligação que os dois tinham era uma espécie de irmandade, de pacto que os unia em quaisquer das circunstâncias. A amizade, desde a época de Minas, construí em ambos uma ideologia de vida: a arte acima de tudo.

---

<sup>145</sup> BLOCH, Marc. Apologia do Passado ou ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 75.

Eles respiravam arte, faziam arte, defendiam a arte e a cultura de forma nobre. Acreditavam realmente que a mudança só é possível através da educação.

Gustavo Capanema, ao assumir o Ministério da Educação e Saúde Pública em 1934, trouxe consigo um grande número de intelectuais para ajuda-lo na difícil tarefa de reconstruir os parâmetros da educação brasileira. Mas, por que essa grande concentração de intelectuais no Ministério Capanema? Qual o motivo dessa *constelação* como afirma a pesquisadora Helena Bomeny? Como já dito, Capanema acreditava na arte, na exaltação à cultura, portanto, os artistas iriam movimentar o Ministério a fim de reorganizar os meandros da educação no Brasil.

Mas, Drummond era um convidado especial. A afinidade que os dois tinham ajudou Capanema a direcionar seu governo. Ao longo desse trabalho de pesquisa, vão se apresentando pistas e indícios da efetiva participação de Drummond no Ministério. Quando questionado, em muitas entrevistas, Drummond afirmava ser apenas um burocrata e não um político ativo. A sua atuação no Ministério da Educação não se constitui meramente administrativa. As fontes analisadas tais como correspondências, imagens, palestras se apresentam de forma a nos conduzir no trilhar de sua ação política.

Drummond antes de tudo era um amante da política, um servidor, um cidadão crítico. Sua inserção na política de certa forma foi estratégica. Seus quase onze anos no Ministério não eram *por simples razões de amizade*. Drummond acredita em sua função, na sua atividade e na força que exercia; na força da política. Vale salientar que muitas de suas ideologias – até mesmo contra o governo vigente – era suprimida não só em razão da ética, pela função que exercia, não era também apenas para poupar o amigo Capanema de constrangimentos. Havia um motivo maior que era ajudar a conduzir o Ministério da Educação, a resguardar os direitos a quem precisa, a valorizar e enaltecer a cultura e a educação de nosso país. Essa era sua ideologia de vida, esse era o caminho que resolveu trilhar. Reconhecido ou não o papel foi cumprido e a história preserva o patrimônio do poeta e político Carlos Drummond de Andrade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-62. São Paulo. Cosac Naif, 2012.

BARROS, Altamir José de. REIS, Robinson Damasceno dos. Retratos na Parede. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012

BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOMENY, Helena. Organizadora. Constelação Capanema. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

\_\_\_\_\_. A estratégia da conciliação: Minas Gerais e a abertura política dos anos trinta. In: Angela Gomes. (Org.). Regionalismo e centralização política. Partidos e Constituinte nos Anos 30. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

\_\_\_\_\_. Guradiões da razão: modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

BORDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Tradução Fernando Tomaz- 2. Ed- Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. “Campo Intelectual e Projeto Criador”. In: Pouillon, Jean (Org.) Problemas do Estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. Escritos da Educação. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CAMARA, Sônia. Reinventando a escola: o ensino profissional feminino na Reforma de Fernando de Azevedo de 1927 a 1930. Rio de Janeiro: Quarter: Faperj, 2013.

CANÇADO, José Maria. Os Sapatos de Orfeu - Biografia de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Molde Nacional e Fôrma Cívica. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CERTEAU, Michel de. A escrita da História. São Paulo: Forense Universitária, 2. Ed, 2006.

\_\_\_\_\_. A invenção do cotidiano. : 1 artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COSERIU, Eugênio. O Homem e a sua Linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística. 2ª edição. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

CHALHOUB, Sidney. Visões da Liberdade: Uma história das últimas décadas da Escravidão na Corte. São Paulo: CIA das Letras, 1990.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Horizontes Modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.) Fazer História da Educação com E. P. Thompson: Trajetórias de um aprendizado. IN: Pensadores Sociais e História da Educação. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 30 ao apogeu do Estado Novo. - 3ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GOMES, Angela de Castro. (org). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.19.

\_\_\_\_\_. História e Historiadores. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

\_\_\_\_\_.(org). Capanema: O ministro e seu ministério. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2000.

GINZBURG, Carlo. Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Carlos Drummond de Andrade: Poesia 1930-62. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p.306.

IGLÉSIAS, Francisco. História e Literatura. Ensaios para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Cedeplar/FACE-UFMG, 2009.

MARTIN, Hércio. A rima na poesia de Carlos Drummond de Andrade. (Introdução de Antônio Hauaiss). Rio de Janeiro: José Olímpio, 1975.

MICELI, Sérgio. Intelectuais à Brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Clarice.Organizadora. O passado sempre presente. Cortez, 1992.

PÉCAUT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: Entre o povo e a nação. São Paulo. Editora Ática, 1989.

PENNA, João Camillo. Drummond: Testemunho da Experiência Humana. Brasília: Abravídeo, 2011, p. 80.

RAYNER, Sônia. Carlos Drummond de Andrade. (seleção de textos). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Drummond: o gauche no tempo. 5ª Ed. rev. – Rio de Janeiro, Record, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria de Bousquet&Costa; VANDA, Maria Ribeiro. Tempos de Capanema. São Paulo, Paz e Terra, 1984.

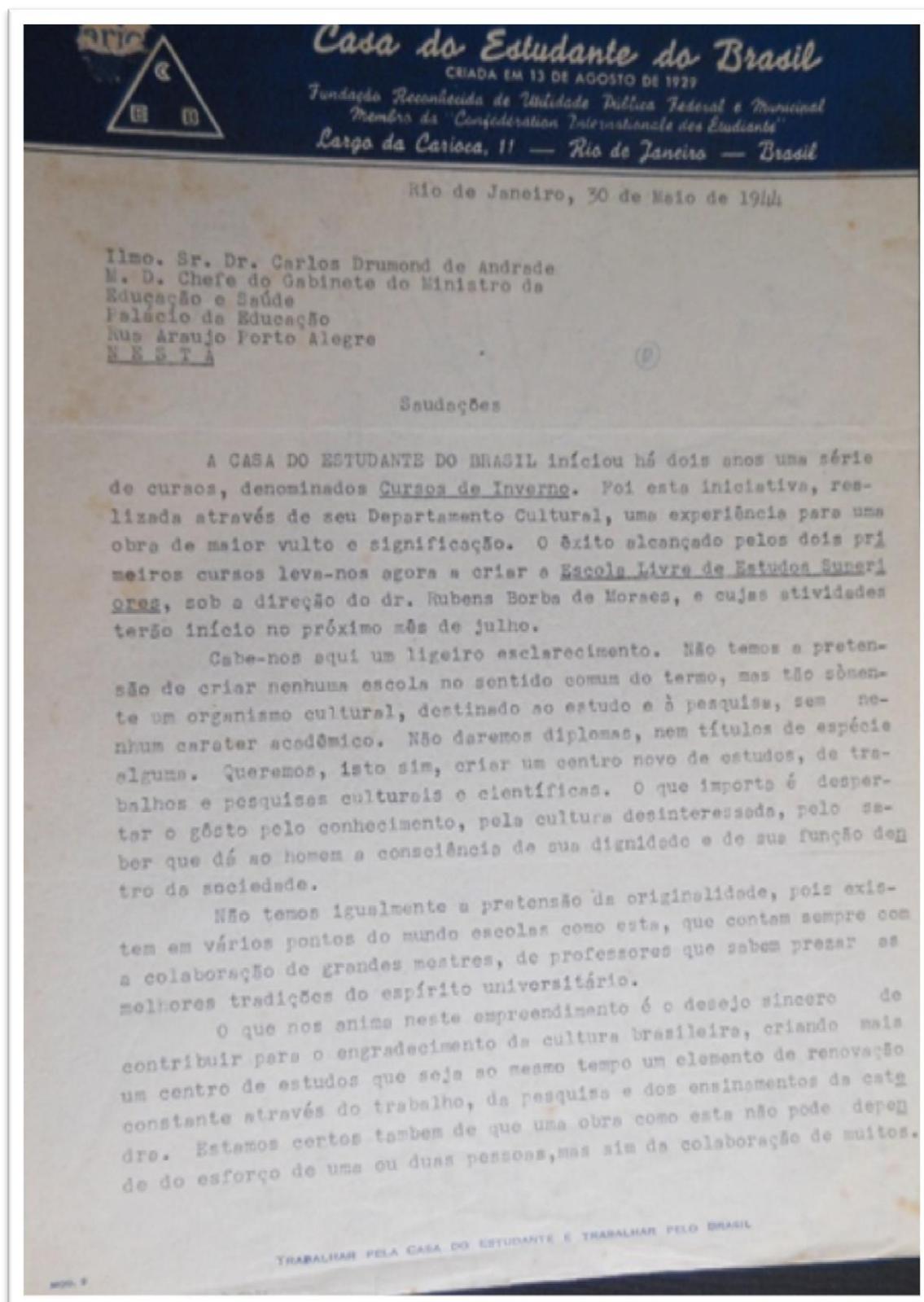
SILVA, Marinete dos Santos. A Educação Brasileira no Estado Novo. São Paulo. Editorial Livramento, 1980.

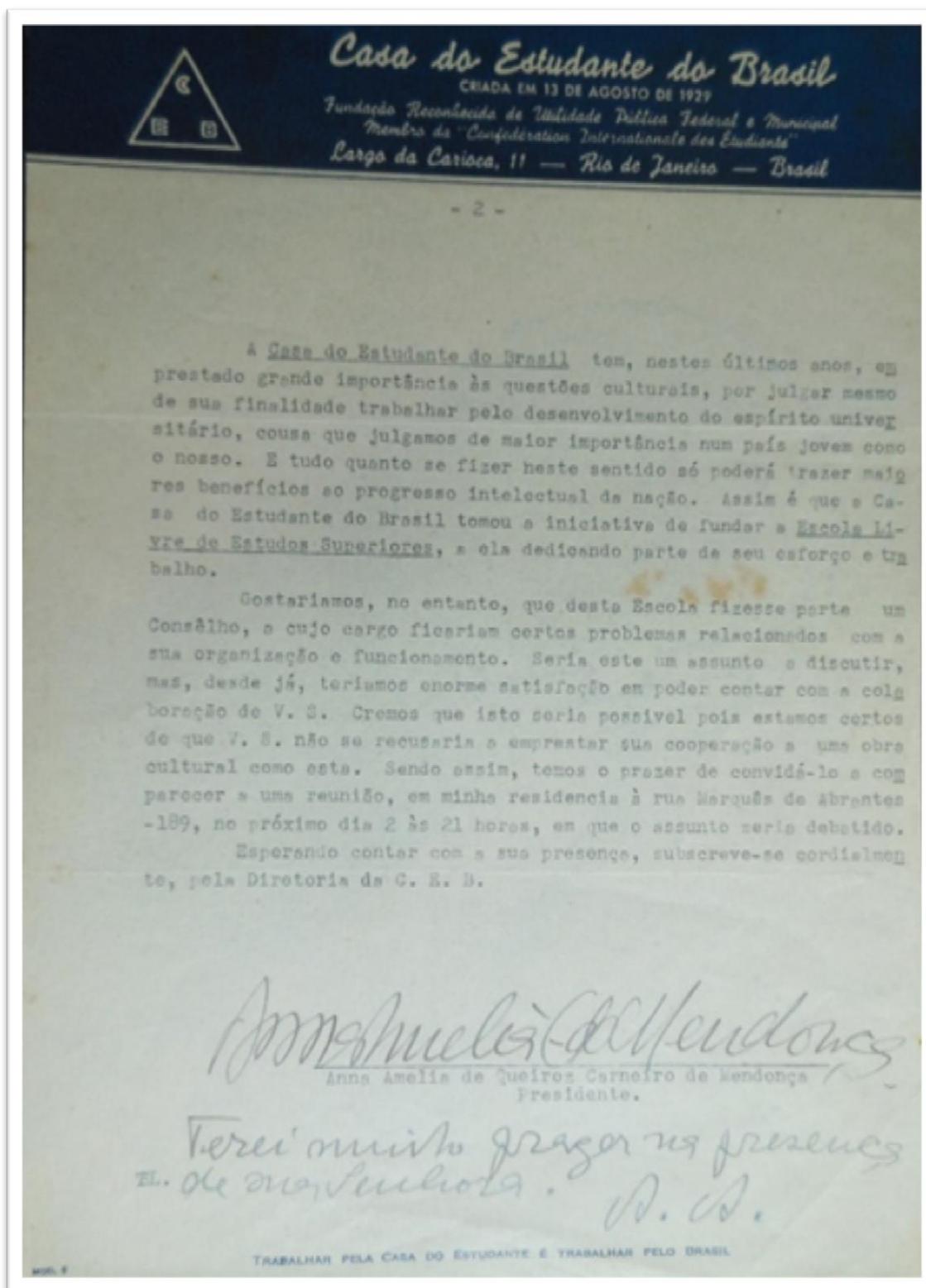
TELES, Gilberto Mendonça. Drummond: A Estilística da Repetição. (Prefácio de Otto Moacyr Garcia). Rio de Janeiro: José Olímpio, 1970. Coleção Documentos Brasileiros, 2ª edição, mesma editora, 1976.

VELHO, Gilberto. Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987, p.33

VIDAL, Diana Gonçalves. (org.) Correspondências entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929 – 1971). Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

## ANEXO A





Correspondência da Fundação Casa do Estudante para Carlos Drummond de Andrade em 30 de maio de 1944, por ocasião de pedido de ajuda para manutenção da casa de cultura. Fonte: Arquivo CDA/FCRB